

Giovani Roberto Klein

**O *ÉDIPO* DE SÊNECA:  
TRADUÇÃO E ESTUDO CRÍTICO**

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Instituto de Estudos da Linguagem  
Universidade Estadual de Campinas

2005

## Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

**K673e**

Klein, Giovani Roberto.

O Édipo de Sêneca : tradução e estudo crítico / Giovani Roberto Klein. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Paulo Sérgio de Vasconcellos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tragédia. 2. Estóicos. 3. Literatura latina. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Seneca's Oedipus : translation and critical study.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Tragedy; Stoics; Latin literature.

Área de concentração: Letras clássicas.

Titulação: Mestrado

Banca examinadora: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Zélia Almeida de Cardoso, Prof. Dr. Flávio de Oliveira Ribeiro, Prof. Dr. Marcos Aurélio Pereira (suplente).

Data da defesa: 08/03/2005

Tese aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos – orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zélia de Almeida Cardoso

---

Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira

---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Pereira (suplente)



## RESUMO

Este trabalho apresenta uma tradução anotada da tragédia *Édipo* do autor latino Sêneca, acompanhada de uma introdução e de três estudos ensaísticos: o primeiro contrastando o papel do destino no *Édipo rei* de Sófocles e no *Édipo* de Sêneca, mostrando as influências da filosofia estoíca neste último; o segundo sobre as imagens da peça, discutindo a propriedade de seu uso por parte de um filósofo estoíco; o terceiro sobre o uso de descrições na peça, como isso subverte as leis aristotélicas da tragédia e qual o papel que elas podem desempenhar.

## ABSTRACT

This work presents an annotated translation of the tragedy *Oedipus* of the latin author Seneca, followed by an introduction and three essayistic studies: the first one contrasting the role of the fate in Sophocles' *Oedipus king* and in Seneca's *Oedipus*, showing the influences of stoic philosophy in the latter; the second focuses on the images of the play, discussing the property of its use by a stoic philosopher; the third one deals with the use of descriptions in the latin play, how this subverts the aristotelian laws of the tragedy and which is their function in the play.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais e a toda minha família, pelo apoio que sempre me deram.

Ao Prof. Paulo, pela valiosa orientação, e aos professores integrantes das minhas bancas de qualificação e de defesa pelas sempre úteis críticas e dicas.

À Gislaine, pela eterna amizade.

A todas as pessoas que de uma forma ou de outra me auxiliaram neste trabalho.

À FAPESP, pelo auxílio financeiro sem o qual este trabalho não seria possível.





## SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i> .....	11
<i>1. A TRADUÇÃO</i> .....	19
<i>2. O DESTINO</i> .....	115
<i>3. AS IMAGENS</i> .....	129
<i>4. A DESCRIÇÃO</i> .....	141
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i> .....	153



## INTRODUÇÃO

O *Édipo* de Lúcio Aneu Sêneca é baseado no célebre *Édipo Rei* de Sófocles, do qual preserva algumas características: dentre elas a mais notável é a estrutura do enredo, que em ambos os casos se caracteriza como uma investigação, uma recuperação cognitiva de um evento do passado que na sua objetividade se contrapõe à consciência subjetiva, de acordo com a técnica da ironia trágica. Essa estrutura na tragédia senequiana acha resultados bastante diversos por causa da distância entre objetivo e subjetivo, ou entre consciência do protagonista e evento trágico.

Se o Édipo sofocleano era o paradigma da incerteza a que a existência humana está submetida, o protagonista da tragédia de Sêneca é o protótipo do tirano perseguido, acossado pela angústia e pelo medo e oprimido por um sentimento de culpa do qual não consegue dar razão<sup>1</sup>. Diante de seus olhos se agita sempre o fantasma do oráculo délfico que prenunciou seus crimes, oráculo que se torna obsessão e chave de leitura de sua sorte infausta, por exemplo a respeito da peste que ele adivinha ligada ao seu reinado na cidade de Tebas.

*Iam iam aliquid in nos fata moliri parant.  
nam quid rear quod ista Cadmeae lues  
infesta genti strage tam late edita  
mibi parcat uni? cui reseruamur malo?  
inter ruinas urbis et semper nouis  
deflenda lacrimis funera ac populi struem  
incolumis adsto: — scilicet Phoebi reus,  
sperare poteris sceleribus tantis dari  
regnum salubre? Fecimus caelum nocens.* (28-36)

Já os fados se preparam para tramar algo contra mim.  
Pois o que pensar se essa peste hostil ao povo de Cadmo,  
com desolação tão longe espalhada,  
só a mim poupa? A que mal estou reservado?  
Entre as ruínas da cidade, os funerais a lastimar  
com lágrimas sempre novas e as pilhas de corpos do povo,  
incólume permaneço — certamente condenado por Febo.  
Poderias esperar que de tantos crimes te seria dado  
um reino salubre? Tornei o céu nocivo

O primeiro elemento da personalidade do protagonista que aparece no prólogo monológico que abre a tragédia é sua atitude desdenhosa ou indiferente para com sua própria realeza, que não é mais, como em Sófocles, fonte de uma ilusória santidade, mas santidade invertida, maldição: oprimido

---

<sup>1</sup> O tema do tirano e a conseqüente discussão sobre o poder que ele suscita estão presentes em várias tragédias de Sêneca e revelam a preocupação do autor com esse tema, cf. Conte, G. B. *Latin literature*, pp. 418-9.

pela angústia, o tirano lamenta o período em que viveu exilado entre Corinto e Tebas, e tem medo de si mesmo:

*Quisquamne regno gaudet? O fallax bonum,  
quantum malorum fronte quam blanda tegis!  
Vt alta uentos semper expiciunt iuga  
rupemque saxcis uasta dirimentem freta  
quamuis quieti uerberat fluctus maris,  
imperia sic excelsa Fortunae obiacent.  
Quam bene parentis sceptrum Polybi fugeram! (6-12)*

Alguém se alegra com o poder real? Ó bem falaz,  
quantos males em quão meiga face escondes!  
Assim como os altos cimios recebem sempre os ventos,  
como os penhascos que com suas rochas dividem as vastas  
são vergastados pelas ondas do mar, mesmo calmo,  
assim os altos impérios enfrentam a Fortuna.  
Fiz bem em fugir ao cetro de meu pai Pólibo!

Esta atitude talvez tenha relação com a concepção pessoal que Sêneca tem do poder: é um núcleo de males, no seu duplice aspecto de violência cometida e sofrida. Há, então, uma analogia entre o “ser rei” de Édipo e a peste: esta última se torna *exemplum* da precariedade sobre a qual o poder se funda.

Em alguns casos, como na disputa com o reticente Creonte, Édipo parece reencontrar alguns dos caracteres de auto-afirmação que se acham em Sófocles.

*Si te ruentes non satis Thebae mouent,  
at sceptrum moneant lapsa cognatae domus. (512-3)*

Se a arruinada Tebas não te comove o suficiente,  
que te comova o cetro caído da casa contigo aparentada.

Mas na peça de Sêneca eles estão impregnados pelo sentimento de opressão e impotência que domina o personagem e torna toda tentativa nesse sentido vã e frustrada. O orgulho do tirano pela própria autoridade é aqui mera projeção externa da angústia que o oprime, talvez mesmo esforço inútil para exorcizá-la.

Em outras passagens, a sombra do oráculo e a percepção crescente, ainda que nublada, da culpa estendem-se à interpretação do passado (a vitória sobre a esfinge é revivida como ilusória e vã) e do presente (Édipo sente que a peste o poupa para que ele possa sofrer outros castigos piores).

*Ille, ille dirus callidi monstri cinis  
in nos rebbat, illa nunc Thebas lues  
perempta perdit. Vna iam superest salus,  
si quam salutis Phoebus ostendit uiam. (106-109)*

Ela, a terrível cinza do astuto monstro

contra nós se rebela, aquela peste destruída por mim agora  
põe a perder Tebas! Resta já uma única salvação,  
que Febo nos indique uma via de salvação.

*Iam iam aliquid in nos fata moliri parant.  
Nam quid reat quod ista Cadmeae lues  
infesta genti strage tam late edita  
mibi parvet uni? Cui reseruamur malo? (28-31)*

Já os fados se preparam para tramar algo contra mim.  
Pois o que pensar se essa peste hostil ao povo de Cadmo,  
com desolação tão longe espalhada,  
só a mim poupa? A que mal estou reservado?

*O sauea nimium numina, o fatum graue!  
Negatur uni nempe in hoc populo mihi  
mors tam parata? (75-77)*

Ó demasiado cruéis numes, ó fado severo!  
É com efeito negada só a mim, dentre este povo,  
morte tão preste?

De que então deriva essa angústia? É uma pergunta para a qual é necessário achar resposta, uma vez que é esta a chave da diferença entre o Édipo senequiano e o de Sófocles.

Édipo, na tragédia em questão, não adverte para a dilaceração entre sua própria subjetividade, que o protesta inocente, e a realidade factual e objetiva de sua culpa da mesma maneira como é percebida em Sófocles: entre autoconsciência e realidade existe, para o Édipo senequiano, uma espécie de “terra de ninguém”, representada pela “introjeção” da resposta do oráculo de Delfos; é aí que germina aquele sentimento opressivo de culpa que o persegue.

Inversamente, no *Édipo rei* de Sófocles, a racionalidade tem o predomínio, através da qual a discrepância entre consciência e verdade é mais ampla. Deriva disto que, ao término da corrida heurística ao redor da qual são construídas ambas as tragédias, aquela do dramaturgo grego atinge um resultado mais violento e ao mesmo tempo mais comovente, uma vez que o seu protagonista não se avizinhou da revelação de modo gradual, mas adquiriu consciência da realidade de acordo com os mecanismos da racionalidade mais brutal.

Em suma, enquanto o Édipo senequiano vive a debater-se no sentimento de culpa, o de Sófocles não conhece o benefício da dúvida maturada na psique desde a primeira resposta oracular.

Disso resulta que na tragédia de Sófocles a dramaticidade se concentra sobretudo no momento do reconhecimento – que coincide com o momento da peripécia, arranjo altamente elogiado por

Aristóteles<sup>2</sup> –, enquanto Sêneca dilui no decorrer da obra a tensão, que, não obstante, acha no fim da peça o seu ápice. No *Édipo* latino, portanto, a distância entre objetivo e subjetivo diminui na medida em que está entremeada pela percepção da culpa, a qual acha sua desembocadura no medo incoercível do protagonista.

Neste sentido, pode-se ler também a cesura entre sede de conhecimento e ignorância: Édipo, herói caracterizado pela força do intelecto e não pela física, quer conhecer seu próprio destino, embora sentindo que o silêncio seria preferível: instiga-se assim o embate entre o protagonista, que sustenta: “A ignorância é um remédio ineficaz contra os males” (*Iners malorum remedium ignorantia est*, 515), e a reticência de Creonte e Tirésias. Todavia, enquanto para o Édipo sofocleano isto se dá pela esperança de salvação, em Sêneca o protagonista age movido pelo desespero, convencido como está de que os males ao final são certos.

Isto basta para dar uma idéia das diferenças entre o *Édipo rei* de Sófocles e o *Édipo* de Sêneca; mesmo tratando de um mesmo mito e compartilhando boa parte dos eventos, o efeito produzido é bastante diverso. No estudo que se segue à tradução, procurarei tratar de alguns pontos dessa diversidade. Trata-se de três capítulos mais ou menos independentes entre si, de caráter ensaístico, que de forma alguma ambicionam esgotar os assuntos tratados.

O primeiro deles trata de um tema que, a meu ver, tem fundamental importância em ambas as peças: o destino. Tentarei demonstrar que os dogmas da filosofia estoíca, professada por Sêneca, operaram uma diferença capital no tratamento dado por ele ao papel do destino na peça, introduzindo uma noção de compulsoriedade, de inevitabilidade, ausente no pensamento grego tradicional acerca do destino e dos oráculos, do qual o *Édipo rei* é um produto.

Os dois restantes capítulos tratam de aspectos mais formais da tragédia. O primeiro trata do uso das imagens formais e de outros recursos que conferem à peça um forte caráter visual. Discutirei as implicações do uso desses recursos por parte de um filósofo estoíco, tentando demonstrar que isso não contradiz os princípios do Pórtico (que censurava fortemente o apelo às paixões, que normalmente se considera a arma maior da retórica), uma vez que se pode estabelecer, com base nos escritos filosóficos de Sêneca, uma diferença entre emoção e paixão.

O último ensaio explora uma das características formais mais marcantes e distintivas do teatro senequiano, quando comparado à tragédia grega: o extenso uso de descrições. As tragédias de Sêneca recorrem a esse recurso de maneira muito mais ampla do que as gregas (no *Édipo*, por exemplo, as

---

<sup>2</sup> *Poet.*, 1452a: “O mais belo reconhecimento é o que se dá ao mesmo tempo que uma peripécia, como aconteceu no *Édipo*.” (na tradução de Jaime Bruna, *A poética clássica*, p. 30).

descrições ocupam cerca de metade da peça), algumas vezes com descrições que ocupam mais de uma centena de versos. Isto quebra uma das principais regras aristotélicas da tragédia, que a define como gênero em contraste com a épica: que a ação deve ser representada com atores agindo, não narrando. As tragédias senequianas, dessa forma, em muitos momentos aproximam-se muito mais do gênero épico do que do trágico. Tentarei argumentar que isso talvez se deva à função parenética e moralizante do teatro senequiano, já que o emprego de descrições garante às peças uma presença autoral mais forte, através da qual o filósofo pode transmitir mais claramente sua mensagem.

Finalmente, gostaria de dizer algo sobre a tradução. Todo trabalho de tradução deve lidar com um certo nível de “perda” em relação ao original; não é possível reproduzir de maneira exata todos os seus sentidos e efeitos. Isso é ainda mais claro no caso da poesia, pois nela forma e conteúdo estão mais intrinsecamente unidas do que no uso cotidiano da língua: as convenções métricas, os efeitos que determinada ordem de palavras confere, as imagens, metáforas, sinonímias, enfim, todos os recursos de que dispõe o poeta devem ser levados em conta. Não se trata de apenas transferir o conteúdo semântico do original para a tradução, ignorando a forma como o poeta o dispôs.

Não tive nenhuma pretensão de que minha tradução reproduzisse os recursos poéticos do original, mesmo porque se trata de um trabalho acadêmico, do qual normalmente se espera uma certa “fidelidade” ao original, compreendida como a reprodução do seu conteúdo semântico. Procurei, contudo, conferir à tradução um certo ritmo, que na medida do possível mimetizasse o original. Fiz isso, sobretudo, procurando manter-me o mais próximo possível da ordem de palavras do texto traduzido, sem descuidar de evitar estruturas exageradamente estranhas para o padrão do português. Procurei, também, conferir uma certa “latinidade” à tradução, utilizando, sempre que possível, palavras com a mesma raiz da traduzida, ou mesmo mantendo algumas formas do original (algumas das quais já estão dicionarizadas em português; outras, quando foi o caso, expliquei em notas), pois acredito que não se deva tentar mascarar a origem do texto, escondendo as características da cultura que o gerou.

Procurei adotar como modelo de tradução os princípios preconizados por Schleiermacher em seu influente ensaio “Sobre os diferentes métodos de tradução” (1812)<sup>3</sup>. Para compreender o que Schleiermacher entende por tradução, é preciso partir de sua noção de língua. Para ele, a língua está indissociavelmente ligada à cultura e à história de um povo; ela seria uma espécie de repositório das crenças, concepções e conhecimentos de cada nação, “pois quem reconhece a força formadora da língua, como ela é uma coisa só com as particularidades do povo, também tem de confessar que para os mais cultos, todo o seu saber, e também a possibilidade de apresentá-lo, são formados com e através

---

<sup>3</sup> Tradução brasileira publicada em Heidermann, W. (org.). *Clássicos da teoria da tradução*.

da língua”<sup>4</sup>. Ou seja, a língua, ao mesmo tempo que é moldada pelo falante, também molda seu modo de pensar, pois não podemos fugir às suas imposições. Essa influência da língua é tanto mais forte quanto menos o objeto se impuser ao discurso:

Sempre que o discurso que ela deve expressar não estiver ligado a objetos ou situações exteriores que estão bem diante dos olhos, onde, pois, o enunciador pensa mais ou menos espontaneamente e pretende pronunciar-se, o enunciador está em dupla relação com a língua, e seu discurso só será bem entendido à medida que essa relação for bem compreendida. Por um lado, cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. (...) Mas, por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira.<sup>5</sup>

Esse é justamente o caso da arte. Um grande poeta, ao mesmo tempo que é influenciado pela sua língua, molda-a às suas intenções, associando palavras conforme seu significado, sua sonoridade, seu parentesco, por vezes criando novas palavras, subvertendo a sintaxe para alcançar a expressão que buscava. É esse jogo íntimo com a língua que torna a tradução da poesia (e da literatura em geral) tão difícil, pois nela significante e significado estão mais intrinsecamente ligados do que na língua cotidiana. Nela, as relações de sinonímia, por exemplo, não se aplicam da mesma forma que no uso ordinário da língua: a escolha de uma determinada palavra dentro de um campo semântico não é fortuita, ela obedece a relações mais complexas que a simples coincidência de significado, como a sonoridade, o parentesco etimológico, a seqüência de sílabas breves e longas (no caso do latim, por exemplo), etc.

Tendo em mente essa relação especial da poesia com a língua, podemos entender o conceito de tradução de Schleiermacher. Convém primeiramente retomar a distinção que o autor faz entre as distintas abordagens dos tradutores frente ao original: a que pretende levar a obra ao leitor e a que pretende levar o leitor à obra. Na primeira abordagem, o tradutor procuraria traduzir a obra original da mesma forma que o autor a teria escrito se pertencesse à cultura do tradutor (alemã, no caso de Schleiermacher); na segunda, o autor procuraria reproduzir na tradução a mesma sensação que ele tem diante do original, ao mesmo tempo familiar e estranha. O esforço do tradutor preso à primeira abordagem seria baldado, já que existe essa dupla relação com a língua, ao mesmo tempo moldadora e moldada, e já que a língua está intimamente ligada à cultura e à história do povo. Dessa forma, seria inútil tentar traduzir Tácito (para usar o exemplo de Schleiermacher) como ele teria escrito se fosse um alemão da primeira metade do século XIX, pois nesse caso ele teria necessariamente escrito de forma diferente, pois estaria ligado a um outro povo, a uma outra cultura, com uma diferente história, a uma outra língua. Restaria, portanto, a segunda abordagem, na qual o tradutor tentaria reproduzir na sua

---

<sup>4</sup> *Id., ibid.*, p. 67.

<sup>5</sup> *Id., ibid.*, p. 35-7.



tradução o estranhamento que ele mesmo sofre no contato com o original, pois, por mais que conheça a língua estrangeira, o tradutor sempre encontrará nela algo que reforce seu caráter de não familiaridade. Ele deveria também levar para sua tradução algo do espírito próprio de cada autor, apesar da dificuldade dessa tarefa, já que no mais das vezes é impossível reproduzir perfeitamente as associações de palavras do original, pois na língua do original e na do tradutor as relações entre as palavras se dão de maneira diversa.



## 1. A TRADUÇÃO

### *Nota prévia*

Segui o texto latino editado e comentado por Karlheinz Töchterle, que segue de perto a edição de Oxford, com algumas pequenas modificações. Também foram consultadas, para fins de comparação, as edições da “Belles Lettres” e da Loeb, das quais adotei as indicações cênicas. As referências, nas notas, a textos clássicos são feitas segundo as abreviações usuais. Procurei manter, na tradução, para facilitar a localização, as quebras de verso do texto original. Os comentários de Töchterle são a fonte de grande parte de minhas notas.

## PERSONAGENS

ÉDIPO, rei de Tebas

JOCASTA, sua esposa

CREONTE, irmão de Jocasta

TIRÉSIAS, adivinho

MANTO, sua filha

VELHO CORÍNTIO, mensageiro de Corinto

FORBAS, pastor dos rebanhos reais de Tebas

MENSAGEIRO

CORO de cidadãos tebanos

SERVOS

*A cena é em frente ao palácio real de Tebas.*

## PRIMEIRO ATO

*Prólogo*

Édipo, Jocasta

## ÉDIPO

Já, expulsa a noite, dúbio o Titã retorna  
e, abatido pela nuvem escura, ergue-se seu disco:  
a chama funesta, mostrando sua luz triste,  
divisará nossas casas assoladas por ávida peste  
e a carnificina que a noite fez o dia mostrará.

5

Alguém se alegra com o poder real? Ó bem falaz,  
quantos males em quão meiga face escondes!  
Assim como os altos cimos recebem sempre os ventos,  
como os penhascos que com suas rochas dividem as vastas águas  
são vergastados pelas ondas do mar, mesmo calmo,  
assim os altos impérios enfrentam a Fortuna.  
Fiz bem em fugir ao cetro de meu pai Pólibo!  
Livre de cuidados, exilado, intrépido vagando  
(tomo como testemunhas o céu e os deuses), obtive por acaso o poder;

10

## PERSONAE

OEDIPVS

IOCASTA

CREO

TIRESIA

MANTO

SENEC CORINTHIVS

PHORBAS

NVNTIVS

CHORVS THEBANORVM

FAMVLI (muti)

*Scaena Thebis*

**OEDIPVS** Iam nocte Titan dubius expulsa redit  
 et nube maestum squalida exoritur iubar,  
 lumenque flamma triste luctifica gerens  
 prospiciet auida peste solatas domos,  
 stragemque quam nox fecit ostendet dies.

5

Quisquamne regno gaudet? o fallax bonum,  
 quantum malorum fronte quam blanda tegis!  
 ut alta uentos semper excipiunt iuga  
 rupemque saxis uasta dirimentem freta  
 quamuis quieti uerberat fluctus maris,  
 imperia sic excelsa Fortunae obiacent.  
 Quam bene parentis scepra Polybi fugeram!  
 curis solutus exul, intrepidus uagans  
 (caelum deosque testor) in regnum incidi;

10

o infando temo: que por minha mão meu pai  
 pereça; disto os loureiros délficos<sup>6</sup> me advertem  
 e um outro crime ainda maior me indicam<sup>7</sup>. 15

Há infâmia maior do que matar o pai?  
 Ó mísera piedade (repugna-me narrar meu fado),  
 com o tálamo do pai e com funestas núpcias, 20  
 incestuosas, iluminadas por fachos ímpios, ao filho Febo ameaça;  
 este é o temor que me expulsou do reino de meu pai,  
 por isso, fugitivo, deixei meus penates:  
 pouco confiando em mim mesmo, coloquei em segurança as tuas,  
 Natureza, leis. Quando tens horror a algo grande, 25  
 embora não creias que possa acontecer, temes mesmo assim;  
 atemorizo-me com tudo e não confio em mim mesmo.

Já os fados se preparam para tramar algo contra mim.  
 Pois o que pensar se essa peste hostil ao povo de Cadmo,  
 com desolação tão longe espalhada, 30  
 só a mim poupa? A que mal estou reservado?  
 Entre as ruínas da cidade, os funerais a lastimar  
 com lágrimas sempre novas e as pilhas de corpos do povo,  
 incólume permaneço — certamente condenado por Febo.  
 Poderias esperar que de tantos crimes te seria dado 35  
 um reino salubre? Tornei o céu nocivo.

Nenhuma brisa branda com seu gélido sopro alivia  
 os peitos arquejantes de febre, nenhum Zéfiro ligeiro  
 sopra, mas aumenta a chama da ardente canícula  
 o Titã, premendo o dorso do leão de Neméia<sup>8</sup>. 40  
 Abandonou as correntes a água e as ervas, a cor,  
 está seca Dirce, o Ismeno<sup>9</sup> flui tênue

<sup>6</sup> Febo dava seus oráculos, em Delfos, através do loureiro que se encontrava dentro do seu templo.

<sup>7</sup> *Cf. Phoe.*, 269ss.

<sup>8</sup> Entre julho e agosto (verão no hemisfério norte), o sol se encontra em conjunção com a constelação Canícula (ou Cão Maior) e também com a constelação de Leão; matar o leão de Neméia foi o primeiro dos doze trabalhos de Hércules; *cf. Ovídio, Met.*, IX, 197.

<sup>9</sup> Dirce é a fonte de Tebas, e Ismeno, o rio.

infanda timeo: ne mea genitor manu 15  
 perimatur; hoc me Delphicae laurus monent,  
 aliudque nobis maius indicunt scelus:  
 est maius aliquod patre mactato nefas!  
 pro misera pietas (eloqui fatum pudet),  
 thalamos parentis Phoebus et diros toros 20  
 gnato minatur impia incestos face.  
 hic me paternis expulit regnis timor,  
 hoc ego penates profugus excessi meos:  
 parum ipse fidens mihimet in tuto tua,  
 Natura, posui iura. cum magna horreas, 25  
 quod posse fieri non putes metuas tamen:  
 cuncta expauesco meque non credo mihi.

Iam iam aliquid in nos fata moliri parant.  
 nam quid rear quod ista Cadmeae lues  
 infesta genti strage tam late edita 30  
 mihi parcit uni? cui reseruamur malo?  
 inter ruinas urbis et semper nouis  
 deflenda lacrimis funera ac populi struem  
 incolumis asto — scilicet Phoebi reus.  
 sperare poteras sceleribus tantis dari 35  
 regnum salubre? fecimus caelum nocens.

Non aura gelido lenis afflatu fouet  
 anhela flammis corda, non Zephyri leues  
 spirant, sed ignes auget aestiferi canis  
 Titan, leonis terga Nemeaei premens. 40  
 deseruit amnes umor atque herbas color  
 aretque Dirce, tenuis Ismenos fluit

e com sua onda enfraquecida rega a custo os vaus nus.  
 Obscurecida, no firmamento desliza a irmã de Febo<sup>10</sup>,  
 e, sombrio, o céu<sup>11</sup> empalidece com o dia encoberto. 45

Nenhum astro cintila nas noites serenas,  
 mas um pesado e negro vapor<sup>12</sup> pesa sobre a terra;  
 envolve as moradas celestes e os elevados palácios  
 uma aparência infernal. Nega o fruto Ceres<sup>13</sup>  
 amadurecida, embora, dourada, com altas espigas ondula<sup>14</sup>; 50  
 com a cana ressecada as sementes estéreis morrem.

Nenhuma parte, imune, está livre da destruição,  
 mas todas as idades igualmente e os sexos arruína,  
 e os jovens aos velhos e os pais aos filhos une sob o mesmo jugo  
 a funesta peste; uma só fogueira queima os tálamos. 55

E os funerais carecem de lágrimas amargas e de gemidos:  
 mais, esse flagelo obstinado de tamanho mal  
 secou os olhos, e, como sói acontecer em situações extremas,  
 pereceram as lágrimas. O pai moribundo leva este filho  
 ao fogo supremo, este outro o traz a mãe desvairada, 60  
 que se apressa para levar um outro à mesma pira.

Mais, do próprio luto um luto novo nasce,  
 em torno do corpo tombam os que o levavam.  
 Depois os mortos próprios queimam em alheias fogueiras;  
 disputam-se as chamas: não há pudor para os infelizes. 65

Distintos<sup>15</sup> túmulos não cobrem os ossos santos:  
 tê-los incinerado basta — e quanto deles se transforma em cinzas!  
 Falta terra para os túmulos, já as florestas negam as piras.

---

<sup>10</sup> A lua.

<sup>11</sup> *Mundus* no sentido de “céu, firmamento”; cf. *Thy.*, 1078s: *nubibus totum horridis / conuolue mundum*. Esta é a interpretação de Töchterle, bem como dos tradutores da Loeb e da “Belles Lettres”.

<sup>12</sup> *Vapor* relaciona-se ao campo semântico de fogo, que tem um significado predominantemente negativo nas tragédias de Sêneca, indicando genericamente a violência e a desmedida; cf. Segurado e Campos [1972], *passim*, especialmente p. 239ss.

<sup>13</sup> Deusa romana da agricultura, usada aqui para referir-se ao trigo.

<sup>14</sup> *Adulta* e *cum* têm sentido concessivo-adversativo no original. A imagem se refere à ondulação dos campos de trigo maduro.

<sup>15</sup> Cf. Segurado e Campos [1984], p. 229.



et tinguunt inopi nuda uix unda uada.  
 obscura caelo labitur Phoebi soror,  
 tristisque mundus nubilo pallet die. 45  
 nullum serenae noctibus sidus micat,  
 sed grauis et ater incubat terris uapor:  
 obtexit arces caelorum ac summas domos  
 inferna facies. denegat fructum Ceres  
 adulta, et altis flaua cum spicis tremat, 50  
 arente culmo sterilis emoritur seges.  
 Nec ulla pars immunis exitio uacat,  
 sed omnis aetas pariter et sexus ruit,  
 iuuenesque senibus iungit et gnatis patres  
 funesta pestis, una fax thalamos cremat. 55  
 fletuque acerbo funera et questu carent:  
 quin ipsa tanti pernicax clades mali  
 siccauit oculos, quodque in extremis solet,  
 periere lacrimae. portat hunc aeger parens  
 supremum ad ignem, mater hunc amens gerit 60  
 properatque ut alium repetat in eundem rogam.  
 quin luctu in ipso luctus exoritur nouus,  
 suaeque circa funus exequiae cadunt.  
 tum propria flammis corpora alienis cremant;  
 diripitur ignis: nullus est miseris pudor. 65  
 non ossa tumuli sancta discreti tegunt:  
 arsisse satis est — pars quota in cineres abit!  
 dest terra tumulis, iam rogos siluae negant.

Nenhum voto, nenhuma arte levanta os enfermos:  
 caem os médicos, a doença arrasta os que vêm em auxílio. 70  
 Prosternado diante dos altares estendo as mãos súplices,  
 rogando um fado preste, a fim de me antecipar  
 à ruína da pátria e não morrer depois de todos  
 nem me tornar o último morto de meu reino.  
 Ó demasiado cruéis numes, ó fado severo! 75  
 É com efeito negada só a mim, dentre este povo,  
 morte tão preste? Afasta-te deste reino tocado  
 pela tua fatal mão, deixa as lágrimas, os funerais,  
 a atmosfera pestilenta<sup>16</sup> que contigo trazes,  
 infausto hóspede, fuge o quanto antes — 80  
 ainda que para junto de teus pais<sup>17</sup>.

JOCASTA [*que entrara a tempo de ouvir as últimas palavras do marido*]

De que serve, esposo, os males  
 agravar com queixas? Isto é o que considero digno de um rei:  
 suportar as adversidades, e por mais que a situação  
 esteja incerta e o fardo do poder cadente vacile,  
 tanto mais a coragem deve resistir acirradamente, de pé firme: 85  
 não é viril dar as costas à Fortuna.

ÉDIPO

Está longe de mim essa acusação e pecha de covardia,  
 e minha virtude ignora esses medos frouxos:  
 se as armas estivessem apontadas contra mim, se a violência horrenda  
 de Mavorte<sup>18</sup> contra mim se arrojasse — defronte os ferozes 90  
 Gigantes, audaz, apresentaria mãos opositoras.  
 Nem à Esfinge, com as frases obscuras que compunha,  
 fugi. Os cruentos lábios desse infame vate suportei  
 e o solo embranquecido pelos ossos espalhados;  
 quando do alto do rochedo, já a presa ameaçando, 95

<sup>16</sup> Mais literalmente, “o mal pestilento do céu”.

<sup>17</sup> Pólibo e Mérope, que Édipo achava serem seus pais.

<sup>18</sup> Marte.

non uota, non ars ulla correptos leuant:  
cadunt medentes, morbus auxilium trahit. 70

Adfusus aris supplices tendo manus  
matura poscens fata, praecurram ut prior  
patriam ruentem neue post omnis cadam  
fiamque regni funus extremum mei.

o saeua nimium numina, o fatum graue!  
negatur uni nempe in hoc populo mihi  
mors tam parata? sperne letali manu  
contacta regna, linque lacrimas, funera,  
tabifica caeli uitia quae tecum inuehis

infaustus hospes, profuge iamdudum ocius — 80  
uel ad parentes!

**IOCASTA** Quid iuuat, coniunx, mala  
grauare questu? regium hoc ipsum reor:  
aduersa capere, quoque sit dubius magis  
status et cadentis imperi moles labet,  
hoc stare certo pressius fortem gradu: 85  
haud est uirile terga Fortunae dare.

**OE.** Abest pauoris crimen ac probrum procul,  
uirtusque nostra nescit ignauos metus:  
si tela contra stricta, si uis horrida  
Mauortis in me rueret — aduersus feros 90  
audax Gigantas obuias ferrem manus.

nec Sphinga caecis uerba nectentem modis  
fugi: cruentos uatis infandae tuli  
rictus et albens ossibus sparsis solum;  
cumque e superna rupe iam praedae imminens 95

preparava as asas e, brandindo o açoite da cauda,  
 como um sevo leão concebia ameaças,  
 os seus versos exigi: soou horrendo sobre mim,  
 estalaram suas mandíbulas, e as pedras, impaciente com a demora,  
 arrancava com as garras, esperando minhas vísceras; 100  
 as tortuosas palavras do enigma e as emaranhadas astúcias  
 e os sombrios versos da besta alada decifrei.

Por que, tarde demais agora, demente, fazes votos de morte?  
 Era-te permitido morrer. Este cetro é um prêmio pela tua glória,  
 e pela destruição da Esfinge esta paga te é dada. 105  
 Ela, a terrível cinza do astuto monstro  
 contra nós se rebela, aquela peste destruída por mim agora  
 põe a perder Tebas! Resta já uma única salvação,  
 que Febo nos indique uma via de salvação<sup>19</sup>.

*Primeiro Canto Coral*

CORO

Pereces, de Cadmo<sup>20</sup> generosa prole, 110  
 com toda a cidade; viúvas de lavradores  
 vês as terras, miseranda Tebas.  
 É colhido pela morte, ó Baco, aquele teu famoso  
 soldado, que te acompanhou até o extremo da Índia<sup>21</sup>,  
 que ousou cavalgar nos campos eôs 115  
 e fincar tuas insígnias no começo do mundo.  
 Viu os Árabes ricos em florestas de cinamomos  
 e as flechas voltadas dos cavaleiros,  
 as costas temíveis dos pérfidos Partos<sup>22</sup>;

<sup>19</sup> Sêneca parece imitar os versos célebres de Vergílio: *Vna salus uictis nullam sperare salutem*, “Só há uma salvação para os vencidos: não esperar nenhuma salvação” (*Aen.*, II, 354).

<sup>20</sup> Fundador mítico de Tebas.

<sup>21</sup> Cf. Ovídio, *Fasti*, III, 465, Apolodoro, *Bib.*, III, 5, 1-3.

<sup>22</sup> Referência à tática dos cavaleiros Partos de fugir (ou fingir a fuga) lançando flechas contra o inimigo; cf. Vergílio, *Geor.*, III, 31, Ovídio, *Ars am.*, I, 209s.

aptaret alas uerbera et caudae mouens  
 saeui leonis more conciperet minas,  
 carmen poposci: sonuit horrendum insuper,  
 crepuere malae, saxaque impatiens morae  
 reulsit unguis uiscera expectans mea; 100  
 nodosa sortis uerba et implexos dolos  
 ac triste carmen alitis solui ferae.

Quid sera mortis uota nunc demens facis?  
 licuit perire. laudis hoc pretium tibi  
 sceptrum et peremptae Sphingis haec merces datur. 105  
 ille, ille dirus callidi monstri cinis  
 in nos rebellat, illa nunc Thebas lues  
 perempta perdit. Vna iam superest salus,  
 si quam salutis Phoebus ostendat uiam.

**CHORVS** Occidis, Cadmi generosa proles, 110  
 urbe cum tota; uiduas colonis  
 respicis terras, miseranda Thebe.  
 carpitur leto tuus ille, Bacche,  
 miles, extremos comes usque ad Indos,  
 ausus Eois equitare campis 115  
 figere et mundo tua signa primo:  
 cinnami siluis Arabas beatos  
 uidit et uersas equitis sagittas,  
 terga fallacis metuenda Parthi;

penetrou as costas do mar vermelho<sup>23</sup>, 120  
 ali onde se levanta o sol nascente e abre sua luz  
 Febo, tingindo, com sua chama muito próxima,  
 os desnudos indianos.

De uma estirpe invicta descendentes, perecemos,  
 somos abatidos por um cruel fado que nos arrebatou; 125  
 conduz-se sempre uma nova pompa fúnebre;  
 longa fileira de uma multidão aflita  
 apressa-se em direção aos manes, e a triste fileira  
 se embarça, e para a turba que busca os túmulos  
 nossas sete portas não são suficientemente largas. 130  
 Não recua a funesta carnificina, e são premidos cadáveres  
 por cadáveres que se lhes juntam.

Primeiro o flagelo atingiu as indolentes bianejas<sup>24</sup>;  
 a lanígera ovelha mal pascia as pingues ervas.  
 Pusera-se em posição para golpear o pescoço, o sacerdote: 135  
 quando a mão elevada prepara o golpe certo,  
 o touro de chifre áureo e rutilante  
 tomba enfraquecido; o pescoço aberto se fendeu  
 sob o golpe de grande peso<sup>25</sup>:  
 e não sangue, mas um pus torpe, 140  
 vertido da negra ferida, maculou o ferro.  
 Mais lento na carreira, o ginete tombou  
 no meio da pista<sup>26</sup> e o seu senhor lançou  
 do reclinado flanco.

Deita-se no pasto o gado abandonado, 145

<sup>23</sup> A referência é ao Oceano Índico, não ao Mar Vermelho.

<sup>24</sup> Ovelhas de dois anos, prontas para serem oferecidas como vítimas nos sacrifícios; o adjetivo é de Odorico Mendes (*cf. Eneida Brasileira*, VIII, 536).

<sup>25</sup> Segundo Frank Justus Miller, tradutor da edição da Loeb, trata-se de dois sacrifícios: a primeira vítima tombou sem ser golpeada, a segunda foi atingida pelo machado.

<sup>26</sup> A morte de cavalos de corrida como signo da peste é retratada por Vergílio, *Geor.*, III, 498-514, e por Ovídio, *Met.*, VII, 542-4. A imagem nesta passagem é reforçada pelo fato de o cavalo morrer no meio de uma corrida.

litus intrauit pelagi rubentis:	120
promit hinc ortus aperitque lucem Phoebus et flamma propiore nudos inficit Indos.	
Stirpis inuictae genus interimus, labimur saeuo rapiente fato;	125
ducitur semper noua pompa Morti: longus ad manes properatur ordo agminis maesti, seriesque tristis haeret et turbae tumulos petenti non satis septem patuere portae.	130
stat grauis strages premiturque iuncto funere funus.	
Prima uis tardas tetigit bidentes: laniger pingues male carpsit herbas; colla tacturus steterat sacerdos:	135
dum manus certum parat alta uulnus, aureo taurus rutilante cornu labitur segnis; patuit sub ictu ponderis uasti resoluta ceruix:	
nec cruor, ferrum maculauit atra turpis e plaga sanies profusa. segnior cursu sonipes in ipso concidit gyro dominumque prono prodidit armo.	140
Incubant agris pecudes relictæ;	145

o touro, em meio à manada que perece, definha:

expira o pastor em meio ao rebanho reduzido,  
morrendo entre os bezerras debilitados.

Aos lobos rapaces os cervos não temem,

cessa o rugido do iracundo leão, 150

nenhuma ferocidade nos hirsutos ursos.

Perdeu a pestilência a oculta serpente:

resseca-se e, seco o veneno, morre.

A floresta, não ornada com sua folhagem,

não espalha suas sombras pelos escuros montes, 155

os campos não verdejam com a fertilidade da gleba,

a videira não se curva com os ramos cheios

dos dons de Iaco<sup>27</sup>:

tudo sentiu o nosso mal.

Rompeu os claustros do Érebo profundo 160

a turba das irmãs com tocha tartárea<sup>28</sup>,

e o Flegetonte misturou o Estige<sup>29</sup>,

movido do seu leito, nas águas sidônias<sup>30</sup>.

A morte negra escancara a boca ávida

e estende totalmente as asas; 165

aquele<sup>31</sup> que com a ampla barca os turvos 166a

rios guarda, 166b

duro piloto de robusta velhice,

com esforço move os braços fatigados

pela vara incessante,

<sup>27</sup> O vinho; Iaco é o nome de Baco nos Mistérios de Elêusis, derivado do grito ritual *iakbê* dos iniciados; cf. Ovídio, *Met.*, IV, 15.

<sup>28</sup> As Fúrias, ou Erínias, deusas vindagoras dos crimes de sangue.

<sup>29</sup> Rios do mundo subterrâneo, o primeiro é composto de fogo.

<sup>30</sup> Ou seja, tebanas; Cadmo, fundador de Tebas, era fenício, daí o adjetivo sidônias, de Sídón, cidade fenícia.

<sup>31</sup> Caronte, barqueiro que conduzia as almas dos mortos através do Estige até as portas do submundo. Vergílio, *Aen.*, VI, 315 e 385, também o chama de *Nauíta*.



taurus armento pereunte marcet:  
 deficit pastor grege deminuto  
 tabidos inter moriens iuuenos.  
 non lupos cerui metuunt rapaces,  
 cessat irati fremitus leonis, 150  
 nulla uillosis feritas in ursis;  
 perdidit pestem latebrosa serpens:  
 aret et sicco moritur ueneno.

Non silua sua decorata coma  
 fundit opacis montibus umbras, 155  
 non rura uirent ubere glebae,  
 non plena suo uitis Iaccho  
 bracchia curuat:  
 omnia nostrum sensere malum.

Rupere Erebi claustra profundi 160  
 turba sororum face Tartarea  
 Phlegethonque sua motam ripa  
 miscuit undis Styga Sidoniis.  
 Mors atra auidos oris hiatus  
 pandit et omnis explicat alas; 165  
 quique capaci turbida cumba 166a  
 flumina seruat 166b  
 durus senio nauita crudo,  
 uix assiduo bracchia conto  
 lassata refert,

esfalfado de sempre transportar uma turba nova.	170
Mais, diz-se que o cão do Tênaros <sup>32</sup> rompeu suas correntes de ferro e erra pelas nossas paragens, o solo retumbou, pelos bosques sagrados vagam espectros de homens, maiores que homens,	175
duas vezes a floresta de Cadmo <sup>33</sup> tremeu	176a
com a neve derretida,	176b
duas vezes a fonte Dirce se turvou de sangue, e no silêncio da noite uivaram os cães Anfônios <sup>34</sup> .	
Ó terrível aspecto da inaudita morte,	180
mais funesto que a morte:	
indolente langor constringe os entorpecidos membros, rubor no enfermo semblante, e ligeiras manchas espalham-se pela pele.	
Então uma exalação ardente abrasa	185a
a cidadela do corpo <sup>35</sup>	185b
e incha as faces com abundante sangue, os olhos fixam-se, o fogo sacro <sup>36</sup> devora os membros.	
Zumbem os ouvidos, pinga negro sangue do nariz curvado e rompe	190a
as veias abertas;	190b
um gemido estridente e repetido sacode as vísceras mais profundas.	
Já com amplexo apertado os doentes fatigam	193 <sup>a</sup>

<sup>32</sup> Cérbero, cão de três cabeças que guarda os portões dos infernos. Tênaros, promontório ao sul do Peloponeso, onde havia uma gruta identificada como uma das entradas do mundo inferior (*cf. H. Fur.*, 662ss.).

<sup>33</sup> Onde Cadmo matou o dragão; *cf. citra* 725ss.

<sup>34</sup> O mesmo que tebanos, de Anfão, príncipe tebano (ver nota 135).

<sup>35</sup> A cabeça; Cícero, *De nat. deo.*, II, 140, usa a mesma imagem.

<sup>36</sup> *Sacer ignis* no original, refere-se à erisipela.

fessus turbam uectare nouam.	170
Quin Taenarii uincula ferri rupisse canem fama et nostris errare locis, mugisse solum, uaga per lucos * * *	
simulacra uirum maiora uiris,	175
bis Cadmeum niue discussa	176a
tremuisse nemus,	176b
bis turbatam sanguine Dircen, nocte silenti * * *	
 O dira noui facies leti	180
grauior leto:	
piger ignauos alligat artus languor, et aegro rubor in uultu, maculaeque cutem sparsere leues. tum uapor ipsam corporis arcem	185a
flammeus urit	185b
multoque genas sanguine tendit, oculique rigent, et sacer ignis pascitur artus. resonant aures stillatque niger naris aduncae cruor et uenas	190a
rumpit hiantes;	190b
intima creber uiscera quassat gemitus stridens.	
Iamque amplexu frigida presso	193a

as pedras gélidas; 193b  
 vós, cuja morada mais livre, tendo o vigia  
 sido levado para a cova, permite, vos atirais às fontes, 195  
 e vossa sede é aumentada pela própria água ingerida<sup>37</sup>.  
 Uma turba prostrada jaz pelos altares 197a  
 e roga pela morte: 197b  
 somente isto os deuses concedem de bom grado;  
 buscam os templos, não para com votos  
 agradar os numes, 200  
 mas porque lhes apraz saciar os deuses.

Quem é aquele que com passo rápido se dirige ao palácio?  
 Não é Creonte, nobre pelo sangue e pelos feitos,  
 ou meu espírito aflito vê o falso no lugar do verdadeiro?  
 É Creonte, solicitado pelos votos de todos nós! 205

## SEGUNDO ATO

Édipo, Creonte

[Édipo entra depois do anúncio da chegada de Creonte]

ÉDIPO

Sou sacudido pelo horror, temendo para onde se inclina nosso fado,  
 meu peito trépido titubeia com um sentimento duplo:  
 quando a alegria e as penas jazem confundidas na dúvida,  
 o espírito incerto teme saber, embora o deseje.

Ó irmão de minha esposa, se trazes alguma esperança 210  
 aos aflitos, com voz pressurosa ensina-a.

CREONTE

As respostas enigmáticas jazem num oráculo dúbio.

<sup>37</sup> A sede insaciável causada pela peste é descrita por Tucídides (*Hist.*, II, 49, 5 e 52, 2); Ovídio, *Met.*, VII, 569, também a menciona: *nec sitis est extincta prius quam uita bibendo*; cf. também Lucrecio, *De rerum nat.*, VI, 1175s.

Amphionios ululasse canes.  
     saxa fatigant; 193b  
 quos liberior domus elato  
 custode sinit, petitis fontes 195  
 aliturque sitis latice ingesto.  
 Prostrata iacet turba per aras 197a  
     oratque mori: 197b  
 solum hoc faciles tribuere dei.  
 delubra petunt, haut ut uoto  
     numina placent, 200  
 sed iuuat ipsos satiare deos.

    Quisnam ille propero regiam gressu petit?  
 adestne clarus sanguine ac factis Creo  
 an aeger animus falsa pro ueris uidet?  
 adest petitus omnibus uotis Creol! 205

**OEDIPVS** Horrore quatiore, fata quo uergant timens,  
 trepidumque gemino pectus affectu labat:  
 ubi laeta duris mixta in ambiguo iacent,  
 incertus animus scire cum cupiat timet.

    Germane nostrae coniugis, fessis opem 210  
 si quam reportas, uoce properata edoce!

**CREO** Responsa dubia sorte perplexa iacent.

ÉDIPO

Quem dá aos aflitos uma salvação dúbia nega-a.

CREONTE

É costume do deus délfico encobrir seus mistérios  
com rodeios sinuosos.

ÉDIPO

Fala, nem que seja dúbio:

215

só a Édipo é dado compreender enigmas.

CREONTE

O deus ordena expiar a morte do rei com o exílio  
e punir o assassinato de Laio:

não antes o dia percorrerá luminoso o céu

e dará a respiração segura de um ar puro.

220

ÉDIPO

E quem foi o assassino do ilustre rei?

Revela quem Febo indica, para que sofra as penas.

CREONTE

Seja, suplico, seguro dizer coisas horríveis de ver e ouvir;

um torpor se insinua pelos meus membros, meu sangue enregelado coagula.

Quando entrei no templo sagrado de Febo com pé súplice

225

e, tendo rogado ao nume, segundo os ritos, ergui as pias mãos,

o duplo cimo nevoso do Parnaso<sup>38</sup> lançou um frêmito terrível;

o elevado loureiro de Febo estremeceu e sacudiu o templo<sup>39</sup>,

e repentinamente a sacra água da fonte Castália<sup>40</sup> se deteve.

Principiou a sacerdotisa Latóide<sup>41</sup> a soltar a hórrida coma

230

e a suportar, abalada, a Febo; ainda não havia ela alcançado o antro,

rompe, com imenso fragor sobre-humano, a voz:

<sup>38</sup> Monte da Fócida, morada de Apolo e das Musas.

<sup>39</sup> *Domum* no original, como está em todos os manuscritos, no lugar da correção *comam* de Leo. Sêneca emprega formulações semelhantes em *H. Oet.*, 1474s: *Parnassio / Cirrbaea quatiens templa mugitu nemus*, e em *Thy.*, 675s: *Saepe latratu nemus / trino remugit, saepe simulacris domus*. *Domus* pode se referir à folhagem do próprio loureiro, ao bosque (como em *Med.*, 766) ou, ainda, ao fato de que o loureiro sagrado de Delfos se encontrava dentro do templo, interpretação que prefiro por se tratar de uma imagem mais forte.

<sup>40</sup> Fonte da Beócia, consagrada às Musas.

<sup>41</sup> Latóide, “filho de Latona”, é um epíteto de Apolo.

**OE.** Dubiam salutem qui dat adflictis negat.

**CR.** Ambage flexa Delphico mos est deo  
arcana tegere.

**OE.** Fare, sit dubium licet: 215  
ambigua soli noscere Oedipodae datur.

**CR.** Caedem expiari regiam exilio deus  
et interemptum Laium ulcisci iubet:  
non ante caelo lucidus curret dies  
haustusque tutos aetheris puri dabit. 220

**OE.** Et quis peremptor incluti regis fuit?  
quem memoret ede Phoebus, ut poenas luat.

**CR.** Sit, precor, dixisse tutum uisu et auditu horrida;  
torpor insedit per artus, frigidus sanguis coit.  
ut sacrata templa Phoebi supplici intraui pede 225

et pias numen precatus rite summissi manus,  
gemina Parnasi niualis arx trucem fremitum dedit;  
imminens Phoebea laurus tremuit et mouit domum  
ac repente sancta fontis lympa Castalii stetit.  
incipit Letoa uates spargere horrentes comas 230

et pati commota Phoebum; contigit nondum specum,  
emicat uasto fragore maior humano sonus:

“Amenos astros retornarão a Tebas Cadméia,  
se, fugindo, deixar a fonte de Dirce Ismênia o estrangeiro  
culpado do assassinato do rei, de Febo já conhecido desde criança. 235

E não te permanecerá por muito tempo o gozo do celerado assassínio:  
contigo mesmo travarás guerra, também a teus filhos legarás guerras<sup>42</sup>,  
ser torpe, novamente retornado ao ventre materno.”

ÉDIPO

O que me preparo para fazer, ordenado pelo oráculo divino,  
convinha ser oferecido às cinzas do finado rei, 240  
para que ninguém violasse com perfídias o santo cetro.

É sobretudo ao rei que cabe defender a realeza:  
ninguém sente a falta do morto a quem, vivo, temia.

CREONTE

Um temor maior expulsou a preocupação com o assassinato.

ÉDIPO

Algum medo impediu o pio ofício? 245

CREONTE

Proibiram-no as sombrias ameaças dos nefandos versos<sup>43</sup>.

ÉDIPO

Que agora se expie esse crime conforme as ordens dos numes.

Qualquer que sejas dos deuses que olhas propício pelos reinados:  
tu, tu que tens em mãos o poder sobre os altos céus<sup>44</sup>,  
e tu, ó supremo ornamento do sereno céu<sup>45</sup>, 250

que no teu curso variado guias os doze signos,  
que com o rápido carro os lentos séculos desenrolas,  
e tu, sua irmã, que sempre vais ao encontro do irmão,  
ó noctívaga Febe<sup>46</sup>, e tu, senhor dos ventos,  
que conduzes teu cerúleo carro pelo mar profundo<sup>47</sup>, 255

<sup>42</sup> Referência à futura guerra entre Polinices e Etéocles, filhos de Édipo, pelo poder real de Tebas, assunto, por exemplo, das *Phoe.*, de Ésquilo, *Sept.*, e de Estácio, *Theb.*

<sup>43</sup> Da Esfinge.

<sup>44</sup> Júpiter.

<sup>45</sup> Febo, deus do sol; novamente *mundus* com o sentido de “céu, firmamento”.

<sup>46</sup> A lua.



“mitia Cadmeis remeabunt sidera Thebis,  
 si profugus Dircen Ismenida liquerit hospes  
 regis caede nocens, Phoebos iam notus et infans. 235  
 nec tibi longa manent sceleratae gaudia caedis:  
 tecum bella gerens, natis quoque bella relinques,  
 turpis maternos iterum reuolutus in ortus.”  
**OE.** Quod facere monitu caelitum iussus paro,  
 functi cineribus regis hoc decuit dari, 240  
 ne sancta quisquam sceptrum uiolaret dolo.  
 regi tuenda maxime regum est salus:  
 quaerit peremptum nemo quem incolumem timet.  
**CR.** Curam perempti maior excussit timor.  
**OE.** Pium prohibuit ullus officium metus? 245  
**CR.** Prohibent nefandi carminis tristes minae.  
**OE.** Nunc expietur numinum imperio scelus.  
     Quisquis deorum regna placatus uides:  
 tu, tu penes quem iura praecipitis poli,  
 tuque, o sereni maximum mundi decus, 250  
 bis sena cursu signa qui uario regis,  
 qui tarda celeri saecula euoluis rota,  
 sororque fratri semper occurrens tuo,  
 noctiuaga Phoebos, quique uentorum potens  
 aequor per altum caerulos currus agis, 255

---

<sup>47</sup> Netuno.

e tu que dispões da morada privada de luz<sup>48</sup>,  
sede favoráveis: que aquele cuja destra matou Laio  
não tenha teto tranqüilo, nem penates fiéis,  
nem país hospitaleiro que se lhe apresente no exílio:  
que se aflija com casamento vergonhoso e com prole ímpia; 260  
e que mate com sua própria destra seu pai  
e faça (pois o que se pode desejar de mais grave)  
tudo de que eu fugi. Não haverá lugar para perdão:  
juro pelos reinos, pelo que agora eu, estrangeiro, governo  
e pelo que deixei, pelos meus deuses familiares, 265  
e por ti, pai Netuno, que com ondas breves  
brincas, duplo, de ambos os lados de meu solo<sup>49</sup>;  
e vem também como testemunha de minhas palavras  
tu que moves a boca fatídica da sacerdotisa cirrêia<sup>50</sup>:  
assim como meu pai, seguro, leve uma velhice serena 270  
e chegue ao derradeiro dia no seu alto trono,  
e Mérope conheça só o himeneu de Pólipo,  
da mesma forma nenhuma graça me arrancará o culpado.

Mas recorda em que lugar esse nefando crime foi cometido:  
o rei tombou em ataque aberto ou por meio de perfídias? 275

CREONTE

Aos frondosos bosques da sacra Castália<sup>51</sup> dirigindo-se,  
trilhou um caminho juncado de espessos espinheiros,  
no lugar onde a estrada se divide em três em direção aos campos.  
Um dos caminhos corta a Fócida, solo grato a Baco<sup>52</sup>,  
de onde deixa os campos, buscando o céu, 280  
por meio de colinas de suave aclive, o duplo cume do Parnaso;

<sup>48</sup> Plutão.

<sup>49</sup> A referência é ao istmo de Corinto, que Édipo acreditava ser sua terra natal; a invocação a Netuno também se relaciona a Corinto.

<sup>50</sup> De Cirra, cidade próxima a Delfos, onde se encontrava um antigo templo de Apolo.

<sup>51</sup> Vizinhos ao templo de Delfos.

<sup>52</sup> A Fócida fora povoada pelos trácios, cujo deus maior era Dioniso; cf. Tucídides, *op. cit.*, II, 29, Estrabo, *Geogr.*, IX, 4, 13, Ovídio, *Met.*, V, 276s, VI, 424.

et qui carentis luce disponis domos,  
 adeste: cuius Laius dextra occidit,  
 hunc non quieta tecta, non fidi lares,  
 non hospitalis exulem tellus ferat:  
 thalamis pudendis doleat et prole impia; 260  
 hic et parentem dextera perimat sua,  
 faciatque (num quid grauius optari potest?)  
 quidquid ego fugi. Non erit ueniae locus:  
 per regna iuro quaeque nunc hospes gero  
 et quae reliqui perque penetrales deos, 265  
 per te, pater Neptune, qui fluctu breui  
 utrimque nostro geminus alludis solo;  
 et ipse nostris uocibus testis ueni,  
 fatidica uatis ora Cirrhaeae mouens:  
 ita molle senium ducat et summum diem 270  
 securus alto reddat in solio parens  
 solasque Merope nouerit Polybi faces,  
 ut nulla sontem gratia eripiet mihi.

Sed quo nefandum facinus admissum loco est,  
 memorate: aperto Marte an insidiis iacet? 275

**CR.** Frondifera sanctae nemora Castaliae petens  
 calcauit artis obsitum dumis iter,  
 trigemina qua se spargit in campos uia.  
 secat una gratum Phocidos Baccho solum,  
 unde altus arua deserit, caelum petens, 280  
 clementer acto colle Parnasos biceps;

outro se dirige às terras de Sísifo<sup>53</sup>, banhadas por dois mares,  
 nos campos olênios<sup>54</sup>; a terceira estrada,  
 serpenteando por um vale profundo, toca as águas errantes  
 e divide o leito gélido do rio Ôlmio<sup>55</sup>: 285  
 aqui a ele, na paz confiante, subitamente bando de salteadores  
 atacou com ferro e o crime misterioso cometeu.

Agora mesmo, chamado pelo oráculo de Febo,  
 o vagaroso Tirésias acelera os joelhos trêmulos,  
 e sua companheira Manto condu-lo, privado de luz. 290

[*Entram Tirésias e Manto*]

ÉDIPO

Ó indivíduo consagrado aos deuses, o mais próximo de Febo,  
 explica a resposta; diz a quem as penas se aplicam.

TIRÉSIAS

De que minha língua tarde a falar, de que peça alguma dilação,  
 não deves, todavia, ó magnânimo, admirar-te:  
 para o privado de visão grande parte da verdade oculta-se. 295  
 Mas para onde a pátria, para onde Febo me chama, seguirei:  
 desvende-se o fado; se meu sangue fosse jovem  
 e ardente, receberia no peito o deus.

Trazei ao altar um boi<sup>56</sup> de dorso alvo  
 cuja cerviz jamais se rebaixou sob o curvo jugo. 300  
 Tu, filha, guiando teu pai desprovido de luz,  
 relata os signos manifestos desse sacrifício fatídico.

[*As vítimas são trazidas para o altar*]

MANTO

A gorda vítima se pôs diante do sacro altar.

TIRÉSIAS

Clama aos deuses superiores, em voz solene, pelos nossos votos,

<sup>53</sup> O istmo de Corinto.

<sup>54</sup> Havia duas cidades chamadas *Olenos*, uma na Acaia, a oeste de Corinto e a sudoeste de Tebas, outra na Etólia, a noroeste de Tebas; a referência mais provável é à primeira, já que o mesmo caminho leva a Corinto e a ela.

<sup>55</sup> Rio da Beócia; portanto, o terceiro caminho se dirigia a Tebas.

<sup>56</sup> Singular pelo plural, da mesma forma que “vítima”, logo abaixo (303), já que serão sacrificados um touro e uma novilha.

at una bimar̄is Sisyphi terras adit  
 Olenia in arua; tertius trames caua  
 conualle serpens tangit errantes aquas  
 gelidumque dirimit amnis Olmii uadum: 285  
 hic pace fretum subita praedonum manus  
 aggressa ferro facinus occultum tulit.

In tempore ipso sorte Phoeb̄ea excitus  
 Tiresia tremulo tardus accelerat genu  
 comesque Manto luce uiduat̄um trahens. 290

**OE.** Sacrate diuis, proximum Phoeb̄o caput,  
 responsa solue; fare, quem poenae petant.

**TIRESIA** Quod tarda fatu est lingua, quod quaerit moras  
 haut te quidem, magnanime, mirari addecet:  
 uisu carenti magna pars ueri latet. 295  
 sed quo uocat me patria, quo Phoebus, sequar:  
 fata eruantur; si foret uiridis mihi  
 calidusque sanguis, pectore exciperem deum.

Appellite aris candidum tergo bouem  
 curuoque numquam colla depressum iugo. 300  
 Tu lucis inopem, gnata, genitorem regens  
 manifesta sacri signa fatidici refer.

**MANTO** Opima sanctas uictima ante aras stetit.

**TI.** In uota superos uoce sollemni uoca

e cobre o altar com o dom do incenso oriental.

305

MANTO [*Tendo lançado o incenso no fogo*]

Já lancei o incenso nos fogos sagrados dos deuses celestes.

TIRÉSIAS

E a chama? Já abrasou as ricas oferendas?

MANTO

Ela refulgiu com um clarão súbito e de súbito se extinguiu.

TIRÉSIAS

Acaso o fogo se ergueu claro e brilhante

e, ereto, levou ao céu sua cabeça pura

310

e, disperso, dissolveu sua alta crista nos ares?

Ou se roja em volta das laterais, incerto do caminho,

e, perturbado, vacila com a fumaça ondulante?

MANTO

Não foi uno o aspecto da móvel chama:

qual a chuvosa Íris se mescla em diversas cores

315

e, arqueada sobre grande porção do céu,

com seu arco colorido anuncia borrascas

(qual cor falte ou qual tenha não podes saber)<sup>57</sup>,

assim a chama vagou azulada com nódoas fulvas,

depois de um vermelho sangüíneo; por fim desaparece em trevas.

320

Mas eia!, o fogo violento em duas partes

se divide, e a chama discorde desse sacrifício

único se cinde<sup>58</sup> — pai, horrorizo-me com o que vejo:

os dons de Baco libados se permutam em sangue,

e densa fumaça envolve a cabeça do rei

325

e se concentra mais espessa em volta de sua face mesma

e, com densa nuvem, lhe ocultou essa sórdida luminosidade<sup>59</sup>.

O que é isso, pai, fala.

<sup>57</sup> Cf. Ovídio, *Met.*, VI, 63-7.

<sup>58</sup> Nova referência à guerra entre os filhos de Édipo.

<sup>59</sup> Referência à futura cegueira auto-infligida de Édipo, ver *citra* 955ss.

arasque dono turis Eoi extrue. 305

**MA.** Iam tura sacris caelitum ingessi focis.

**TI.** Quid flamma? largas iamne comprehendit dapes?

**MA.** Subito refulsit lumine et subito occidit.

**TI.** Vtrumne clarus ignis et nitidus stetit

rectusque purum uerticem caelo tulit 310

et summam in auras fusus explicuit comam?

an latera circa serpit incertus uiae

et fluctuante turbidus fumo labat?

**MA.** Non una facies mobilis flammae fuit:

imbrifera qualis implicat uarios sibi 315

Iris colores, parte quae magna poli

curuata picto nuntiat nimbos sinu

(quis desit illi quiue sit dubites color),

caerulea fuluis mixta oberrauit notis,

sanguinea rursus; ultima in tenebras abit. 320

sed ecce! pugnax ignis in partes duas

discedit et se scindit unius sacri

discors fauilla — genitor, horresco intuens:

libata Bacchi dona permutat cruor

ambitque densus regium fumus caput 325

ipsosque circa spissior uultus sedet

et nube densa sordidam lucem abdidit.

quid sit, parens, effare.

TIRÉSIAS

O que eu poderia dizer

em meio ao tumulto agitado de meu espírito atônito?

O que direi? Há terríveis mas profundamente ocultos males; 330

a ira dos numes costuma mostrar-se por indícios certos:

o que é isso que eles querem que seja revelado

e outra vez não o querem e escondem suas ferozes iras?

Não sei o que envergonha os deuses. Aproxima-te depressa daqui

e esparge a salgada farinha na cabeça dos touros. 335

De semblante plácido suportam eles os ritos e o toque

das mãos?

MANTO

O touro, alçando a alta cabeça,

voltado para o nascente, assustou-se com a luz

e, tremendo, desvia o rosto e foge aos raios do sol<sup>60</sup>.

TIRÉSIAS

Atingidos com um só golpe caem por terra? 340

MANTO

A novilha lançou a si mesma contra o ferro colocado sobre ela

e com um só golpe caiu, mas o touro, tendo recebido

dois ferimentos, para um lado e para outro, hesitante, se lança

e, exaurido, com dificuldade expira a alma relutante.

TIRÉSIAS

O sangue, pressuroso, de uma estreita ferida jorra 345

ou, vagaroso, irriga largas chagas?

MANTO

Quanto a ela, a torrente se derrama pela passagem

que o peito abre, dele as profundas feridas

são maculadas por exíguo sangue; mas, voltando por trás,

pela boca e pelos olhos muito sangue reflui. 350

---

<sup>60</sup> A fuga da luz pode ser entendida como signo do comportamento irracional de Édipo (*cf.* *H. Oet.*, 891, 923 e 966s.); Pratt (1939, *apud* Töchterle, 1994) interpreta a passagem como indicação do incesto.



**TI.**                    Quid fari queam  
inter tumultus mentis attonitae uagus?  
quidnam loquar? sunt dira, sed in alto mala;                    330  
solet ira certis numinum ostendi notis:  
quid istud est quod esse prolatum uolunt  
iterumque nolunt et truces iras tegunt?  
pudet deos nescioquid. Huc prope admoue  
et sparge salsa colla taurorum mola.                    335  
placidone uultu sacra et admotas manus  
patiuntur?

**MA.**                    Altum taurus attollens caput  
primos ad ortus positus expauit diem  
trepidusque uultum obliquat et radios fugit.

**TI.** Vnone terram uulnere afflicti petunt?                    340

**MA.** Iuuenca ferro semet imposito induit  
et uulnere uno cecidit, at taurus duos  
perpessus ictus huc et huc dubius ruit  
animamque fessus uix reluctantem exprimit.

**TI.** Vtrum citatus uulnere angusto micat                    345  
an lentus altas irrigat plagas cruor?

**MA.** Huius per ipsam qua patet pectus uiam  
effusus amnis, huius exiguo graues  
maculantur ictus imbre; sed uersus retro  
per ora multus sanguis atque oculos redit.                    350

## TIRÉSIAS

Esse sacrifício infausto incita grandes terrores.

Mas revela-me os sinais certos das vísceras.

## MANTO

Pai, o que é isto? As entranhas não palpitam, como costumam,  
agitadas por um leve movimento, mas as minhas mãos inteiras  
elas sacodem e jorra das veias novo sangue. 355

O coração, corrompido, está murcho e se oculta mergulhado profundamente,  
e as veias estão lívidas; grande parte dos lóbulos<sup>61</sup> está ausente,  
o fígado putrefato espuma de fel negro<sup>62</sup>  
e (presságio sempre grave para um reinado indiviso)  
eis que duas cabeças<sup>63</sup> se erguem da mesma protuberância, 360  
mas uma tênue membrana esconde ambas as feridas  
cabeças, negando esconderijo aos ferimentos ocultos.

O lado hostil<sup>64</sup> se ergue com vigorosa força  
e estende sete veias<sup>65</sup>; um sulco oblíquo as corta  
todas, impedindo-as de voltar para trás<sup>66</sup>. 365

A ordem está mudada, nada jaz no seu lugar próprio,  
mas tudo está revirado: o pulmão, cheio  
não de ar mas de sangue, jaz no lado direito;  
não é a região esquerda a do coração, gordas pregas não recobrem,  
com seu mole invólucro, as membranas das vísceras: 370  
a natureza está revirada, nenhuma ordem subsiste no útero.

Sondemos nas vísceras de onde vem tamanha rijeza.

Que prodígio é este? Um feto da inupta novilha,

<sup>61</sup> *Fibris* no original; *fibra* pode ser sinônimo de *exta*, “entranhas”, ou indicar mais precisamente uma parte do fígado.

<sup>62</sup> A bÍlis negra (*melankholía* em grego) era sinal de loucura, *furor*, e de emoções violentas; cf. *Ep.* 94, 17: *ei billis nigra curanda est et ipsa furoris causa remouenda*, “o que interessa é sanar a bÍlis negra, é eliminar a causa específica da loucura” (trad. Segurado e Campos); Cícero, *Tusc. disp.*, III, 11: *quem nos furorem, illi μελαγχολίαν uocant*, “o que nós chamamos de loucura, eles chamam de *melancolia*”.

<sup>63</sup> Nova referência à guerra entre os filhos de Édipo.

<sup>64</sup> O fígado era imaginariamente dividido pelos arúspices em *pars hostilis* e *pars familiaris*; qualquer sinal favorável na *pars hostilis* era propício ao inimigo. As duas cabeças (*caput iecuris*) estariam na *pars hostilis*, a putrefação e o fel negro na *pars familiaris*.

<sup>65</sup> Clara referência à expedição dos Sete contra Tebas.

<sup>66</sup> Dos sete príncipes, liderados por Polínicos, que lutaram contra Tebas e Etéocles nenhum retornou, segundo a versão do mito adotada por Sêneca.

**TI.** Infausta magnos sacra terrores cient.

sed ede certas uiscerum nobis notas.

**MA.** Genitor, quid hoc est? non leui motu, ut solent,

agitata trepidant exta, sed totas manus

quatiunt nouusque prosilit uenis cruor. 355

cor marcet aegrum penitus ac mersum latet

liuentque uenae; magna pars fibris abest

et felle nigro tabidum spumat iecur,

ac (semper omen unico imperio graue)

en capita paribus bina consurgunt toris; 360

sed utrumque caesum tenuis abscondit caput

membrana latebram rebus occultis negans.

hostile ualido robore insurgit latus

septemque uenas tendit; has omnis retro

prohibens reuerti limes oblicus secat. 365

mutatus ordo est, sede nil propria iacet,

sed acta retro cuncta: non animae capax

in parte dextra pulmo sanguineus iacet,

non laeua cordi regio, non molli ambitu

omenta pingues uiscerum obtendunt sinus: 370

natura uersa est; nulla lex utero manet.

Scrutemur, unde tantus hic extis rigor.

quod hoc nefas? conceptus innuptae bouis,

posicionado num lugar estranho e não no de costume,  
 preenche a genitora; move os membros com gemidos, 375  
 as juntas débeis agitam-se com espasmos convulsivos;  
 um sangue lívido impregnou as fibras enegrecidas;  
 [*Ela interrompe a inspeção das entranhas quando os corpos das vítimas começam a se mover*]  
 as vítimas disformes e mutiladas tentam mover-se,  
 e seu corpo esvaziado ergue-se e avança com os chifres  
 contra os sacros ministros; as vísceras escapam da mão. 380  
 Esse som que chega a ti não é a voz grave duma manada  
 nem, em algum lugar, um rebanho aterrorizado ressoa:  
 muge nos altares o fogo, e trepida a lareira.

ÉDIPO

O que esses sinais do terrível sacrifício dizem?  
 Revela-me: receberei as palavras com ouvido não temeroso: 385  
 males extremos costumam tornar os homens plácidos<sup>67</sup>.

TIRÉSIAS

Invejarás esses males contra os quais buscas recursos!

ÉDIPO

Expõe a única coisa que os deuses celestes querem que se saiba:  
 quem contaminou suas mãos com o assassinato do rei.

TIRÉSIAS

Nem aqueles que com leve pena cortam as alturas do céu 390  
 nem as fibras arrancadas às entranhas palpitantes podem  
 revelar o nome; deve-se tentar um outro caminho:  
 ele mesmo<sup>68</sup> deve ser evocado dos territórios da noite eterna,  
 enviado do Érebo a fim de indicar o autor do assassinato.

A terra deve ser aberta, deve-se suplicar 395  
 a Dite<sup>69</sup>, implacável nume, a população do Estige infernal  
 deve ser trazida para cá: dize quem tu enviarás ao ritual,

<sup>67</sup> Cf. *Ep.*, 5, 7: '*Desines' inquit 'timere, si sperare desieris.'*; "Diz ele: 'Deixarás de ter medo quando deixares de ter esperança'" (trad. Segurado e Campos).

<sup>68</sup> Laio.

<sup>69</sup> Plutão.

nec more solito positus alieno in loco,  
 implet parentem; membra cum gemitu mouet, 375  
 rigore tremulo debiles artus micant;  
 infecit atras liuidus fibras cruor  
 temptantque turpes mobilem trunci gradum,  
 et inane surgit corpus ac sacros petit  
 cornu ministros; uiscera effugiunt manum. 380  
 neque ista, quae te pepulit, armenti grauis  
 uox est nec usquam territi resonant greges:  
 immugit aris ignis et trepidant foci.  
**OE.** Quid ista sacri signa terrifici ferant,  
 exprome; uoces aure non timida hauriam: 385  
 solent suprema facere securos mala.  
**TI.** His inuidebis quibus opem quaeris malis!  
**OE.** Memora quod unum scire caelicolae uolunt,  
 contaminarit rege quis caeso manus.  
**TI.** Nec alta caeli quae leui pinna secant 390  
 nec fibra uiuis rapta pectoribus potest  
 ciere nomen; alia temptanda est uia:  
 ipse euocandus noctis aeternae plagis,  
 emissus Erebo ut caedis auctorem indicet.  
 reseranda tellus, Ditis implacabile 395  
 numen precandum, populus infernae Stygis  
 huc extrahendus: ede cui mandes sacrum;

pois a ti, que tens em mãos o sumo poder real, é interdito  
divisar as sombras.

ÉDIPO

A ti, Creonte, esta tarefa demanda,  
o segundo a quem meu reino volta os olhos. 400

TIRÉSIAS

Enquanto nós abrimos os claustros do profundo Estige,  
soe o hino do povo em louvor a Baco<sup>70</sup>.

[*Saem Tirésias, Manto e Creonte*]

*Segundo Canto Coral*

CORO

Cinge os esparsos cabelos com balouçantes cachos de hera<sup>71</sup>,  
tendo armado os delicados braços com o tirso de Nisa<sup>72</sup>,

brilhante ornamento do céu<sup>73</sup>, para cá vem, 405

para os votos que a ti a tua

nobre Tebas, ó Baco, 407a

de palmas súplices dirige. 407b

Para cá volta, favorável, tua virgínea<sup>74</sup> cabeça,

com teu semblante sidéreo<sup>75</sup> dissipa as nuvens

e as sombrias ameaças do Érebo 410

e o ávido fado.

A ti fica bem cingir os cabelos com flores primaveris,

coroar a cabeça com a mitra tíria<sup>76</sup>,

<sup>70</sup> Tebas era a cidade natal de Sêmele, mãe de Baco.

<sup>71</sup> A coroa de hera é um atributo tradicional de Baco; cf. Ovídio *Fasti*, I, 393 e III, 767ss; esta última passagem explica o atributo pelo fato de as ninfas do monte Nisa terem ocultado com hera o berço de Baco da furiosa Juno.

<sup>72</sup> O tirso como atributo de Baco e seus seguidores aparece, por exemplo, em Eurípides, *Bac.*, 240, 254, e em Névio, fr. 35: *thyrsigeræ Bacchæ*; o monte Nisa como morada de Baco aparece no *Hino Homérico a Baco*, I, 8s. e XXVI, 5, e em Sófocles, *Ant.*, 1131.

<sup>73</sup> Este atributo é normalmente atribuído a Febo ou Apolo, e não a Baco, como aqui; cf. *H. Oet.*, 1518.

<sup>74</sup> Para o aspecto virginal e feminino de Baco; cf. Eurípides, *Bac.*, 403, 453s, 457.

<sup>75</sup> Este atributo é normalmente aplicado a Febo, e não a Baco.

<sup>76</sup> De Tiro, na Fenícia; pode ser mais uma indicação da origem fenícia do fundador de Tebas ou pode simplesmente se referir à suposta origem oriental do culto dionisiaco.

nam te, penes quem summa regnorum, nefas  
inuisere umbras.

**OE.** Te, Creo, hic poscit labor,  
ad quem secundum regna respiciunt mea. 400

**TI.** Dum nos profundae claustra laxamus Stygis,  
populare Bacchi laudibus carmen sonet.

**CHORVS** Effusam redimite comam nutante corymbo,  
mollia Nysaeis armatus bracchia thyrsis,  
lucidum caeli decus. huc ades 405

uotis, quae tibi nobiles  
Thebae, Bacche, tuae 407a

palmis supplicibus ferunt. 407b

huc aduerte fauens uirgineum caput,  
uultu sidereo discute nubila  
et tristes Erebi minas 410

auidumque fatum.

Te decet cingi comam floribus uernis,  
te caput Tyria cohibere mitra

ou atar a fronte delicada  
 com ervas bacíferas, 415  
 espalhar sem ordem a esparsa cabeleira  
 ou, ao contrário, prendê-la, apertada com um nó;  
 tal como, temendo a irada madrasta<sup>77</sup>,  
 cresceste imitando falso corpo,  
 virgem simulada de cabeleira loira<sup>78</sup>, 420  
 a cinta alaranjada retendo as vestes:  
 daí virias a apreciar os trajes delicados  
 e a capa flutuante do vestido frouxo.  
 Viu-te, assentado no teu carro dourado<sup>79</sup>,  
 com longa veste dirigir teus leões 425  
 o vasto território de todo o Oriente,  
 aquele que bebe do Ganges<sup>80</sup> e o que quebra  
 o gélido Araxo<sup>81</sup>.

A ti o velho Sileno<sup>82</sup> segue num burrico disforme,  
 a intumescida fronte cingindo com guirlandas de pâmpano; 430  
 os iniciados nos teus mistérios conduzem lascivos secretas orgias.  
 Contigo como acompanhante, o cortejo das bacantes  
 ora dançou<sup>83</sup> no solo  
 do Pangeu edônio<sup>84</sup>,  
 ora no cume do Pindo<sup>85</sup> trácio; 435  
 ora entre as matronas cadméias 436a

---

<sup>77</sup> Juno.

<sup>78</sup> Hermes, a pedido de Zeus, entregou Dioniso a Ino e Atamas para que o criassem, aconselhando-os a disfarçá-lo de menina; cf. Apolodoro, *op. cit.*, III, 4, 3.

<sup>79</sup> Cf. Ovídio, *Ars am.*, I, 549s.

<sup>80</sup> Rio da Índia.

<sup>81</sup> Rio da Armênia Maior.

<sup>82</sup> Sátiro a quem foi confiada a criação de Baco; cf. Ovídio, *Fasti*, I, 399, *Met.*, XI, 99.

<sup>83</sup> *Pede pulsavit sola* no original, lit.: “deu com o pé no solo” (Saraiva); a expressão significa “dançar”.

<sup>84</sup> Os edonos eram uma tribo trácia; o Pangeu era um monte situado entre a Trácia e a Macedônia; cf. Ésquilo, *Per.*, 494, Ovídio, *Fasti*, III, 739.

<sup>85</sup> Serra da Trácia; cf. *Med.*, 384, 720s.



hederaue mollem  
 bacifera religare frontem, 415  
 spargere effusos sine lege crines,  
 rursus adducto reuocare nodo,  
 qualis iratam metuens nouercam  
 creueras falsos imitatus artus,  
 crine flauenti simulata uirgo, 420  
 lutea uestem retinente zona:  
 inde tam molles placuere cultus  
 et sinus laxi fluidumque syrma.  
 Vidit aurato residere curru  
 ueste cum longa regeres leones 425  
 omnis Eoae plaga uasta terrae,  
 qui bibit Gangen niueumque quisquis  
     frangit Araxen.

Te senior turpi sequitur Silenus asello,  
 turgida pampineis redimitus tempora sertis; 430  
 condita lasciui deducunt orgia mystae.  
 Te Bassaridum comitata cohors  
 nunc Edono pede pulsauit  
     sola Pangaeo,  
 nunc Threicio uertice Pindi; 435  
 nunc Cadmeas inter matres 436a

vem a ímpia Mênade<sup>86</sup>, 436b  
 companheira de Iaco Ogígio<sup>87</sup>,  
 com o flanco coberto pela sacra nébride.  
 Por ti as matronas, com o peito abalado pelo teu delírio,  
 soltaram os cabelos, 440  
 com as mãos vibrando o leve tirso;  
 logo depois de dilacerados os membros de Penteu<sup>88</sup>,  
 as tíades, os corpos liberados do furor divino,  
 olharam para essa atrocidade como se lhes fosse desconhecida.  
 Os reinos do mar habita a tia materna<sup>89</sup> do magnífico Baco, 445  
 e Ino Cadméia é rodeada pelo coro das Nereidas;  
 tem a autoridade nas ondas do grande mar um menino estrangeiro,  
 parente de Baco, nume não desprezível, Palemo<sup>90</sup>.  
 A ti, menino<sup>91</sup>, um grupo de tirrenos<sup>92</sup> raptou,  
 mas Nereu acalmou o intumescido mar 450  
 e transforma em prados as ondas cerúleas:  
 aqui o plátano verdeja com folhagem primaveril,  
 e o loureiro, árvore cara a Febo;  
 a gárrula ave canta pelos ramos,  
 o remo agarra as vivazes heras, 455  
 a vinha se prende no alto da gávea.  
 O leão do Ida<sup>93</sup> ruge na proa,  
 na popa se assenta o tigre do Ganges.  
 Então os piratas espantados nadam no mar,  
 e um novo aspecto toma posse dos submersos: 460

<sup>86</sup> As mulheres de Tebas, lideradas por Agave, adotaram o culto dionisíaco; cf. Eurípides, *Bac.*, *passim*.

<sup>87</sup> O mesmo que tebano; *Ogygos* é o nome de um dos sete portões de Tebas; cf. Eurípides, *Phoe.*, 1113.

<sup>88</sup> Cf. Eurípides, *Bac.*, 1030ss.

<sup>89</sup> Ino era filha de Cadmo e irmã de Sêmele, mãe de Baco, do qual ela cuidou depois da morte da mãe. Perseguida por Atalante, seu marido, que descobrira sua trama para matar Hele e Frixo, filhos de Atalante com sua primeira mulher, atirou-se ao mar com seu filho Melicerta. A pedido de Vênus, Netuno transformou-os em divindades, a mãe com o nome de Leucotéia, o filho com o nome de Palemo; cf. Pausânias, *Des. Gr.*, I, 42, 6 e 44, 7ss., II, 1, 3; Apolodoro, *Bib.*, I, 9, 1, III, 4, 3.

<sup>90</sup> Ver nota anterior.

<sup>91</sup> A referência é a Baco, não a Palemo, como poderia parecer.

<sup>92</sup> Os etruscos, que tinham fama de piratas na antigüidade.

<sup>93</sup> Monte da Frígia.

impia maenas 436b  
 comes Ogygio uenit Iaccho,  
 nebride sacra praecineta latus.  
 Tibi commotae pectora matres  
 fudere comam 440  
 thyrsumque leuem uibrante manu,  
 iam post laceros Pentheos artus  
 thyades oestro membra remissae  
 uelut ignotum uidere nefas.  
 Ponti regna tenet nitidi matertera Bacchi 445  
 Nereidumque choris Cadmeia cingitur Ino;  
 ius habet in fluctus magni puer aduena ponti,  
 cognatus Bacchi, numen non uile Palaemon.  
 Te Tyrrhena, puer, rapuit manus,  
 et tumidum Nereus posuit mare, 450  
 caerulea cum pratis mutat freta:  
 hinc uerno platanus folio uiret  
 et Phoebus laurus carum nemus;  
 garrula per ramos auis obstrepit;  
 uiuaces hederas remus tenet, 455  
 summa ligat uitis carchesia.  
 Idaeus prora fremuit leo,  
 tigris puppe sedet Gangetica.  
 Tum pirata freto pauidus natat,  
 et noua demersos facies habet: 460

primeiro os braços caem dos piratas,  
 o peito, dobrado contra o ventre, une-se a ele,  
 a mão diminuta pende do flanco,  
 o dorso encurvado corta a onda,  
 a cauda arqueada fende o mar: 465  
 e o curvo delfim segue 466a  
 as velas fugitivas<sup>94</sup>. 466b

Na sua rica onda a ti transportou o Pactolo<sup>95</sup> lídio,  
 rios de ouro levando no seu torrencioso curso;  
 relaxou os arcos vencidos e as géticas<sup>96</sup> flechas  
 o massagetes<sup>97</sup>, que mistura nos seus copos o sangue ao leite; 470  
 os reinos de Licurgo<sup>98</sup> porta-machado sentiram Baco,  
 sentiram-no as terras selvagens dos satras<sup>99</sup>  
 e aqueles que o vizinho Bóreas fere  
 quando mudam de campos<sup>100</sup>, e as nações que o lago Meótida<sup>101</sup>  
 banha com sua onda gélida, 475  
 e as que, da sua altura extrema,  
 a Ursa Maior e a Barca contemplam<sup>102</sup>.  
 Ele sujeitou os dispersos gelonos<sup>103</sup>,  
 tomou as armas das virgens ferozes<sup>104</sup>:  
 de rosto abaixado, as tropas termodônticas<sup>105</sup> 480

<sup>94</sup> Cf. Ovídio, *Met.*, III, 582ss.

<sup>95</sup> O rio Pactolo era conhecido pela sua abundância em ouro; cf. Sófocles, *Phil.*, 394, Vergílio, *Aen.*, X, 142.

<sup>96</sup> Os getas eram um povo sármata, estabelecido às margens do Danúbio.

<sup>97</sup> Os massagetes eram um povo da Cítia; segundo Heródoto, *Hist.*, I, 216, eles habitavam junto ao rio Araxo, mencionado no verso 428.

<sup>98</sup> Licurgo, rei dos edonos, insultou e expulsou Dioniso de suas terras e aprisionou as bacantes e os sátiros que o acompanhavam. Dioniso, como castigo, enlouqueceu-o, e Licurgo cortou uma das extremidades de seu filho Drias, pensando que este fosse uma videira; cf. Homero, *Il.*, VI, 129ss., Apolodoro, *op. cit.*, III, 5, 1, Horácio, *Carmina*, II, 19, 16.

<sup>99</sup> A identificação do povo a que se faz referência aqui é assunto de muitas discussões, e várias possibilidades foram apontadas. Töchterle prefere os satras, povo trácio, por causa do atributo *feroces* normalmente atribuído a eles e por sua relação com Baco, já que, segundo Heródoto, *op. cit.*, VII, 111, o oráculo do deus estava sob sua posse.

<sup>100</sup> A referência é aos nômades citas; cf. *Tro.*, 12.

<sup>101</sup> Lago da Cítia, unido ao Ponto Euxino (Mar Negro) pelo Bósforo Cimério.

<sup>102</sup> Segundo o dicionário Oxford, tanto *sinus Arcadium* quanto *plaustrum* se referem à constelação da Ursa Maior; Saraiva relaciona *plaustrum* com a Barca ou a Ursa Maior; a Barca é formada pelas sete estrelas mais brilhantes da Ursa Maior. A referência é aos povos nórdicos em geral, já que essas constelações ficam próximas ao pólo norte celeste.

<sup>103</sup> Povo da Cítia; cf. Heródoto, *op. cit.*, IV, 108.

<sup>104</sup> As Amazonas; para a luta de Baco contra as Amazonas, cf. Pausânias, *op. cit.*, VII, 2, 7, Tácito, *Ann.*, III, 61.

brachia prima cadunt praedonibus  
 inlisumque utero pectus coit,  
 paruula dependet lateri manus,  
 et dorso fluctum curuo subit,  
 lunata scindit cauda mare: 465  
 et sequitur curuus fugientia 466a  
     carbasa delphin. 466b

Diuite Pactolos uexit te Lydius unda,  
 aurea torrenti deducens flumina ripa;  
 laxauit uictos arcus Geticasque sagittas  
 lactea Massagetes qui pocula sanguine miscet; 470  
 regna securigeri Bacchum sensere Lycurgi,  
 sensere terrae Satrarum feroces  
 et quos uicinus Boreas ferit  
 arua mutantem quasque Maeotis  
 alluit gentes frigido fluctu 475  
 quasque despectat uertice e summo  
 sidus Arcadium geminumque plastrum.  
 Ille dispersos domuit Gelonos,  
 arma detraxit trucibus puellis:  
 ore deiecto petiere terram 480

---

<sup>105</sup> De Termodonte, rio da Capadócia, terra das Amazonas.

voltaram-se para a terra e,  
depostas enfim as leves flechas,  
foram feitas mênades.

O sacro Citero banhou-se com o sangue  
da carnificina ofiônia<sup>106</sup>; 485

as Prétidas<sup>107</sup> buscaram as florestas, e Argos<sup>108</sup>  
venerou Baco, na presença da sua madrasta.  
Naxos, cercada pelo mar Egeu,  
deu-te como esposa uma virgem abandonada<sup>109</sup>,  
compensando com um melhor marido o perdido: 490

de uma rocha seca  
fluiu o licor de Baco Nictélio<sup>110</sup>;  
regatos<sup>111</sup> murmurantes atravessaram a relva,  
a terra se embebeu profundamente de doces sucos,  
de alvas fontes de leite níveo 495

e de vinhos de Lesbos misturados com o odorífero tomilho.

A nova esposa é conduzida pelo vasto céu:

o solene hino Febo,  
os cabelos soltos sobre o ombro,  
canta, e o dúplice Cupido<sup>112</sup> 500a

agita as tochas nupciais; 500b

Júpiter depôs o dardo ígneo e,

<sup>106</sup> Referência ao assassinato de Penteu pelas bacantes. Ôfion era, segundo Apolônio Ródio, *Arg.*, I, 503ss., antecessor de Saturno como governante do universo, ou ainda um dos gigantes derrotados por Júpiter, *Schol. Hom. Il.* 8, 479. Nenhuma dessas referências faz muito sentido nesta passagem, daí a correção habitual de *Ophioniaque* para *Amphioniaque* ou *Echioniaque*; mas em *H. Fur.*, 268, também se fala de *Cadmea proles atque Ophionium genus*. A origem parece ser o grego *ophis*, “serpente”, referência à serpente morta por Cadmo, ver *citra* 726ss.

<sup>107</sup> Filhas do rei Preto, da Argólida; consideravam-se mais belas que Juno e se recusavam a adorar Baco. Enlouquecidas por ele, achavam ser vacas e erravam pelos bosques. Cf. Apolodoro, *op. cit.*, III, 2, 2, Ovídio, *Met.*, XV, 325s., Vergílio, *Ecl.*, VI, 48.

<sup>108</sup> Argos era uma das cidades protegidas por Juno; cf. Homero, *Il.*, IV, 51ss.

<sup>109</sup> Ariadne, filha de Minos, rei de Creta; por amor, ajudou Teseu a sair do labirinto e fugiu com ele, que a abandonou em Naxos, onde Baco a encontrou e a desposou; cf. Catulo, LXIV, 121ss., Ovídio, *Ars am.*, I, 525ss., *Fasti*, III, 459ss., *Met.*, VIII, 169ss.

<sup>110</sup> Do grego *nyx*, “noite”, já que o culto a Baco era geralmente praticado à noite; cf. Ovídio, *Ars am.*, I, 567, *Met.*, IV, 15.

<sup>111</sup> De leite, se considerarmos Horácio, *Carmina*, II, 19, 10s., ou de vinho, se considerarmos Propércio, *El.*, III, 17, 27 e Vergílio, *Geor.*, I, 132.

<sup>112</sup> Cf. Safo, fr. 130 Lobel: *Eros ... glukupikeron*, “Eros doce-amargo”.

Thermodontiacae cateruae,  
 positisque tandem leuibus sagittis  
     Maenades factae.  
 Sacer Cithaeron sanguine undauit  
 Ophioniaque caede; 485  
 Proetides siluas petiere, et Argos  
 praesente Bacchum coluit nouerca.  
 Naxos Aegaeo redimita ponto  
 tradidit thalamis uirginem relictam  
 meliore pensans damna marito: 490  
 pumice ex sicco  
 fluxit Nyctelius latex;  
 garruli gramen secuere riui,  
 conbibit dulces humus alta sucos  
 niueique lactis candidos fontes 495  
 et mixta odoro Lesbia cum thymo.  
 Ducitur magno noua nupta caelo:  
 sollemne Phoebus  
 carmen infusis humero capillis  
 cantat et geminus Cupido 500a  
     concutit taedas; 500b  
 telum deposuit Iuppiter igneum

com a chegada de Baco, aborrece-se com o raio<sup>113</sup>.  
 Enquanto os astros luminosos do universo carregado de anos girarem,  
 enquanto o Oceano envolver com suas ondas o enclausurado orbe,  
 enquanto a Lua cheia recobrar seus fogos perdidos, 505  
 enquanto Lúcifer prenunciar o matutino nascer do sol,  
 enquanto a alta Ursa desconhecer o cerúleo Nereu<sup>114</sup>,  
 veneraremos o alvo semblante do formoso Lieu<sup>115</sup>.

## TERCEIRO ATO

Édipo, Creonte

ÉDIPO

Ainda que esse teu semblante deixe ver sinais aflitivos,  
 Revela: com a cabeça de quem aplacaremos os deuses? 510

CREONTE

Ordenas falar o que o medo me aconselha a calar.

ÉDIPO

Se a arruinada Tebas não te comove o suficiente,  
 que te comova o cetro caído da casa contigo aparentada.

CREONTE

Desejarás ter desconhecido o que tanto procuras saber.

ÉDIPO

A ignorância é um remédio ineficaz contra os males. 515  
 Assim ocultarás a descoberta da salvação pública?

CREONTE

Quando o remédio é torpe, repugna-se curar.

ÉDIPO

Diz o que ouviste ou, subjugado por grave dor,  
 saberás do que as armas de um rei irado são capazes.

---

<sup>113</sup> Que matou Sêmele, mãe de Baco.

<sup>114</sup> Deus marinho, usado como sinônimo de mar; a imagem se explica por a constelação da Ursa Maior nunca se pôr.

<sup>115</sup> “Aquele que livra dos cuidados”, epíteto de Baco, do grego *luô*, “soltar”.



oditque Baccho ueniente fulmen.

Lucida dum current annosi sidera mundi,

Oceanus clausum dum fluctibus ambiet orbem

Lunaque dimissos dum plena recolliget ignes, 505

dum matutinos praedicet Lucifer ortus

altaque caeruleum dum Nerea nesciet Arctos,

candida formosi uenerabimur ora Lyaei.

**OEDIPVS** Etsi ipse uultus flebiles praefert notas,

exprope cuius capite placemus deos. 510

**CREO** Fari iubes tacere quae suadet metus.

**OE.** Si te ruentes non satis Thebae mouent,

at sceptrum moueant lapsa cognatae domus.

**CR.** Nescisse cupies nosse quae nimium expetis.

**OE.** Iners malorum remedium ignorantia est. 515

itane et salutis publicae indicium obrues?

**CR.** Vbi turpis est medicina, sanari piget.

**OE.** Audita fare, uel malo domitus graui

quid arma possint regis irati scies.

CREONTE

Os reis se aborrecem com os ditos que ordenam dizer. 520

ÉDIPO

Serás enviado ao Érebo, indivíduo vil, pelo bem de todos,  
se não revelares com tua voz os segredos do rito.

CREONTE

Que me seja permitido calar. Alguma liberdade menor  
é pedida a um rei?

ÉDIPO

Freqüentemente a muda liberdade  
prejudica o rei e o reino mais do que a palavra. 525

CREONTE

Quando não é permitido calar, o que é permitido?

ÉDIPO

Desfaz a autoridade quem cala tendo sido ordenado a falar.

CREONTE

Rogo que acolhas benévolo as palavras obrigadas.

ÉDIPO

Alguém acaso já foi punido por palavras arrancadas à força?

CREONTE

Há longe<sup>116</sup> da cidade um negro bosque de azinheiras, 530  
próximo da região do vale regada por Dirce.

O cipreste, expondo seu cimo por sobre a alta floresta,  
enlaça ao redor do sempre verde tronco a folhagem,

e o anoso carvalho estende seus ramos curvos

e apodrecidos pelo mofo: deste a voraz velhice 535

rompeu o lado; aquele, vacilando já com a raiz

desgastada, pende sustido por um tronco alheio.

---

<sup>116</sup> O advérbio “longe” (*procul*) é inadequado tanto geograficamente, já que o bosque ficava a cerca de um quilômetro da cidade, quanto tecnicamente, uma vez que uma viagem longa poria em risco a regra da unidade de tempo da tragédia clássica, que preconizava que a ação não poderia se estender por mais de um dia. No entanto, seu uso pode remeter à distância que esse cenário representa da normalidade da natureza: a distância da civilização é um aspecto importante do *locus horridus*. Em Homero, por exemplo, a entrada para o mundo inferior é situada na terra dos Cimérios, às margens do rio Oceano, na extremidade do mundo (*cf. Od.*, XI, 13ss.).

- CR.** Odere reges dicta quae dici iubent. 520
- OE.** Mitteris Erebo uile pro cunctis caput,  
arcana sacri uoce ni retegis tua.
- CR.** Tacere liceat. ulla libertas minor  
a rege petitur?
- OE.** Saepe uel lingua magis  
regi atque regno muta libertas obest. 525
- CR.** Vbi non licet tacere, quid cuiquam licet?
- OE.** Imperia soluit qui tacet iussus loqui.
- CR.** Coacta uerba placidus accipias precor.
- OE.** Vlline poena uocis expressae fuit?
- CR.** Est procul ab urbe lucus ilicibus niger 530  
Dircaea circa uallis inriguae loca.  
cupressus altis exerens siluis caput  
uirente semper alligat trunco nemus,  
curuosque tendit quercus et putres situ  
annosa ramos: huius abruptis lateribus  
edax uetustas; illa, iam fessa cadens  
radice, fulta pendet aliena trabe. 535

O loureiro de bagas amargas, e as tílias leves,  
 e a murta de Pafos<sup>117</sup>, e o álamo, que há de mover  
 os remos pelo imenso mar<sup>118</sup>, e o pinheiro que 540  
 se interpõe a Febo e que opõe aos zéfiros o tronco sem nós:  
 no meio se ergue ingente árvore e, com sua sombra espessa,  
 preme as árvores menores e, estendendo seus ramos  
 por um vasto espaço, protege sozinha o bosque.  
 Triste debaixo dela e ignorante da luz de Febo 545  
 se estagna uma água enregelada por frio eterno;  
 um brejo lodoso envolve uma fonte indolente<sup>119</sup>.

Quando o idoso sacerdote ali introduziu o passo,  
 não se demorou: o lugar oferecia a noite<sup>120</sup>.  
 Então se escavou a terra e, por cima, deitaram-se 550  
 fogos roubados às piras. O próprio vate cobre  
 o corpo com uma veste fúnebre e agita a fronte.  
 Um lúgubre manto se estende até a extremidade dos seus pés;  
 com esse paramento tenebroso, triste o velho avança;  
 o mortífero teixo se prende às suas cãs<sup>121</sup>. 555  
 Ovelhas bianejas de velo negro e escuras vacas<sup>122</sup>  
 são trazidas para a cova. A chama devora as oferendas,  
 e o gado, vivo, treme no fogo fatal.  
 Ele invoca, então, os manes e a ti<sup>123</sup> que governas os manes  
 e aquele<sup>124</sup> que guarda os claustros do letal lago, 560  
 profere os versos mágicos e, ameaçador, com furiosa

<sup>117</sup> Cidade de Chipre, onde se cultuava Vênus; a murta aparece em Vergílio, *Aen.*, VI, 443 como árvore de Vênus; em V, 72, Enéias faz uma coroa fúnebre com seus ramos.

<sup>118</sup> Cf. Vergílio, *Geor.*, II, 451s.

<sup>119</sup> A água parada e fria é típica do *locus horridus* e das descrições do mundo inferior; cf. Lucano, *Bel. civ.*, III, 411s.; Vergílio, *Aen.*, VI, 106s., *Geor.*, IV, 478ss.; Ovídio, *Met.*, XIV, 103; Sêneca, *Thy.*, 665s., *H. Fur.*, 686, 763, *Agam.*, 768.

<sup>120</sup> A noite era o horário adequado para os rituais de necromancia; cf. Vergílio, *op. cit.*, VI, 252. Para não quebrar a regra da unidade de tempo, o autor criou aqui uma noite “artificial”.

<sup>121</sup> O teixo (*taxus*) assume na poesia pós-augustana um papel semelhante ao do cipreste, daí a coroa do sacerdote ser feita desta árvore.

<sup>122</sup> Para divindades do mundo inferior deviam ser sacrificadas somente vítimas de pelo negro; cf. Vergílio, *op. cit.*, VI, 243 e 249.

<sup>123</sup> Plutão.

<sup>124</sup> Não é certo a quem se refere aqui: pode ser a Caronte, ao Estige personificado ou a Cérbero.

amara bacas laurus et tiliae leues  
 et Paphia myrtus et per immensum mare  
 motura remos alnus et Phoebo obuia 540  
 enode Zephyris pinus opponens latus.  
 medio stat ingens arbor atque umbra graui  
 siluas minores urguet et magno ambitu  
 diffusa ramos una defendit nemus.  
 tristis sub illa, lucis et Phoebi inscius, 545  
 restagnat umor frigore aeterno rigens;  
 limosa pigrum circumit fontem palus.  
     Huc ut sacerdos intulit senior gradum,  
 haut est moratus: praestitit noctem locus.  
 tum effossa tellus, et super rapti rogis 550  
 iaciuntur ignes. ipse funesto integit  
 uates amictu corpus et frondem quatit;  
 lugubris imos palla perfundit pedes,  
 squalente cultu maestus ingreditur senex,  
 mortifera canam taxus adstringit comam. 555  
 nigro bidentes uellere atque atrae boues  
 antro trahuntur. flamma praedatur dapes  
 uiuumque trepidat igne ferali pecus.  
 Vocat inde manes teque qui manes regis  
 et obsidentem claustra letalis lacus, 560  
 carmenque magicum uoluit et rabido minax

voz, recita tudo o que aplaque  
 ou coaja as leves sombras; liba sangue na fogueira,  
 queima os animais inteiros e satura a cova  
 com muito sangue; liba ainda sobre ela o névo 565  
 licor do leite, verte também o dom de Baco com a mão  
 esquerda<sup>125</sup> e novamente entoa seus encantamentos e, voltado para a terra,  
 com voz mais forte e tonitroante<sup>126</sup> invoca os manes.  
 Latiu a turba de Hécate<sup>127</sup>, três vezes os vales profundos  
 ressoaram de modo lúgubre, com o solo sacudido 570  
 a terra toda é abalada. “Sou ouvido”, diz o vate,  
 “as palavras eficazes enunciei: abre-se o escuro caos,  
 e ao povo de Dite é oferecido um caminho para a superfície”.  
 Toda a floresta abaixou e novamente alçou a folhagem,  
 os carvalhos fenderam-se e todo o bosque 575  
 sacudiu-se de horror, a terra recuou  
 e gemeu profundamente: seja porque o Aqueronte<sup>128</sup> não  
 suportou de bom grado que seu oculto abismo fosse sondado,  
 seja porque a própria terra, para abrir caminho aos mortos,  
 com as juntas rompidas ressoou, ou porque, enlouquecido de ira, 580  
 o tricéfalo Cérbero remexeu suas pesadas cadeias.  
 Subitamente fendeu-se a terra e abriu imensa  
 vala — eu mesmo vi os pálidos deuses  
 em meio a sombras, eu mesmo vi os estagnados lagos  
 e a noite verdadeira; gélido, nas veias deteve-se 585  
 e imobilizou-se meu sangue. Seva coorte precipitou-se,  
 ergueu-se, em armas, toda a raça viperina,  
 as tropas de irmãos gerados pelo dente de Dirce<sup>129</sup>. 588

<sup>125</sup> A libação aos deuses do mundo inferior era feita com a mão esquerda.

<sup>126</sup> *Attonita* tem sentido ativo no original.

<sup>127</sup> Hécate, identificada com Prosérpina, é o nome, quando está no mundo inferior, da divindade que se manifesta como Diana na terra e como Febe (Lua) no céu; cf. Ovídio, *Met.*, VII, 94 e 194. Em Vergílio, *Aen.*, VI, 257ss. e Ovídio, *op. cit.*, XIV, 410, também são mencionados cães em contexto semelhante.

<sup>128</sup> Rio do mundo inferior.

<sup>129</sup> Ver *citra* 726ss.

decantat ore quidquid aut placat leues  
 aut cogit umbras; sanguinem libat focus  
 solidasque pecudes urit et multo specum  
 saturat cruore; libat et niueum insuper 565  
 lactis liquorem, fundit et Bacchum manu  
 laeua canitque rursus ac terram intuens  
 grauiore manes uoce et attonita citat.  
 latrauit Hecates turba; ter ualles cauae  
 sonuere maestum, tota succusso solo 570  
 pulsata tellus. “audior” uates ait,  
 “rata uerba fudi: rumpitur caecum chaos  
 iterque populis Ditis ad superos datur.”  
 Subsedit omnis silua et erexit comas,  
 duxere rimas robora et totum nemus 575  
 concussit horror, terra se retro dedit  
 gemuitque penitus: siue temptari abditum  
 Acheron profundum mente non aequa tulit,  
 siue ipsa tellus, ut daret functis uiam,  
 compage rupta sonuit, aut ira furens 580  
 triceps catenas Cerberus mouit graues.  
 subito dehiscit terra et immenso sinu  
 laxata patuit — ipse pallentes deos  
 uidi inter umbras, ipse torpentes lacus  
 noctemque ueram; gelidus in uenis stetit 585  
 haesitque sanguis. saeua prosiluit cohors  
 et stetit in armis omne uipereum genus,  
 fratrum cateruae dente Dircae satae. 588

Então ressoou a feroz Erínis<sup>130</sup> e o cego Furor 590  
e o Horror e tudo o que a um só tempo criam e ocultam  
as eternas trevas: o Luto que se arranca os cabelos,  
a Doença que sustém com dificuldade a fatigada cabeça,  
a Velhice pesada a si mesma, o Medo hesitante  
e a Peste, ávido mal do povo ogígio<sup>131</sup>. 589  
O ânimo abandonou-nos; ela mesma que conhecia os ritos 595  
e os artifícios do velho ficou estupefata. Seu pai, intrépido  
e audaz por causa da sua deficiência, invoca do fero Dite  
a turba exangue: logo, como leves nuvens,  
os manes esvoaçam e tomam ar no céu livre.  
Não são tantas as folhagens cadentes que produz o Érice<sup>132</sup>, 600  
nem tantas as flores que no meio da primavera Hibla<sup>132</sup> cria,  
quando denso enxame em nuvem compacta se condensa;  
não são tantas as ondas que quebra o mar Jônio,  
nem tantas as aves que, fugindo das ameaças do gélido Estrimão<sup>133</sup>,  
migram durante o inverno e, cortando o céu, 605  
trocam as neves árticas pelo tépido Nilo,  
quanto a multidão que ele, com sua voz de vate, conduziu para fora.  
Timidamente, as almas trementes buscam os esconderijos  
do umbroso bosque: primeiro emerge do solo,  
com a destra segurando um feroz touro pelos chifres, 610  
Zeto<sup>134</sup>, e na mão esquerda segura a cítara  
Anfião<sup>135</sup>, que com sua doce música arrastava as rochas;  
e a filha de Tântalo<sup>136</sup>, enfim em meio a seus filhos,

---

<sup>130</sup> Ver nota 28.

<sup>131</sup> Ver nota 87.

<sup>132</sup> Monte da Sicília.

<sup>133</sup> Rio da Trácia; as aves referidas são os grous; *cf.* Vergílio, *Aen.*, X, 264-66.

<sup>134</sup> Príncipe tebano, filho de Zeus e Antíope, sobrinha de Lico, rei de Tebas; ele e seu irmão gêmeo Anfião foram expostos quando crianças no Citero, mas foram salvos por pastores. Adultos, mataram Lico e Dirce, sua esposa, pela crueldade contra Antíope, e reinaram juntos em Tebas. Dirce foi amarrada pelos cabelos a um touro selvagem e arrastada até a morte no Citero; *cf.* *Phoe.*, 19, Apolodoro, *op. cit.*, III, 5, 5.

<sup>135</sup> Ver nota anterior; teria construído as muralhas de Tebas fazendo as rochas moverem-se ao som de sua lira; *cf.* *Phoe.*, 566, *H. Fur.*, 262, Ovídio, *Met.*, VI, 176ss., Horácio, *Carmina*, III, 11, 2, *Ars*, 394s.



tum torua Erinys sonuit et caecus Furor 590  
 Horrorque et una quidquid aeternae creant  
 celantque tenebrae: Luctus auellens comam  
 aegreque lassum sustinens Morbus caput,  
 grauis Senectus sibimet et pendens Metus  
 auidumque populi Pestis Ogygii malum. 589  
 nos liquit animus; ipsa quae ritus senis 595  
 artesque norat stupuit. Intrepidus parens  
 audaxque damno conuocat Ditis feri  
 exsanguis uulgi: ilico, ut nebulae leues,  
 uolitant et auras libero caelo trahunt.  
 non tot caducas educat frondes Eryx 600  
 nec uere flores Hybla tot medio creat,  
 cum examen arto nectitur densum globo,  
 fluctusque non tot frangit Ionium mare,  
 nec tanta gelidi Strymonis fugiens minas  
 permutat hiemes ales et caelum secans 605  
 quot ille populos uatis eduxit sonus.  
 pauide latebras nemoris umbrosi petunt  
 animae trementes: primus emergit solo,  
 dextra ferocem cornibus taurum premens, 610  
 Zethus, manuque sustinet laeua chelyn  
 qui saxa dulci traxit Amphion sono,  
 interque natos Tantalus tandem suos

---

<sup>136</sup> Níobe, esposa de Anfião; por ter se recusado a prestar culto a Latona, foi punida por Diana com a perda de seus sete filhos e sete filhas; cf. Ovídio, *Met.*, VI, 146-312.

sem medo ergue a cabeça pesada de orgulho  
e conta suas sombras. Mãe pior está junto dela, 615  
a furibunda Agave<sup>137</sup>, segue-a todo o bando das que  
despedaçaram o rei: segue as Bacantes o dilacerado  
Penteu e mantém feroz, ainda agora, as ameaças.  
Finalmente, invocado repetidas vezes, levantou a pudibunda  
cabeça e retira-se para longe de toda essa turba 620  
e esconde-se (ameaça-o e redobra as imprecações  
estíguas o sacerdote, até ele pôr a descoberto seu  
semblante oculto) Laio — horrorizo-me ao falar:  
ergueu-se, horrendo, os membros banhados em sangue,  
os desgrenhados cabelos cobertos por imundície horrível, 625  
e com voz enraivecida fala: “Ó cruel casa de Cadmo,  
sempre alegre com o sangue dos parentes,  
vibrai os tirsos, com a mão tomada pelo deus dilacerai  
antes os filhos<sup>138</sup> — o maior crime em Tebas  
é o amor materno. Ó Pátria, não pela ira dos deuses, 630  
mas por causa dum crime és devastada: não é o funesto Austro,  
com seu sopro molesto, nem a terra pouco saciada  
com a chuva celeste, com sua exalação árida, que te causa dano,  
mas um rei cruento, que como paga pelo cruel assassinato  
ocupa o trono e o infame tálamo de seu pai. 635  
Odiosa é a prole, mas a mãe é pior  
que o filho, novamente grávida no útero infausto;  
e retornou ao ventre materno, e reintroduziu na mãe  
rebentos ímpios, costume que raramente é o das feras,  
e ele próprio gerou irmãos para si — complicado mal, 640  
monstro mais tortuoso do que a sua Esfinge.  
A ti, a ti, que com a cruenta destra portas o cetro,  
a ti eu, pai não vingado, perseguirei com toda a cidade,

<sup>137</sup> Filha de Cadmo, mãe de Penteu, rei de Tebas; dominada pelo frenesi báquico, dilacerou seu filho junto com outras bacantes; cf. Eurípides, *Bac.*, 1030ss., Ovídio, *Met.*, III, 725ss.

<sup>138</sup> Nova referência à morte de Penteu.

tuto superba fert caput fastu graue  
 et numerat umbras. peior hac genetrix adest 615  
 furibunda Agaue, tota quam sequitur manus  
 partita regem: sequitur et Bacchas lacer  
 Pentheus tenetque saeuus etiamnunc minas.  
 tandem uocatus saepe pudibundum extulit  
 caput atque ab omni dissidet turba procul 620  
 celatque semet (instat et Stygias preces  
 geminat sacerdos, donec in apertum efferat  
 uultus opertos) Laius — fari horreo:  
 stetit per artus sanguine effuso horridus,  
 paedore foedo squalidam obtentus comam, 625  
 et ore rabido fatur: “O Cadmi effera,  
 cruore semper laeta cognato domus,  
 uibrate thyrsos, enthea gnatos manu  
 lacerate potius — maximum Thebis scelus  
 maternus amor est. patria, non ira deum, 630  
 sed scelere raperis: non graui flatu tibi  
 luctificus Auster nec parum pluuiio aethere  
 satiata tellus halitu sicco nocet,  
 sed rex cruentus, pretia qui saeuae necis  
 sceptrum et nefandos occupat thalamos patris 635  
 inuisa proles: sed tamen peior parens  
 quam gnatus, utero rursus infausto grauis  
 egitque in ortus semet et matri impios  
 fetus regessit, quique uix mos est feris,  
 fratres sibi ipse genuit — implicitum malum 640  
 magisque monstrum Sphinge perplexum sua.  
 te, te cruenta sceptrum qui dextra geris,  
 te pater inultus urbe cum tota petam

e comigo trarei Erínis<sup>139</sup>, que assistiu ao teu casamento,  
 trarei os sibilantes açoites, essa incestuosa casa 645  
 destruirei, e os penates, por meio duma ímpia guerra, espedaçarei.  
 Portanto, prontamente enviai ao exílio deste país  
 o rei banido: todo o solo que ele abandonar  
 com seu funesto passo, verdejando com a florífera primavera,  
 recuperará as ervas; uma respiração pura fornecerá 650  
 o vivificante ar, retornará também às florestas o seu ornamento.  
 A Destruição<sup>140</sup> e a Peste, a Morte, a Fadiga, o Contágio, a Dor,  
 comitiva digna dele, retirar-se-ão ao mesmo tempo;  
 e ele mesmo desejará fugir com passos rápidos  
 de nossas terras, mas aos seus pés duras delongas 655  
 oporei e retê-lo-ei: arrastar-se-á incerto da direção,  
 tentando o caminho com seu triste báculo de velho:  
 tomai-lhe as terras; eu, seu pai, arrebatá-lo-ei o céu”.

#### ÉDIPO

Um tremor gélido invade meus ossos e membros:  
 o que eu temia fazer sou acusado de ter feito — 660  
 o crime do casamento incestuoso repele Mérope,  
 unida ainda a Pólipo; absolve minhas mãos  
 o incólume Pólipo: ambos os meus pais me defendem  
 do assassinato e do incesto. Que lugar para a culpa resta?  
 Tebas lamentava a perda de Laio muito antes 665  
 de eu tocar com meu passo o território beócio.  
 Enganou-se o velho ou o deus oprime ainda Tebas? —  
 Já tenho os cúmplices da engenhosa trama:  
 inventa essa acusação, antepondo à fraude os deuses,  
 o vate e a ti promete meu cetro! 670

#### CREONTE

Acaso desejaria eu que minha irmã fosse expulsa do palácio real?

<sup>139</sup> Ver nota 28.

<sup>140</sup> *Letum* no original; o sentido primeiro é de morte violenta, mas pode também por extensão significar “ruína, destruição”.

et mecum Erinyn pronubam thalami traham,  
traham sonantis uerbera, incestam domum 645  
uertam et penates impio Marte obteram.

proinde pulsum finibus regem ocius  
agite exulem quodcumque; funesto gradu  
solum relinquet, uere florifero uirens  
reparabit herbas; spiritus pueros dabit 650  
uitalis aura, ueniet et siluis decor;

Letum Luesque, Mors Labor Tabes Dolor,  
comitatus illo dignus, excedent simul;  
et ipse rapidis gressibus sedes uolet  
effugere nostras, sed graues pedibus moras 655

addam et tenebo: reptet incertus uiae,  
baculo senili triste praetemptans iter:  
eripite terras, auferam caelum pater.”

**OE.** Et ossa et artus gelidus inuasit tremor:  
quidquid timebam facere fecisse arguor — 660  
tori iugalis abnuit Merope nefas

sociata Polybo; sospes absoluit manus  
Polybus meas: uterque defendit parens  
caedem stuprumque. quis locus culpae est super?  
multo ante Thebae Laium amissum gemunt, 665

Boeota gressu quam meo tetigi loca.  
falsusne senior an deus Thebis grauis?  
iam iam tenemus callidi socios doli:  
mentitur ista praeferens fraudi deos  
uates, tibi que scepra despondet mea. 670

**CR.** Egone ut sororem regia expelli uelim?

Se a fidelidade sagrada a um lar aparentado  
 não me mantivesse firme na minha posição,  
 a própria Fortuna, sempre demasiadamente irresoluta,  
 me aterraria. Que te seja permitido, seguro, 675  
 despojar-te desse peso<sup>141</sup>, para que não te esmague quando te retirares:  
 já te porás mais seguro numa posição menos elevada.

ÉDIPO

Ainda me exortas a depor espontaneamente minha  
 tão pesada realeza?

CREONTE

Eu aconselharia isto àqueles  
 que ainda têm liberdade de o fazer ou não: 680  
 a ti já é necessário suportar tua Fortuna<sup>142</sup>.

ÉDIPO

É a via mais certa para aquele que deseja reinar  
 louvar a moderação e falar do ócio e do sono;  
 pelo inquieto é freqüentemente fingida a quietude.

CREONTE

Uma tão duradoura fidelidade diz pouco em minha defesa? 685

ÉDIPO

Para o pérfido a fidelidade serve de meio de acesso ao mal.

CREONTE

Livre do peso do poder real gozo dos bens da realeza,  
 e minha casa é estimada por grande número de cidadãos;  
 nenhum dia surge um após o outro  
 sem que a proximidade do cetro redunde 690  
 em benefícios para o meu lar; conforto, mesa farta,  
 a salvação, por minha influência, propiciada a muitos:  
 o que eu poderia achar que falte à minha tão ditosa Fortuna?

---

<sup>141</sup> Cf. *Thy.*, 930, *Tro.*, 491.

<sup>142</sup> Cf. *De clem.*, I, 8, 3.

si me fides sacrata cognati laris  
 non contineret in meo certum statu,  
 tamen ipsa me fortuna terreret nimis  
 sollicita semper. liceat hoc tuto tibi  
 675  
 exuere pondus nec recedentem opprimat:  
 iam te minore tutior pones loco.

**OE.** Hortaris etiam, sponte deponam ut mea  
 tam grauiā regna?

**CR.** Suadeam hoc illis ego,  
 in utrumque quis est liber etiamnunc status:  
 680  
 tibi iam necesse est ferre fortunam tuam.

**OE.** Certissima est regnare cupienti uia  
 laudare modica et otium ac somnum loqui;  
 ab inquieto saepe simulatur quies.

**CR.** Parumne me tam longa defendit fides? 685

**OE.** Aditum nocendi perfido praestat fides.

**CR.** Solutus onere regio regni bonis  
 fruor domusque ciuium coetu uiget,  
 nec ulla uicibus surgit alternis dies  
 690  
 qua non propinqui munera ad nostros lares  
 sceptri redundant; cultus, opulentae dapes,  
 donata multis gratia nostra salus:  
 quid tam beatæ desse fortunæ rear?

ÉDIPO

O que falta: a prosperidade não conhece medida.

CREONTE

Portanto, como culpado perderei a causa não examinada? 695

ÉDIPO

Acaso foi-vos dada conta de minha vida?

Acaso a minha causa foi ouvida por Tirésias?

No entanto, pareço-vos culpado. Dai o exemplo: segui-lo-ei.

CREONTE

Por quê, se sou inocente?

ÉDIPO

Os reis costumam temer as coisas dúbias  
como se fossem certas.

CREONTE

Quem se atemoriza com medos vãos 700  
merece os verdadeiros.

ÉDIPO

Quem foi inculpado,  
uma vez libertado, tem ódio: que tudo o que é incerto pereça.

CREONTE

Assim nascem os ódios.

ÉDIPO

Quem receia demais os ódios  
não sabe reinar: o medo defende os reinados.

CREONTE

Quem, cruel, empunha o cetro com duro poder 705  
teme os temerosos: o medo retorna ao seu autor.

ÉDIPO [*dirigindo-se a seus servos*]

Guardai esse criminoso encerrado numa cela de pedra!

Eu, de minha parte, encaminharei meu passo ao palácio real.

[*Creonte é levado pelos servos. Édipo sai*]



**OE.** Quod dest: secunda non habent umquam modum.

**CR.** Incognita igitur ut nocens causa cadam? 695

**OE.** Num ratio uobis reddita est uitae meae?

num audita causa est nostra Tiresiae? tamen  
sontes uidemur. facitis exemplum: sequor.

**CR.** Quid si innocens sum?

**OE.** Dubia pro certis solent  
timere reges.

**CR.** Qui pauet uanos metus, 700

ueros meretur.

**OE.** Quisquis in culpa fuit,  
dimissus odit: omne quod dubium est cadat.

**CR.** Sic odia fiunt.

**OE.** Odia qui nimium timet  
regnare nescit: regna custodit metus.

**CR.** Qui scepra duro saeuus imperio gerit, 705

timet timentis: metus in auctorem redit.

**OE.** Seruate sontem saxeo inclusum specul  
ipse ad penates regios referam gradum.

*Terceiro Canto Coral*

## CORO

Não és tu a causa de tamanhos perigos,  
 não aos labdácidas<sup>143</sup> visa 710  
 este fado, mas antigas iras  
 dos deuses os perseguem<sup>144</sup>: o bosque castálio  
 ofereceu sua sombra ao hóspede sidônio<sup>145</sup>,  
 e Dirce banhou os colonos tírios,  
 logo que o filho do grande Agenor, 715  
 fatigado de perseguir pelo orbe o roubo de Júpiter<sup>146</sup>,  
 deteve-se temeroso sob nossa árvore,  
 venerando<sup>147</sup> o seu ladrão  
 e, por uma ordem de Febo  
 advertido de acompanhar uma vaca errante 720  
 que ainda não se curvara  
 sob o arado ou o curvo jugo do vagaroso carro,  
 abandonou a perseguição e deu à nossa nação  
 o nome da agourenta vaca<sup>148</sup>.  
 Desde aquele tempo nossa terra sempre 725a  
 produziu novos monstros: 725b  
 ou uma serpente<sup>149</sup>, saída do fundo dos vales,  
 sibila em volta dos anosos carvalhos 727a  
 e trepa nos pinheiros, 727b  
 sobre as árvores caônias<sup>150</sup> ainda mais elevada  
 ergueu a cerúlea cabeça,  
 enquanto se enrodilhava sobre a maior parte do seu corpo; 730

<sup>143</sup> Descendentes de Lâbdaco, rei de Tebas e pai de Laio.

<sup>144</sup> Cf. Sófocles, *Oed. rex*, 965.

<sup>145</sup> Ver nota 30; a referência é a Cadmo.

<sup>146</sup> Júpiter, disfarçado de touro, rapta Europa, irmã de Cadmo, e a leva para Creta, onde ela eventualmente dará à luz Minos; Cadmo é ordenado por seu pai Agenor a procurar sua irmã, sob pena de exílio caso não a encontre; cf. Ovídio, *Met.*, II, 833-875; III, 1-9.

<sup>147</sup> Ou “sacrificando a”; Ovídio, *op. cit.*, III, 26: *sacra Ioui factururus erat*.

<sup>148</sup> Beócia, do grego *bous*, “boi, vaca”; *id.*, *ibid.*, III, 13.

<sup>149</sup> Serpente consagrada a Marte que Cadmo matou; *id.*, *ibid.*, III, 32ss.

<sup>150</sup> Região do Epiro, na Armênia; a “árvore caônia” é o carvalho; *id.*, *ibid.*, X, 90.

**CHORVS** Non tu tantis causa periclis,  
 non haec Labdacidas petunt 710  
 fata, sed ueteres deum  
 irae secuntur: Castalium nemus  
 umbram Sidonio praebuit hospiti  
 lauitque Dirce Tyrios colonos,  
 ut primum magni natus Agenoris, 715  
 fessus per orbem furta sequi Iouis,  
 sub nostra pavidus constitit arbore  
 praedonem uenerans suum,  
 monituque Phoebi  
 iussus erranti comes ire uaccae, 720  
 quam non flexerat  
 uomer aut tardi iuga curua plaustri,  
 deseruit fugas nomenque genti  
 inauspicata de boue tradidit.  
 tempore ex illo noua monstra semper 725a  
 protulit tellus: 725b  
 aut anguis imis uallibus editus  
 annosa circa robora sibilat 727a  
 superatque pinus, 727b  
 supra Chaonias celsior arbores  
 erexit caeruleum caput,  
 cum maiore sui parte recumberet; 730

ou a terra, prenhe duma ímpia gestação, 731a

produziu homens armados: 731b

soou o sinal do recurvo chifre

e o clarim de adunco cobre emitiu

seu som penetrante

\*\*\*

nunca antes experimentaram as línguas ágeis e as bocas 735

de voz desconhecida, e fizeram-no primeiro com um

clamor hostil.

As tropas de irmãos se apossam dos campos,

prole digna da semente lançada,

que cobriu todo o percurso da vida num só dia: 740

nascida depois do curso de Lúcifer,

pereceu antes do nascimento de Vésper.

Horroriza-se o estrangeiro com tantos monstros

e teme os combates do povo recente,

até que tombou a seva mocidade 745

e a mãe<sup>151</sup> vê retornar ao seu regaço

os rebentos há pouco dados à luz —

que se extinguam desse modo as guerras civis!

Que a Tebas de Hércules conheça só aquela

batalha entre irmãos. 750

Que mais? O destino do neto de Cadmo,

quando os chifres de veloz cervo

ocultaram sua frente com a ramada nova

e os cães perseguiram seu próprio dono!

Precipitado, pelas selvas foge 755

o rápido Actéon e, com o pé agora mais ágil,

vagando pelas matas e rochedos,

receia as plumas<sup>152</sup> movidas pelos zéfiros

---

<sup>151</sup> A Terra.

<sup>152</sup> Os caçadores costumavam amarrar penas em arbustos nas trilhas de cervos para assustá-los para a direção pretendida.

aut feta tellus impio partu 731a  
 effudit arma: 731b  
 sonuit reflexo classicum cornu  
 lituusque adunco stridulos cantus  
 elisit aere  
 \*\*\*  
 non ante linguas agiles et ora 735  
 uocis ignotae clamore primum  
 hostico experti.  
 agmina campos cognata tenent,  
 dignaque iacto semine proles  
 uno aetatem permensa die 740  
 post Luciferi nata meatus  
 ante Hesperios occidit ortus.  
 horret tantis aduena monstribus  
 populique timet bella recentis,  
 donec cecidit saeua iuuentus 745  
 genetrixque suo reddi gremio  
 modo productos uidit alumnos —  
 hac transierit ciuile nefas!  
 illa Herculeae norint Thebae  
 proelia fratrum. 750  
 quid? Cadmei fata nepotis,  
 cum uiuacis cornua cerui  
 frontem ramis texere nouis  
 dominumque canes egere suum!  
 praeceps siluas montesque fugit 755  
 citus Actaeon agilique magis  
 pede per saltus ac saxa uagus  
 metuit motas zephyris plumas

e evita as redes que ele mesmo armou —  
 até que nas águas duma plácida fonte 760  
 viu seus chifres e seu semblante de fera<sup>153</sup>,  
 lá onde banhara os virgíneos membros  
 a deusa do pudor demasiado cruel<sup>154</sup>.

#### QUARTO ATO

#### Édipo

#### ÉDIPO

Meu espírito revolve as preocupações e retoma os medos.  
 Laio teria sido morto por meio dum crime meu, julgam 765  
 os céus e os infernos, mas meu espírito inocente, ao contrário,  
 que se conhece melhor do que os deuses, nega-o.

Retorna à minha memória que numa passagem estreita  
 tombou, atingido pelo meu bordão,  
 e foi oferecido a Dite um velho soberbo, que antes 770  
 arremetera seu carro sobre mim, jovem, longe de Tebas,  
 na região da Fócida onde a estrada se divide em três.

[*Entra Jocasta*]

Ó esposa concorde, esclarece minhas incertezas, peço-te:  
 qual porção da vida percorria Laio ao morrer?  
 Vigoroso, na flor da idade, ou alquebrado morreu ele? 775

#### JOCASTA

Entre a velhice e a juventude, mas mais perto da velhice.

#### ÉDIPO

Uma escolta numerosa rodeava o rei?

#### JOCASTA

A muitos enganou a incerteza do dividido caminho,  
 um empenho fiel ligou poucos ao carro.

<sup>153</sup> Actéon foi transformado em cervo por ter visto Diana nua a banhar-se; Ovídio, *op. cit.*, III, 138ss.

<sup>154</sup> Diana; para todo esse mito de Cadmo e seus descendentes, *id., ibid.*, III, 1-252.

et quae posuit retia uitat —  
 donec placidi fontis in unda 760  
 cornua uidit uultusque feros,  
 ubi uirgineos fouerat artus  
 nimium saeui diua pudoris.

**OEDIPVS** Curas reuoluit animus et repetit metus.  
 obisse nostro Laium scelere autumant 765  
 superi inferique, sed animus contra innocens  
 sibi que melius quam deis notus negat.  
 redit memoria tenue per uestigium,  
 cecidisse nostri stipitis pulsu obuium  
 datumque Diti, cum prior iuuenem senex 770  
 curru superbus pelleret, Thebis procul  
 Phocaea trifidas regio qua scindit uias.  
 unanima coniunx, explica errores, precor:  
 quae spatia moriens Laius uitae tulit?  
 primone in aeuo uiridis an fracto occidit? 775

**IOCASTA** Inter senem iuuenemque, sed propior seni.

**OE.** Frequensne turba regium cinxit latus?

**IOC.** Plures fefellit error ancipitis uiae,  
 paucos fidelis curribus iunxit labor.

ÉDIPO

Algun acompanhado tombou com o mesmo destino do rei? 780

JOCASTA

Um só a fidelidade e a virtude fizeram partilhar-lhe a sorte.

ÉDIPO [*Para si*]

Tenho o culpado: condiz o número, o local! — [*Para Jocasta*]  
mas acrescenta a época.

JOCASTA

Já se conta a décima colheita.

[*Entra um velho mensageiro coríntio*]

VELHO CORÍNTIO [*Para Édipo*]

O povo coríntio te chama ao reino pátrio:

Pólibo obteve o descanso eterno. 785

ÉDIPO

Como, de todos os lados, contra mim a cruel Fortuna investe!

Relata, vamos, de que morte tombou meu pai.

VELHO

Um sono tranqüilo desprende sua alma idosa.

ÉDIPO

Meu pai sem nenhum assassinato jaz morto!

Atesto-o, já me é permitido levantar ao céu piamente 790

as mãos puras e que não temem mais nenhum crime.

Mas a parte mais terrível do meu fado permanece.

VELHO

O reino paterno dissipará todo o medo.

ÉDIPO

Eu retornaria ao reino paterno; mas tenho horror à minha mãe.

VELHO

Temes a mãe que, esperando tua volta, 795

se inquieta ansiosa?

ÉDIPO

O amor filial mesmo me faz fugir.



**OE.** Aliquisne cecidit regio fato comes? 780

**IOC.** Vnum fides uirtusque consortem addidit.

**OE.** Teneo nocentem: conuenit numerus, locus! —  
sed tempus adde.

**IOC.** Decima iam metitur seges.

**SENEX CORINTHIVS** Corinthius te populus in regnum uocat  
patrium: quietem Polybus aeternam obtinet. 785

**OE.** Vt undique in me saeua Fortuna irruit!  
edissere agedum, quo cadat fato parens.

**SEN.** Animam senilem mollis exsoluit sopor.

**OE.** Genitor sine ulla caede defunctus iacet!  
testor, licet iam tollere ad caelum pie 790  
puras nec ulla scelera metuentes manus.

Sed pars magis metuenda factorum manet.

**SEN.** Omnem paterna regna discutient metum.

**OE.** Repetam paterna regna; sed matrem horreo.

**SEN.** Metuis parentem, quae tuum reditum expetens 795  
sollicita pendet?

**OE.** Ipsa me pietas fugat.

VELHO

Uma viúva abandonarás?

ÉDIPO

Eis que tocas nos meus medos mesmos!

VELHO

Diz que temor oculto te oprime o pensamento;

costumo prestar uma fidelidade tácita aos reis.

ÉDIPO

Tremo com a advertência Délfica de esposar minha mãe.

800

VELHO

Deixa de temer em vão e os torpes medos

depõe. Mérope não foi tua verdadeira genitora.

ÉDIPO

Que vantagem pretendia ela com um filho suposto?

VELHO

Filhos reforçam a fidelidade soberba dos reis.

ÉDIPO

Diz de que modo sabes esses segredos do leito.

805

VELHO

Estas mãos te levaram ainda pequenino à tua mãe.

ÉDIPO

Tu me levaste à minha mãe; mas quem me levou a ti?

VELHO

Um pastor, sob o cume nevoso do Citero.

ÉDIPO

Que acaso te levava àqueles bosques?

VELHO

Eu seguia naquele monte rebanhos corníferos.

810

ÉDIPO

Acrescenta agora os sinais claros do meu corpo.

VELHO

Trazias perfuradas por um ferro as solas dos pés,

**SEN.** Viduam relinques?

**OE.** Tangis en ipsos metus!

**SEN.** Effare mersus quis premat mentem timor;  
praestare tacitam regibus soleo fidem.

**OE.** Conubia matris Delphico monitu tremo. 800

**SEN.** Timere uana desine et turpes metus  
depone. Merope uera non fuerat parens.

**OE.** Quod subditiui praemium gnati petit?

**SEN.** Regum superbam liberi astringunt fidem.

**OE.** Secreta thalami fare quo excipias modo. 805

**SEN.** Hae te parenti paruulum tradunt manus.

**OE.** Tu me parenti tradis; at quis me tibi?

**SEN.** Pastor niuoso sub Cithaeronis iugo.

**OE.** In illa temet nemora quis casus tulit?

**SEN.** Illo sequebar monte cornigeros greges. 810

**OE.** Nunc adice certas corporis nostri notas.

**SEN.** Forata ferro gesseras uestigia,

do inchaço e do defeito dos pés te adveio o nome<sup>155</sup>.

ÉDIPO

Quem foi aquele que te deu de presente meu  
corpo, pergunto.

VELHO

Ele apascentava os rebanhos reais;

815

sob ele estava subordinada uma multidão de pastores.

ÉDIPO

Diz o nome.

VELHO

Logo debilita-se a memória

dos velhos, esvaindo-se cansada na longa velhice.

ÉDIPO

Poderias reconhecer esse homem pela face e pelo semblante?

VELHO

Talvez o reconheça: freqüentemente um leve sinal

820

faz voltar a memória apagada e soterrada no tempo.

ÉDIPO [*Para seus servos*]

Junto aos altares dos sacrifícios está reunido todo o meu rebanho,

seguem-no os seus pastores; ide, convocai depressa,

fâmulos, aquele em cuja guarda se acha a maior parte do gado.

[*Os servos saem para cumprir a determinação*]

JOCASTA

Seja a razão, seja a Fortuna que oculte essas coisas,

825

deixa sempre escondido o que se escondeu por tanto tempo:

freqüentemente a verdade expõe ao mal quem a desvenda.

ÉDIPO

Há algum mal maior do que este para se temer?

JOCASTA

Saibas que é importante o que se busca com grande esforço:

concorrem dum lado a salvação pública e doutro a do rei,

830

---

<sup>155</sup> Em grego, *Oidipous*, “pé inchado”, de *oideó*, “inchar”, e *pous*, “pé”.



ambas iguais; conserva tuas mãos neutras:  
mesmo que nada remexas, o próprio fado se revelará.

ÉDIPO

Não convém abalar um estado feliz:  
mas mexe-se em segurança no que está em situação desesperadora<sup>156</sup>.

JOCASTA

Cobiças algo mais nobre que a tua origem real? 835

Cuida que não te repugne o pai encontrado.

ÉDIPO

Mesmo que venha a lamentar procurarei a prova do meu sangue:  
assim é certo sabê-lo. 838

[*Entra Forbas. Édipo para si*]

— Eis o velho longevo 838

sob o qual estava o comando dos rebanhos reais,

Forbas. 840

[*Para o velho coríntio*]

Recordas o nome ou o semblante do velho? 840

VELHO

Seu aspecto sorri ao meu espírito; nem suficientemente conhecido  
nem, por outro lado, desconhecido é-me esse semblante.

ÉDIPO [*Para Forbas*]

Quando Laio ocupava o trono, servo, pastoreaste  
seus gordos rebanhos sobre os montes do Citero?

FORBAS

O fecundo Citero oferece aos nossos rebanhos 845  
campos de estio com pastagem sempre nova.

VELHO [*Para Forbas*]

Reconheces a mim?

FORBAS

Está em dúvida minha hesitante memória.

---

<sup>156</sup> Cf. *Phoe.*, 198s., *Agam.*, 146, *Med.*, 163.

utrimque paria; contine medias manus:

ut nil lacessas, ipsa se fata explicant.

**OE.** Non expedit concutere felicem statum:

tuto mouetur quidquid extremo in loco est.

**IOC.** Nobilius aliquid genere regali appetis? 835

ne te parentis pigeat inuenti uide.

**OE.** Vel paenitendi sanguinis quaeram fidem:

sic nosse certum est. — Ecce grandaeuus senex,

arbitria sub quo regii fuerant gregis,

Phorbas. refersne nomen aut uultum senis? 840

**SEN.** Adridet animo forma; nec notus satis,

nec rursus iste uultus ignotus mihi.

**OE.** Regnum optinente Laio famulus greges

agitasti opimos sub Cithaeronis plaga?

**PHORBAS** Laetus Cithaeron pabulo semper nouo 845

aestiua nostro prata summittit gregi.

**SEN.** Noscisne memet?

**PH.** Dubitat anceps memoria.

ÉDIPO

A este foi por ti entregue outrora um menino?

Fala! Estás em dúvida? Por que tuas faces mudam de cor?

Por que buscas palavras? A verdade odeia demoras. 850

FORBAS

Revolves coisas encobertas por um longo espaço de tempo.

ÉDIPO

Confessa, para que a dor não te arranque a verdade!

FORBAS

Como inútil presente a ele dei uma criança:

ela não podia fruir nem da luz nem do céu.

VELHO

Longe esteja esse agouro! Ela vive e rogo que viva. 855

ÉDIPO

Por que dizes que a criança entregue por ti não sobreviveu?

FORBAS

Um ferro transpassado por ambos os pés

ligava os membros, o inchaço nascido do ferimento

devastava o corpo pueril com uma infecção hedionda.

ÉDIPO [*Para si*]

Por que indagas mais além? Teu fado já se encontra próximo. — 860

[*Para Forbas*]

Quem era essa criança, esclarece-me.

FORBAS

Proíbe-o a fidelidade.

ÉDIPO

Para cá, alguém, fogo! A chama abaterá tua fidelidade.

FORBAS

Por tão cruentas vias se demanda a verdade?

Sê indulgente, imploro-te!

ÉDIPO

Se feroz te pareço



**OE.** Huic aliquis a te traditur quondam puer?  
 effare! dubitas? cur genas mutat color?  
 quid uerba quaeris? ueritas odit moras. 850

**PH.** Obducta longo temporum tractu moues.

**OE.** Fatere, ne te cogat ad uerum dolor!

**PH.** Inutile isti munus infantem dedi:

non potuit ille luce, non caelo frui.

**SEN.** Procul sit omen! uiuit et uiuat precor. 855

**OE.** Superesse quare traditum infantem negas?

**PH.** Ferrum per ambos tenue transactum pedes

ligabat artus, uulneri innatus tumor

puerile foeda corpus urebat lue.

**OE.** Quid quaeris ultra? fata iam accedunt prope. — 860  
 quis fuerit infans edoce.

**PH.** Prohibet fides.

**OE.** Huc aliquis ignem! flamma iam excutiet fidem.

**PH.** Per tam cruentas uera quaerentur uias?

ignosce quaeso!

**OE.** Si ferus uideor tibi

e prepotente, tens pronta na mão a vingança: 865

diz a verdade: quem é ele? Foi gerado por que pai?

Foi dado à luz por que mãe?

FORBAS

Foi dado à luz pela tua esposa.

[*Forbas e o mensageiro coríntio saem*]

ÉDIPO

Abre-te, terra, e tu, senhor das trevas<sup>157</sup>,

para o fundo do Tártaro, ó mestre das sombras, arrasta

as sucessões inversas do nascimento e da geração<sup>158</sup>. 870

Amontoai, cidadãos, pedras contra minha infanda cabeça,

enchei-me de dardos: ataque-me com o ferro o pai,

ataque-me o filho, contra mim os cônjuges armem as mãos

e os irmãos e o povo enfermo lancem fochos tirados

das piras funerárias. Agravo do mundo vagueio, 875

ódio dos deuses, ruína das leis sacras,

desde o dia em que primeiro sorvi o inexperimentado ar

já da morte digno. 878

[*Para si*]

Mostra agora ânimo igual, 878

agora ousa algo digno dos teus crimes.

Vai, anda, com passo rápido dirige-te ao palácio: 880

felicita tua mãe pela casa acrescida de tais filhos!

### *Quarto Canto Coral*

CORO

Se me fosse permitido dispor

o fado segundo meu arbítrio,

enfunaria com um Zéfiro leve

---

<sup>157</sup> Plutão.

<sup>158</sup> Cf. Sófocles, *Oed. rex*, 1184s.

et impotens, parata uindicta in manu est: 865

dic uera: quisnam? quoue generatus patre?

qua matre genitus?

**PH.** Coniuge est genitus tua.

**OE.** Dehisce, tellus, tuque tenebrarum potens,

in Tartara ima, rector umbrarum, rape

retro reuersas generis ac stirpis uices. 870

congerite, ciues, saxa in infandum caput,

mactate telis: me petat ferro parens,

me gnatus, in me coniuges arment manus

fratresque, et aeger populus ereptos rogis

iaculetur ignes. saeculi crimen uagor, 875

odium deorum, iuris exitium sacri,

qua luce primum spiritus hausit rudes

iam morte dignus. redde nunc animos pares,

nunc aliquid aude sceleribus dignum tuis.

i, perge, propero regiam gressu pete: 880

gratare matri liberis auctam domum!

**CHORVS** Fata si liceat mihi

fingere arbitrio meo,

temperem Zephyro leui

minhas velas, para que, pressionadas por forte vento, as antenas não se agitem: 885

branda aragem, soprando moderadamente,  
 conduza meu inabalado barco  
 sem inclinar seu flanco;  
 segura me conduza a vida 890  
 percorrendo a via média.

Ao gnóssio<sup>159</sup> rei temendo,  
 os astros, então, louco, demanda  
 fiado no seu novo engenho  
 e empenha-se em as veras aves 895  
 vencer, mas das falsas penas  
 solicita demais o jovem<sup>160</sup>,  
 e o nome tomou-lhe um mar<sup>161</sup>.

O prudente velho Dédalo,  
 sustendo-se numa trajetória mediana, 900  
 permaneceu sob as médias nuvens,  
 esperando seu filho alado,  
 tal como foge às ameaças do falcão  
 e recolhe os filhotes dispersos  
 pelo medo a ave, 905  
 até que no mar agita  
 o jovem as mãos embaraçadas,  
 fim da audaciosa rota.

Tudo o que excede a medida  
 pende de um terreno instável. 910

[*Entra um mensageiro do palácio*]

<sup>159</sup> De Gnosso, antiga capital de Creta.

<sup>160</sup> Ícaro, filho de Dédalo, arquiteto ateniense que construiu o labirinto do Minotauro, por ordem de Minos. Confinado em Creta, construiu asas feitas de penas coladas com cera para si e seu filho, porém Ícaro voou muito próximo ao sol e suas asas derreteram, causando sua queda no mar, que recebeu por isso o nome de Mar Icário; cf. Ovídio, *Met.*, VIII, 155-235, *Ars am.*, II, 21-97.

<sup>161</sup> Que é Ícaro que dá o nome ao mar e não vice-versa é claro pelas referências mitológicas (cf. Horácio, *Carmina*, IV, 2, 3s.; Ovídio, *Ars am.*, II, 96, *Met.*, VIII, 230, *Tris.*, I, 1, 90, III, 4, 22; cf. ainda *H. Oet.*, 685-690); o uso de um verbo ativo por um passivo é original, no que Sêneca é imitado por Lucano, *op. cit.*, IX, 956: *qua pelago nomen Nepheleias abstulit Helle*.

uela, ne pressae graui 885  
 spiritu antennae tremant:  
 lenis et modice fluens  
 aura nec uergens latus  
 ducat intrepidam ratem;  
 tuta me media uehat 890  
 uita decurrens uia.

Gnosium regem timens  
 astra dum demens petit  
 artibus fisus nouis  
 certat et ueras aues 895  
 uincere ac falsis nimis  
 imperat pinnis puer,  
 nomen eripuit freto.

Callidus medium senex  
 Daedalus librans iter 900  
 nube sub media stetit  
 alitem expectans suam  
 qualis accipitris minas  
 fugit et sparsos metu  
 conligit fetus auis, 905  
 donec in ponto manus  
 mouit implicitas puer.  
 finis audacis uiae  
 quidquid excessit modum  
 pendet instabili loco. 910

Mas o que é isto? As portas rangem,  
e triste um fãmulô do rei  
com a mão bate na cabeça.  
Diz o que trazes de novo.

QUINTO ATO

*Êxodo*

Mensageiro, Coro

MENSAGEIRO

Depois que o fado predito e o infame nascimento 915  
compreendeu e que do crime era culpado, Édipo  
condenou a si mesmo, hostil se dirigindo ao palácio;  
sob o odioso teto penetrou com passo rápido,  
qual leão líbio que pelos campos se enfurece,  
a fulva juba sacudindo na ameaçadora frente; 920  
o semblante terrível pelo furor e os olhos ameaçadores,  
gemido e alto murmúrio, e gélido suor  
escorre pelos membros, espuma e revolve ameaças,  
e grande dor, profundamente imersa, extravasa.  
Contra si mesmo, feroz, prepara não sei o que de grande 925  
e conforme ao seu fado. “Por que as penas retardo?”,  
diz, “este criminoso peito alguém ou com ferro atinja  
ou com ardente facho ou pedra subjogue.  
Qual tigre ou qual cruel ave sobre minhas vísceras  
se lançará? Tu próprio, de crimes repleto, 930  
sacro Citero, ou feras contra mim lança  
das tuas florestas, ou envia raivosos cães —  
agora traz de volta Agave. Ó alma, por que a morte temes?  
Só a morte o inocente à Fortuna arranca”.  
Isto dito, toma com a ímpia mão o punho da espada 935  
e da bainha tira-a. “Então é assim? Com breve castigo

Sed quid hoc? postes sonant,  
 maestus et famulus manu  
 regius quassat caput.

Ede quid portes noui.

**NVNTIVS** Praedicta postquam fata et infandum genus 915

deprendit ac se scelere conuictum Oedipus

damnauit ipse, regiam infestus petens

inuisa propero tecta penetrauit gradu,

qualis per arua Libycus insanit leo,

fuluam minaci fronte concutiens iubam; 920

uultus furore toruus atque oculi truces,

gemitus et altum murmur, et gelidus uolat

sudor per artus, spumat et uoluit minas

ac mersus alte magnus exundat dolor.

secum ipse saeuus grande nescioquid parat 925

suisque fatis simile. “quid poenas moror?”

ait “hoc scelestum pectus aut ferro petat

aut feruido aliquis igne uel saxo domet.

quae tigris aut quae saeua uisceribus meis

incurret ales? ipse tu scelerum capax, 930

sacer Cithaeron, uel feras in me tuis

emitte siluis, mitte uel rabidos canes —

nunc redde Agauen. anime, quid mortem times?

mors innocentem sola Fortunae eripit.”

Haec fatus aptat impiam capulo manum 935

ensemque ducit. “itane? tam magnis breues

tão grandes crimes apagas e tudo vingarás com um  
só golpe? Morres: isto para teu pai é suficiente;  
o que ainda à tua mãe, o que aos teus filhos iniquamente  
trazidos à luz, o que àquela mesma que, com grande ruína, 940  
expia teu crime, à tua aflita pátria, darás?  
Não se pode depreciar aquela que suas leis invariáveis  
só por causa de Édipo mudou, a Natureza: ela, que  
imaginou inéditos partos, do mesmo modo inove quanto  
a meus suplícios. Viver e morrer repetidas vezes 945  
seja-te permitido, renascer sempre para que todas as vezes  
novos suplícios sofras — utiliza-te de teu engenho, infeliz:  
o que não pode acontecer várias vezes aconteça demoradamente;  
escolha-se uma morte lenta. Busque-se uma via  
pela qual, não misturado aos mortos e, entretanto, dos vivos 950  
apartado, erres: morre, mas fica aquém do pai.  
Hesitas, alma? Eis que de súbito o semblante enche-se-me  
de profuso pranto e banha as faces de lágrimas —  
e chorar é suficiente? Bastará esta ligeira umidade  
que vertem meus olhos? Das órbitas arrancados 955  
sigam as lágrimas: estes olhos maritais<sup>162</sup> sejam  
imediatamente vazados”. Disse e com ira enfureceu-se:  
ardem as ameaçadoras faces com fogo atroz  
e os olhos mal se contêm em suas órbitas;  
violento, temerário semblante, irado, feroz, 960  
somente preocupado em escavar os olhos<sup>163</sup>; geme e, de modo terrível bramindo,  
as mãos contra o rosto volta. Mas seus ferozes olhos  
puseram-se-lhes no caminho e, dirigidos para suas mãos,  
por si mesmos as seguiram e vão ao encontro da sua ferida.  
Perscruta ávido com seus dedos recurvos os olhos 965  
e ao mesmo tempo do fundo das raízes inteiramente

<sup>162</sup> Ou seja, não foi com olhos de filho, como deveria, mas de marido que Édipo viu Jocasta; cf. Estácio, *Theb.*, I, 72.

<sup>163</sup> *Tantum* [= *dummodo*] *eruentis*, oração reduzida de participio com sentido conjectural; cf. Töchterle, *ad loc.*



poenas sceleribus soluis atque uno omnia  
 pensabis ictu? moreris: hoc patri sat est;  
 quid deinde matri, quid male in lucem editis  
 gnatis, quid ipsi, quae tuum magna luit 940  
 scelus ruina, flebili patriae dabis?  
 soluenda non est: illa quae leges ratas  
 Natura in uno uertit Oedipoda, nouos  
 commenta partus, supplicis eadem meis  
 nouetur. iterum uiuere atque iterum mori 945  
 liceat, renasci semper ut totiens noua  
 supplicia pendas — utere ingenio, miser:  
 quod saepe fieri non potest fiat diu;  
 mors eligatur longa. quaeratur uia  
 qua nec sepultis mixtus et uiuis tamen 950  
 exemptus erres: morere, sed citra patrem.  
 cunctaris, anime? subitus en uultus grauat  
 profusus imber ac rigat fletu genas —  
 et flere satis est? hactenus fundent leuem  
 oculi liquorem? sedibus pulsi suis 955  
 lacrimas sequantur: hi maritales statim  
 fodiantur oculi.” Dixit atque ira furit:  
 ardent minaces igne truculento genae  
 oculique uix se sedibus retinent suis;  
 uiolentus audax uultus, iratus ferox 960  
 tantum eruentis; gemit et dirum fremens  
 manus in ora torsit. at contra truces  
 oculi steterunt et suam intenti manum  
 ultro insecuntur, uulneri occurrunt suo.  
 scrutatur auidus manibus uncis lumina, 965  
 radice ab ima funditus uulsos simul

arranca os seus globos; agarra-se ao vazio a mão  
 e, fixa no fundo, com as unhas lacera profundamente  
 os cavos recessos dos olhos e as esvaziadas cavidades,  
 e encoleriza-se em vão e mais do que o necessário se enfurece. 970

Tão grande é o perigo da luz? Alça a cabeça  
 e, com os cavos globos percorrendo as plagas do céu,  
 a noite experimenta. Tudo o que ainda pende dos mal  
 arrancados olhos ele rasga e, vitorioso, grita  
 para todos os deuses: “Poupei agora minha pátria, suplico: 975  
 já fiz justiça, as devidas penas sofri;  
 foi achada finalmente uma noite digna do meu tálamo”.

Banha o rosto horrendo fluxo e a lacerada cabeça  
 copioso sangue das revoltas veias deita.

[*Ele sai*]

*Quinto Canto Coral*

CORO

Somos levados pelos fados, cedei aos fados. 980  
 Nossos inquietos cuidados não podem  
 mudar a trama do fuso invariável.  
 Tudo o que sofremos, raça mortal,  
 tudo o que fazemos vem do alto,  
 e guarda Láquesis<sup>164</sup> os decretos da sua roca, 985  
 girada com dura mão.  
 Tudo segue por seu recortado caminho,  
 e o primeiro dia determinou o último:  
 nem a um deus é permitido mudar  
 aquilo que corre segundo suas próprias causas. 990  
 Segue para cada um a ordem, por prece alguma 991a

<sup>164</sup> Uma das três Parcas, divindades que teciam o fio da vida humana, personificações do destino; as outras eram Cloto e Átropos; cf. Ovídio, *Met.*, V, 532; VIII, 452; XV, 781, 808.

euoluit orbes; haeret in uacuo manus  
 et fixa penitus unguibus lacerat cauos  
 alte recessus luminum et inanes sinus  
 saeuitque frustra plusque quam satis est furit. 970  
 tantum est periculum lucis? attollit caput  
 cauisque lustrans orbibus caeli plagas  
 noctem experitur. quidquid effossis male  
 dependet oculis rumpit, et uictor deos  
 conclamat omnis: “parcite en patriae, precor: 975  
 iam iusta feci, debitas poenas tuli;  
 inuenta thalamis digna nox tandem meis.”  
 rigat ora foedus imber et lacerum caput  
 largum reuulsis sanguinem uenis uomit.  
**CHORVS** Fatis agimur: cedite fatis. 980  
 non sollicitae possunt curae  
 mutare rati stamina fusi.  
 quidquid patimur mortale genus,  
 quidquid facimus uenit ex alto,  
 seruatque suae decreta colus 985  
 Lachesis dura reuoluta manu.  
 omnia secto tramite uadunt  
 primusque dies dedit extremum:  
 non illa deo uertisse licet,  
 quae nexa suis currunt causis. 990  
 it cuique ratus prece non ulla 991a

alterável, dos acontecimentos: 991b  
 a muitos o próprio medo abate,  
 muitos vão ao encontro do seu fado,  
     enquanto receiam os fados.  
 Rangeram as portas e ele próprio, 995  
 sem guia algum, tateia seu caminho,  
     da luz privado.

[*Entra Édipo*]

ÉDIPO

Bem, está feito: cumpri meu dever para com meu pai.  
 Aprazem-me as trevas. Que deus, finalmente aplacado  
 quanto a mim, com negra nuvem envolve minha cabeça? 1000  
 Quem meus crimes perdoa? Subtraí-me ao dia cúmplice.  
 Nada, parricida, deves à tua destra:  
 a luz te abandona. Este semblante convém a Édipo.

[*Entra Jocasta*]

CORO

Ei-la, com passo rápido precipitou-se enfurecida  
 Jocasta, ensandecida, qual a atônita e furiosa 1005  
 mãe cadméia<sup>165</sup> que arrancou a cabeça do filho  
 e apercebeu-se da presa. Hesita falar ao aflito,  
 deseja-o e teme-o. Já o seu pudor cedeu aos males,  
 e prende-se nos lábios a primeira palavra.

JOCASTA

De que te chamarei?

De filho? Hesitas? Meu filho és: o “filho” te envergonha; 1010  
 mesmo contra a vontade fala, filho — por que desvias a cabeça  
 e o semblante vazio?

ÉDIPO

Quem me impede de gozar as trevas?

Quem me devolve os olhos? Da minha mãe, é a voz da minha mãe!

---

<sup>165</sup> Agave, ver nota 137.

mobilis ordo: 991b  
 multis ipsum timuisse nocet,  
 multi ad fatum uenere suum  
 dum fata timent.

Sonuere fores atque ipse suum 995  
 duce non ullo molitur iter  
 luminis orbus.

**OEDIPVS** Bene habet, peractum est: iusta persolui patri.

iuuant tenebrae. quis deus tandem mihi  
 placatus atra nube perfundit caput? 1000  
 quis scelera donat? conscium euasi diem.  
 nil, parricida, dexteræ debes tuæ:  
 lux te refugit. uultus Oedipodam hic decet.

**CHO.** En ecce, rapido saeua prosiluit gradu

Iocasta uaecors, qualis attonita et furens 1005  
 Cadmea mater abstulit gnato caput  
 sensitue raptum. dubitat afflictum alloqui,  
 cupit pauetque. iam malis cessit pudor,  
 et haeret ore prima uox.

**IOCASTA** Quid te uocem?

gnatumne? dubitas? gnatus es: gnatum pudet; 1010  
 inuite loquere gnate — quo auertis caput  
 uacuosque uultus?

**OE.** Quis frui tenebris uetat?

quis reddit oculos? matris, en matris sonus!

Perdi o trabalho. Não é mais permitido nos  
encontrarmos, infames. Que o vasto mar nos separe, 1015  
nos desuna a terra afastada, e o hemisfério que  
se dependura debaixo deste, voltado para outros astros  
e para um sol descaminhado, um de nós carregue.

JOCASTA

É do destino essa culpa: ninguém se torna culpado por causa do destino<sup>166</sup>.

ÉDIPO

Agora poupa tuas palavras, mãe, poupa meus ouvidos: 1020  
por estes restos do meu corpo mutilado, peço-te,  
pelo funesto penhor do meu sangue,  
por tudo de lícito e de ilícito do nosso nome<sup>167</sup>.

JOCASTA [*À parte*]

Por que, coração, estás entorpecido? Por que, cúmplice dos crimes,  
recusas a punição? Toda a dignidade das leis humanas, 1025  
confundida por ti, incestuosa, perece:  
morre, e com o ferro expulsa tua nefasta respiração.

Se o próprio pai dos deuses, agitando o céu,  
seus coruscantes dardos com sua feroz mão lançasse contra mim,  
ainda assim eu não compensaria meus crimes com penas equivalentes, 1030  
mãe nefanda. A morte me apraz: busque-se uma via para  
a morte. 1032

[*Para Édipo*]

Vamos, empresta à tua mãe a mão, 1032  
se és parricida: resta-te esta última tarefa.

[*Para si*]

Apanhe-se a espada; por causa desse ferro jaz  
meu esposo — por que o chamas desse nome mentiroso? 1035  
Sogro ele é! No meu peito encravarei  
a arma ou no pescoço patente a afundarei?

<sup>166</sup> Cf. H. Oet., 886.

<sup>167</sup> Lícita é a sua relação de mãe e filho, ilícita é a de marido e mulher.

perdidimus operam. congregari fas amplius  
 haut est nefandos. diuidat uastum mare 1015  
 dirimatque tellus abdita et quisquis sub hoc  
 in alia uersus sidera ac solem auium  
 dependet orbis alterum ex nobis ferat.  
**IOC.** Fati ista culpa est: nemo fit fato nocens.  
**OE.** Iam parce uerbis, mater, et parce auribus: 1020  
 per has reliquias corporis trunci precor,  
 per inauspicatum sanguinis pignus mei,  
 per omne nostri nominis fas ac nefas.  
**IOC.** Quid, anime, torpes? socia cur scelerum dare  
 poenas recusas? omne confusum perit, 1025  
 incesta, per te iuris humani decus:  
 morere et nefastum spiritum ferro exige.  
 non si ipse mundum concitans diuum sator  
 corusca saeua tela iaculetur manu,  
 umquam rependam sceleribus poenas pares 1030  
 mater nefanda. mors placet: mortis uia  
 quaeratur. — Agedum, commoda matri manum,  
 si parricida es. restat hoc operi ultimum:  
 rapiatur ensis; hoc iacet ferro meus  
 coniunx — quid illum nomine haud uero uocas? 1035  
 socer est! utrumne pectori infigam meo  
 telum an patenti conditum iugulo inprimam?

Não sabes escolher o golpe: este, destra, este  
 ventre fecundo atinge, ele que portou o marido e os filhos!

[*Ela se mata*]

CORO

Ela jaz morta. Sobre o ferimento desfalece a mão, 1040  
 e pródigo sangue consigo lançou para fora o ferro.

ÉDIPO

Ó deus fatídico, a ti, deus tutelar da verdade,  
 me dirijo: eu só devia ao fado o pai;  
 duas vezes parricida e, mais do que o temia, culpado,  
 minha mãe matei: ela acabou-se por causa do meu crime. 1045

Ó Febo mendaz, excedi meu fado ímpio.

Com passo assustado segue as falaciosas vias;  
 andando pé ante pé, a cega  
 noite com a trêmula destra guia.

Caminha apressado, imprimindo os passos incertos, 1050  
 vai, foge, anda — pára, não caias sobre tua mãe.

Todo aquele que se acabrunha com a fadiga do corpo e a doença  
 e que traz semimorto o peito, olhe, fujo, parto:

erguei a cabeça. Uma atmosfera mais saudável  
 segue atrás: todo aquele que, jazendo, 1055  
 retém ainda o debilitado hálito, infle-se, aliviado, de ar  
 vivificante. Ide, levai socorro aos desesperados:  
 os mortíferos vícios da terra carrego comigo.

Violento Fado, hórrido tremor da Doença,  
 Debilidade<sup>168</sup>, negra Peste, raivosa Dor, 1060  
 comigo ide, comigo. Convém-me usar de tais guias.

<sup>168</sup> Provavelmente esta é a primeira vez que *Macies* (magreza, debilidade causada pela doença) aparece personificada na literatura latina; Sílio Itálico, *Punica*, XIII, 581 segue o exemplo: *luctus edax Maciesque, malis comes addita morbis*. Horácio talvez seja a inspiração de Sêneca aqui; cf. *Carmina*, I, 3, 30: *subductum macies et noua febrium*.



eligere nescis uulnus: hunc, dextra, hunc pete  
uterum capacem, qui uirum et gnatos tulit!

**CHO.** Iacet perempta. uulneri immoritur manus 1040  
ferrumque secum nimius eiecit cruor.

**OE.** Fatidice te, te praesidem ueri deum  
compello: solum debui fatis patrem;  
bis parricida plusque quam timui nocens  
matrem peremi: scelere confecta est meo. 1045

o Phoebe mendax, fata superaui impia.  
pauitante gressu sequere fallentes uias;  
suspensa plantis efferens uestigia  
caecam tremente dextera noctem rege.  
ingredere praeceps, lubricos ponens gradus, 1050

i profuge uade — siste, ne in matrem incidas.  
Quicumque fessi corpore et morbo graues  
semanima trahitis pectora, en fugio, exeo:  
releuate colla. mitior caeli status  
posterga sequitur: quisquis exilem iacens 1055

animam retentat, uiuidos haustus leuis  
concipiat. ite, ferte depositis opem:  
mortifera mecum uitia terrarum extraho.  
Violenta Fata et horridus Morbi tremor,  
Maciesque et atra Pestis et rabidus Dolor, 1060  
mecum ite, mecum. ducibus his uti libet.



## 2. O DESTINO

A fim de compreender melhor o componente especificamente estóico do papel do destino no *Édipo* de Sêneca, convém compará-lo com as concepções tradicionais gregas sobre o destino, sobretudo com o que se pode depreender do estudo do *Édipo rei* de Sófocles. É sabido que só com o advento da escola estóica, no período helenístico, o destino assumiu um caráter estritamente determinista na história do pensamento grego<sup>169</sup>. A concepção tradicional de destino não excluía a liberdade individual, em certo sentido até a requeria; os oráculos e vaticínios em geral não apontavam claramente o desenrolar dos acontecimentos (a clareza do oráculo dado a Laio e a Édipo em Sófocles é, em certo sentido, uma exceção no mundo grego<sup>170</sup>), mas exigiam a interpretação dos interessados:

A profecia pode assumir a forma de expressão oracular, presságio ou sonho. Estes dois últimos dependem explicitamente de interpretação. Ou seja, o ser humano tem liberdade para compreender a profecia de forma correta ou errônea.<sup>171</sup>

Ou, como diz Danilo Ghira<sup>172</sup>, “a linguagem dos deuses é obscura, indecifrável, o *Lóxia oute legei, oute kryptei, alla sēmainei*”. O oráculo geralmente não apresenta uma indicação clara do que deve ser feito, ele apenas sinaliza, e cabe aos homens interpretar corretamente os sinais. Isso abre caminho para interpretações errôneas, como nos inúmeros exemplos que Heródoto cita, sobretudo os de Xerxes e Cresos. Outras vezes também, o oráculo se apresenta de forma condicional: se isto for feito, tal consequência resultará. O destino de Aquiles é um bom exemplo: ele podia escolher entre participar dos combates em Tróia e morrer jovem mas alcançar fama eterna, ou não participar e morrer velho e sem fama. O oráculo apresentado a Laio na trilogia de Ésquilo também era condicional: se Laio tivesse um filho, este o mataria<sup>173</sup>. Foi a não observância desse aviso que originou a desgraça nessa versão do mito. Como já disse acima, um oráculo claro como o dado a Laio e a Édipo em Sófocles é uma exceção, mas isto não o torna necessariamente determinista, pois ele poderia ser interpretado simbolicamente (novamente Heródoto dá exemplos disso).

Enfim, no pensamento grego clássico, a presciência divina (*pronoia*) e a liberdade humana não são excludentes; somente após o período helenístico o debate sobre o determinismo se instaurou.<sup>174</sup>

<sup>169</sup> Cf. Reinhardt, K. *Sophocle*, p. 141.

<sup>170</sup> Cf. Burkert, W. *Origini selvagge*, p. 95.

<sup>171</sup> Knox, B. *Édipo em Tebas*, p. 27.

<sup>172</sup> “Il secondo stasimo dell’*Edipo re* (863-910)”, p. 538.

<sup>173</sup> Cf. Dodds, E. R. “On misunderstanding the *Oedipus rex*”, p. 39.

<sup>174</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 40ss.

Por muito tempo se discutiu acerca da natureza do destino no *Édipo rei*, quanto ao fato de o oráculo délfico condicionar ou não a ação, e mesmo hoje a dúvida parece não ter sido completamente dirimida. No nível puramente textual, não parece haver uma ação divina direta, tudo parece acontecer por acaso (no sentido secular de *tykbē*, de casualidade): foi o acaso que levou os dois pastores a se encontrarem, o que ocasionou a entrega de Édipo ao pastor coríntio; foi o acaso que determinou que Pólibo e Mérope não tivessem filhos, e assim acolhessem Édipo; o próprio nome de Édipo foi dado pelo acaso; foi por acaso que o conviva bêbado disse que Édipo não era filho legítimo dos reis de Corinto; foi o acaso que fez Édipo e Laio cruzarem seus caminhos; foi o acaso que pôs Édipo em condições de decifrar o enigma da Esfinge e salvar Tebas, recebendo, por isso, como recompensa o poder real e a mão de Jocasta; foi, enfim, o acaso que originou a descoberta da verdade. Contudo, um fato não pode ser esquecido: a verdade do oráculo é verificada no final. É preciso, portanto, definir qual a relação entre destino e acaso na peça, entre *moira* e *tykbē*.

*Moira* e *Tykbē* podem ambas representar o destino, mas com uma conotação diferente: a *moira* é o destino inelutável, a “porção” que é atribuída a cada um no seu nascimento<sup>175</sup>. *Tykbē*, a *Fortuna* dos romanos, o Acaso, a Sorte, no seu sentido religioso, também representa o destino, mas incorpora aspectos de casualidade e está mais aberta a influências da ação humana<sup>176</sup>.

Mas, como Bernard Knox demonstrou<sup>177</sup>, a peça não versa sobre o destino de Édipo, sobre o oráculo; ela versa sobre a descoberta por parte do protagonista de que o oráculo do qual ele tentou fugir já fora cumprido. O oráculo não ordenava que Édipo descobrisse a verdade, ele o fez por sua própria iniciativa, levado primeiramente por seu desejo de salvar Tebas, depois por sua busca da própria identidade. Como o oráculo foi cumprido antes do início da peça, ele só entra diretamente nela pelas afirmações de Jocasta (*cf.* vv. 848-858) e Édipo (*cf.* vv. 859-860), que procuram negar-lhe valor, e pela invocação do Coro para que ele seja cumprido a fim de preservar *ta theia*, as coisas divinas (*cf.* vv. 863-910). Os elementos que garantem a tragicidade da peça – a descoberta por Édipo de sua verdadeira identidade, sua autopunição e o suicídio de Jocasta – são exteriores ao oráculo, não foram preditos por ele; se ele simplesmente tivesse sido cumprido sem que isto fosse revelado, não haveria tragédia.

Contudo, a função do oráculo no drama não pode ser descartada. Primeiro, porque o fato de ele ter sido cumprido comporta uma mensagem clara:

A peça é uma afirmação aterradora da verdade da profecia. No início, Édipo, um homem que aparentemente desafiou a mais terrível predição jamais feita para um ser humano e

<sup>175</sup> *Cf.* Smith, W. (ed.). *Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*, vol. II, p. 1109s.

<sup>176</sup> *Id.*, *ibid.*, vol. III, p. 1194.

<sup>177</sup> *Cf.* Knox, *op. cit.*, p. 3ss.

sobre ele; o homem ao qual se prometeu mácula intolerável e suficiente para torná-lo um pária, é o esplêndido e benquisto *tyrannos* de uma grande cidade. É um Miquerinos que tentou provar que o oráculo era uma mentira, ao que parece com sucesso; a catástrofe consiste na revelação de que a predição há muito se realizou. A peça adota uma posição clara no que concerne a uma das batalhas intelectuais do século V – a questão da verdade ou da falsidade da profecia.<sup>178</sup>

Segundo, porque ele está constantemente na consciência dos espectadores e leitores, e serve de fundamento para a compreensão da ironia trágica tão abundante na peça.

É preciso, portanto, conjugar estes dois componentes do drama: a ação livre dos personagens e a veracidade do oráculo e da presciência divina<sup>179</sup>. Pode-se perceber a coexistência de dois planos na narrativa, o plano humano, das ações, da aparência, e o plano divino, oracular, da verdade:

Como na *Electra*, a ação mostra uma certa dualidade. No primeiro plano estão atores humanos autônomos, retratados vividamente, e completos. O próprio Édipo, Tirésias, Creonte, Jocasta e os dois pastores são todos tão reais quanto personagens numa peça podem ser; e assim, à sua maneira, são os personagens mais afastados que não aparecem – o impetuoso Laio no cruzamento, e o desconhecido coríntio que insultou Édipo quando estava meio bêbado. As circunstâncias, também, são naturais, mesmo inevitáveis, em vista desses caracteres (...) Mas nós somos levados a sentir, como na *Electra*, que a ação se move, ao mesmo tempo, num plano paralelo mais elevado. A presença de algum poder ou de algum desígnio no fundo já é sugerida pela contínua ironia dramática – que parece exagerada, se for percebida somente como um efeito dramático.<sup>180</sup>

Esses dois planos se entrelaçam, e as ações praticadas na peça ganham um novo significado quando entendidas à luz do segundo plano. As ações de Édipo, embora autônomas no primeiro plano, são reinterpretadas pelo leitor ou espectador com base no conhecimento de que o oráculo se verificou, e isso garante a unidade de ação da peça: a busca de Édipo pelo assassino de Laio e a busca pela sua própria identidade são unificadas sob o domínio oracular.

A existência desses dois planos também ajuda a explicar o papel do acaso na narrativa. Os dois sentidos da palavra *tykhē* – o de intervenção providencial de um deus e o de aleatoriedade, casualidade, acaso<sup>181</sup> – são reunificados: no primeiro plano, o sentido de aleatoriedade predomina, como queria Jocasta; no segundo, o sentido de intervenção divina se faz presente. Os mesmos elementos que podem ser entendidos (e o são, pelos personagens, com exceção de Tirésias) como frutos do mero acaso, como as circunstâncias que levaram à morte de Laio e ao casamento de Édipo e Jocasta, podem ser entendidos em última instância como a intervenção da *Tykhē* divina, que, entretanto, não é determinista, mas deixa entrever a racionalidade do cosmo:

<sup>178</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 33.

<sup>179</sup> Cf. Marshall, F. *Édipo tirano: a tragédia do saber*, p. 269.

<sup>180</sup> Kitto, H. D. F. *Greek tragedy*, p. 138.

<sup>181</sup> Cf. Pucci, P. *Oedipus and the fabrication of the father*, p. 12.

O universo – incluindo, novamente, os afazeres humanos – é racional, embora nós possamos não ser capazes de perceber a *ratio*, o *logos*, exceto imperfeita e raramente. Como no *Tyrannus*, os deuses somente predizem; eles não obrigam. Como no *Tyrannus* e na *Electra*, nós temos uma conjunção de deuses que predizem e humanos que são inteiramente autônomos. A negação do acaso está implicada nas profecias; está implicada, também, no último verso das *Trachiniae*: “Não há nada aqui senão Zeus”.<sup>182</sup>

Esse *logos*, acessível aos deuses mas não aos homens diretamente, permite perceber a ordem do plano físico e, assim, garante a *pronoia*, a presciência divina, revelada nos oráculos.

Outra questão levantada sobre a peça é qual a função desempenhada pelo fato de Édipo sofrer esse destino. O coro diz que o protagonista é um *paradeigma* (v. 1192), mas um paradigma, um exemplo de quê? “Da existência e da autoridade da presciência divina e da ignorância fundamental do ser humano”, como afirma Knox<sup>183</sup>? Da nossa existência num mundo de aparências enganadoras, da *doxa* humana contraposta à *alētheia* divina<sup>184</sup>? “Do homem ambíguo, do homem trágico”, ao mesmo tempo rei divino, salvador, e *pharmakos*, bode expiatório<sup>185</sup>? Todas essas interpretações são válidas e interessantes, seja por ressaltar o valor religioso tradicional da peça, como o faz Knox, seja pelas considerações acerca do alcance e das limitações do conhecimento humano, como o faz Reinhardt, ou ainda pelas hipóteses de Vernant e Vidal-Naquet sobre a origem e o sentido profundo do mito edípiano; mas prefiro me alinhar com a de Dodds, pelo valor ao mesmo tempo humano e heróico que atribuí a Édipo, sem necessariamente desconsiderar os outros aspectos do mito:

Certamente o *Oedipus rex* é uma peça sobre a cegueira do homem e a desesperada insegurança da condição humana (...) Mas certamente o *Oedipus rex* é também uma peça sobre a grandeza humana. Édipo é grande, não em virtude de uma elevada posição mundana – pois essa posição mundana é uma ilusão que irá desaparecer como um sonho – mas em virtude de sua força interior: força de perseguir a verdade custe o que custar, e força para aceitá-la e suportá-la quando for descoberta.<sup>186</sup>

Assim, no pensamento grego tradicional (do qual o *Édipo rei* pode ser considerado um produto), a presciência divina acerca do destino não exclui a liberdade humana. O destino não é atribuído incondicionalmente ao homem, mas se serve de causas intermediárias, e mesmo os mortais podem até certo ponto modificá-lo<sup>187</sup>.

<sup>182</sup> Kitto, *op. cit.*, p. 147.

<sup>183</sup> Knox, *op. cit.*, p. 40.

<sup>184</sup> Cf. Reinhardt, *op. cit.*, p. 142.

<sup>185</sup> Cf. Vernant, J.P. & Vidal-Naquet, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*, p. 85.

<sup>186</sup> Dodds, *op. cit.*, p. 46.

<sup>187</sup> Cf. Smith, *op. cit.*, p. 1110.

Antes de abordar a questão do destino do *Édipo* de Sêneca, convém apresentar um resumo da física estoíca, pois isto é fundamental para compreender a noção que os seguidores dessa escola tinham do destino.

Segundo os dogmas da *Stoa*, “os princípios de todas as coisas são dois, o ativo e o passivo” (Diógenes Laércio, *Vidas de filósofos*, VII, 134<sup>188</sup>). O princípio passivo é a matéria informe, o ativo é o *pneuma*, mistura de ar e fogo artífice (*pyr tekhnikon*), dotado de *tonos*, tensão, “que seria uma espécie de força propulsora que vai do centro aos extremos limites e, depois, retorna ao centro, assegurando assim unidade às coisas particulares e ao todo”<sup>189</sup>; esse *pneuma* se mistura com a matéria informe e, através das variações do seu *tonos*, determinadas por diferentes proporções de ar e fogo que o constituem, produz “as diferentes qualidades físicas das substâncias orgânicas”<sup>190</sup>. As formas mais diluídas do *pneuma* formam as substâncias inorgânicas, manifestando-se como *hexis*, ou seja, a “força que garante às coisas coesão e duração”<sup>191</sup>; depois aparecem as plantas, nas quais o *pneuma* se manifesta como *physis*, “capacidade de nutrição, de crescimento e de reprodução”<sup>192</sup>; nos animais se manifesta como *psykhē*, como princípio vital, sede das sensações e do instinto; finalmente, no homem, manifesta-se como *logos*. O *pneuma* é o princípio vital e racional do universo, e pode ser identificado com a *anima mundi* ou *deus* (tenha-se em mente, entretanto, que para os estoícos o *pneuma* ou *logos* ou *deus* é corpóreo, pois só um corpo pode agir sobre outro corpo). Calcídio, no *Comentário ao Timeu de Platão*, diz:

Muitos distinguem a matéria do ser, como Zenão e Crisipo. Dizem, com efeito, que a matéria é o que subjaz a tudo o que tem qualidades, que o ser, em troca, é a matéria primeira de todas as coisas, ou seu fundamento mais antigo, sem aspecto nem forma, da mesma maneira que o bronze, o ouro, o ferro e demais coisas desse tipo são a matéria do que se fabrica com elas, mas não seu ser. Em troca, o que é causa, tanto nestas coisas como nas demais, para que existam, isso mesmo é o ser (...) Considera ademais que esse alento motor não há de ser a natureza, mas um princípio vital e certamente racional que, dotando de vida o mundo sensível, o faça adornado para esta beleza com que agora se mostra. A este princípio animado, sem dúvida pleno de felicidade, também o chamam *deus*.<sup>193</sup>

O *pneuma* é identificado com o *logos* e com *deus*, e ao dar forma às coisas cria tudo o que existe; como ele é racional, o mundo não é uma construção arbitrária, mas deve ser visto como “um processo dinâmico, tendendo a algum tipo de consumação”<sup>194</sup>. Como o *logos* imanente cria todas as coisas, tudo é, necessariamente, completamente racional, e nada pode ser diferente do que a razão deseja; logo, o

<sup>188</sup> Rodríguez, M. S. *Antología de los primeros estoicos griegos*, p. 78.

<sup>189</sup> Reale, G. *História da filosofia antiga*, vol. III, p. 321.

<sup>190</sup> Pratt, N. T. *Seneca's drama*, p. 47.

<sup>191</sup> Reale, *op. cit.*, vol. III, p. 321.

<sup>192</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 322.

<sup>193</sup> Rodríguez, *op. cit.*, p. 78s.

<sup>194</sup> Sandbach, F. H. *The stoics*, p. 72.

todo é perfeito. Além disso, nada pode existir que não obedeça a algum princípio finalista, tudo deve contribuir para a perfeição do conjunto. Cícero<sup>195</sup> expõe esta doutrina:

Não há nada, exceto o mundo, ao qual nada falte e que seja perfeitamente realizado e idôneo às suas funções em todos os mínimos pormenores. Com singular penetração Crisipo sustenta que, como para o escudo inventou-se uma cobertura e para a espada uma bainha, assim todos os seres, com exceção do mundo no seu conjunto, foram criados por causa de outros. As messes e os frutos que a terra produz teriam sido criados para servir aos animais, criados por sua vez para servir ao homem: o cavalo para transportá-lo, o boi para arar a terra, o cão para ajudá-lo na caça e para protegê-lo. O homem, em si imperfeito, mas partícipe do que é perfeito, teria nascido para contemplar e imitar o mundo. Mas o mundo, dado que abarca em si todas as coisas e nada existe que não faça parte dele, é absolutamente perfeito.

Obviamente, esta afirmação da perfeição do mundo gera problemas insolúveis, como o da existência do mal. O que interessa notar agora é que essa concepção do mundo, todo ele constituindo um *continuum*, unido pelo *pneuma*, pelo *logos* imanente, com uma clara noção de finalismo universal, gera como conseqüência que todas as coisas estão ligadas umas às outras, formando uma cadeia de causas, na qual cada evento é causado pelo conjunto dos eventos anteriores e ele mesmo é parte do conjunto causal do que virá depois<sup>196</sup>. E como o conjunto de todas essas causas é determinado pelo *logos* universal, por *deus*, ele é identificado com a providência, com o destino. Convém fazer uma pequena distinção aqui: a providência pode ser identificada com o finalismo universal, enquanto o destino é a manifestação dessa providência como necessidade inelutável, como série imutável de causas, como a ordem natural de todas as coisas<sup>197</sup>. É no fundo a mesma coisa, apenas vista de perspectivas diferentes. Sêneca expõe esta doutrina no último canto coral do *Édipo* (vv. 980-994):

*Fatis agimur: cedite fatis.  
non sollicitae possunt curae  
mutare rati stamina fusi.  
quidquid patimur mortale genus,  
quidquid facimus uenit ex alto,  
seruatque suae decreta colus  
Lachesis dura reuoluta manu.*

<sup>195</sup> *De nat. deo.*, II, 14, 37s, *apud* Reale, *op. cit.*, vol. III, p. 313.

<sup>196</sup> A questão é um pouco mais complicada, como mostra Sandbach (*op. cit.*, p. 81-2): “The idea of a ‘chain of causes’ is not as easy as might appear at first sight. We are inclined to interpret the phrase to mean that an event X determines another event Y, which in turn determines event Z, and so on. This is not what the Stoics meant. Whereas Aristotle often talked as if one could identify the causes of a *thing*, e.g. a house, they insisted that while the cause was a body and the thing it affected a body, that of which it was the cause was an *event*. A knife and flesh are both bodies, a knife is the cause of a cutting of the flesh, an event. Hence the Stoics cannot understand the ‘chain of causes’ as meaning that X causes Y, which causes Z, and so on. They identified it with Fate (appealing, according to ancient methods of etymology, to the likeness of the words *beirmos* ‘chain’ and *beimarmenê* ‘Fate’), and so with the will of God. This must be seen as the world-controlling ‘breath’ in its successive states. These do not cause one another, but the events in the world. Yet although the links in a chain do not cause one another, in some sense they imply one another, for they must fit together. So the chain of causes must ‘hang together’ in such a way that it could not be otherwise than it is; to change any part of it would be to ruin the whole.”

<sup>197</sup> *Cf.* Reale, *op. cit.*, vol. III, p. 314ss.



*omnia secto tramite uadunt  
 primusque dies dedit extremum:  
 non illa deo uertisse licet,  
 quae nexa suis currunt causis.  
 it cuique ratus prece non ulla  
 mobilis ordo:  
 multis ipsum timuisse nocet,  
 multi ad fatum uenere suum  
 dum fata timent.*

Somos levados pelos fados, cedei aos fados.  
 Nossos inquietos cuidados não podem  
 mudar a trama do fuso invariável.  
 Tudo o que sofremos, raça mortal,  
 tudo o que fazemos vem do alto,  
 e guarda Láquesis os decretos da sua roca,  
 girada com dura mão.  
 Tudo segue por seu recortado caminho,  
 e o primeiro dia determinou o último:  
 nem a um deus é permitido mudar  
 aquilo que corre segundo suas próprias causas.  
 Segue para cada um a ordem, por prece alguma  
 aterável, dos acontecimentos:  
 a muitos o próprio medo abate,  
 muitos vão ao encontro do seu fado,  
 enquanto receiam os fados.

Esta afirmação da inexorabilidade do destino, contudo, impõe problemas. Já que tudo é consequência de uma série irreversível de causas, que papel tem a ação moral, a virtude do homem, tão importante para os estoícos? Não seria completamente indiferente a atitude tomada pelo homem face a um destino que lhe é imposto, já que ele nada pode fazer para mudá-lo? Para responder a críticas deste gênero, Crisipo refinou a doutrina estoíca, distinguindo duas espécies de causas: 1) causas auxiliares e externas; e 2) causas principais e perfeitas. O primeiro tipo de causas é o que os fundadores da escola entendiam por rede causal; a novidade está no segundo tipo, que é interno, dependente de nós. Ele esclarecia esta distinção com o exemplo do cilindro: ao fazermos um cilindro rodar, o toque que aplicamos nele é a causa externa, auxiliar; por si só ela não causaria o movimento, pois isto depende das causas internas, ou seja, é a capacidade inerente do cilindro de rodar que é causa do movimento, não a causa externa; se aplicássemos o mesmo toque a um cubo, este não rolaria, pois isto não é parte da sua natureza. Portanto, a cadeia de causas que nos envolve é auxiliar; as causas efetivas são internas a nós, constituem nosso assenso à rede causal. Contudo, o problema não é totalmente resolvido. Como as causas internas são parte da natureza do indivíduo, ele não pode senão se submeter à rede causal. Por exemplo, dado o empurrão, o cilindro não pode não rolar, já que é da natureza dele fazê-lo. O assenso

estóico, portanto, é, “substancialmente, liberdade de dizer sim à evidência e de dizer não à não-evidência”<sup>198</sup>.

O problema é mais bem resolvido quando os antigos estóicos definiam a natureza da liberdade do sábio: esta consiste em “conformar os próprios querereres aos do Destino, em querer com o Destino o que o Destino quer”<sup>199</sup>. A liberdade do sábio está em aceitar o destino, já que ele é emanção do *logos* universal, como expressa Cleantes, na tradução livre de Sêneca (*Ep.* 107, 11):

*Duc, o parens celsique dominator poli,  
quocumque placuit: nulla parendi mora est;  
adsum inpiger. Fac nolle, comitabor gemens  
malusque patiar facere quod licuit bono.  
Ducunt uolentem fata, nolentem trabunt.*

Guia-me, ó pai que reges o excelso céu, para onde te aprouver: não hesitarei em obedecer-te; aqui estou, sempre pronto! Se resistir, terei de seguir-te gemendo, suportando de má vontade o que podia ter feito de bom grado. O destino guia quem o segue, arrasta quem lhe resiste!<sup>200</sup>

O quinto verso não aparece nos fragmentos conhecidos dessa passagem de Cleantes, e se ele é ou não de autoria de Sêneca é incerto, mas de qualquer forma constitui uma de suas mais famosas *sententiae*. O canto coral do Édipo anteriormente citado submete-se ao mesmo espírito destes versos.

Sêneca introduz um novo elemento na tentativa de resolução desse problema: a vontade, *uoluntas*. Ele é pioneiro na identificação da vontade como faculdade distinta do conhecimento<sup>201</sup>. A vontade tem um papel decisivo na busca do auto-aperfeiçoamento: *Quid tibi opus est, ut bonus sis? Velle* (*Ep.* 80, 4), “Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade”. Com isto supera-se o intelectualismo da ética grega; já não basta o conhecimento do bem para ser virtuoso, é necessária a concorrência da vontade:

A vontade do bem irrompe das profundidades da alma e é necessário um assíduo trabalho para que ela chegue a uma clara visão do fim e se transforme em boa intenção. Mas ela sozinha não basta; só com a ciência do bem torna-se possível, na sua forma mais elevada e mais pura, a vontade. Na prática, porém, a vontade adquire mais importância do que o conhecimento, e a exortação moral torna-se um apelo à força de vontade: ‘Que antes falte ao néscio o conhecimento que a vontade’.<sup>202</sup>

Além disso, Sêneca acrescenta um elemento a essa noção de destino, recorrendo aos termos *fatum* e *fortuna*: “enquanto o *fatum* circunscreve os traços essenciais da natureza humana (u.g., a condição mortal), a *fortuna* implica as circunstâncias exteriores que nos determinam (u.g., o sermos

<sup>198</sup> Cf. Reale, *op. cit.*, p. 318.

<sup>199</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 319.

<sup>200</sup> Todas as traduções das epístolas de Sêneca citadas aqui são de J. A. Segurado e Campos.

<sup>201</sup> Cf. Reale, *op. cit.*, vol. IV, p. 78.

<sup>202</sup> Pohlenz, M. *Die Stoa, apud* Reale, *op. cit.*, vol. IV, p. 78s.

bonitos ou feios, nascermos ricos ou pobres, etc.)”<sup>203</sup>. Quanto ao *fatum* não nos resta outra alternativa senão segui-lo, como os versos de Cleantes e a última ode coral do *Édipo* afirmam, e não há sentido em falar dele como bom ou mau; já em relação à atitude do homem frente aos acidentes da *fortuna* cabe o julgamento moral: os dons da *fortuna* em si não são nem bons nem maus, e sim indiferentes (lembrando que para os estóicos bem e mal só se referem a bem moral e a mal moral; tudo que não entra nessas categorias, como vida, saúde, beleza, riqueza, condição social, é moralmente indiferente), mas a atitude do homem com relação a eles pode ser julgada boa ou má (por exemplo, a riqueza em si não é boa nem má, mas o uso que o homem faz dela e a atitude que toma em relação a ela podem ser bons ou maus). Essa distinção entre *fatum* e *fortuna* é apenas um instrumento para auxiliar a classificação moral dos atos, pois ela não se sustenta ontologicamente, uma vez que ambos são facetas do mesmo princípio determinista universal.

Uma concepção do destino baseada na existência de uma rede racional de causalidades abre caminho para a mântica, pois, uma vez que o *logos* humano toma parte do *logos* universal, é possível, em princípio, entrever as relações causais dos eventos. Os estóicos (com a possível exceção de Panécio<sup>204</sup>) sustentavam que era possível ao homem, observando os indícios, tomar conhecimento da trama do destino e prever acontecimentos futuros; isto é possível porque tanto os indícios quanto os acontecimentos estão ligados a uma mesma rede causal. O futuro também pode ser antevisto em sonhos ou transe, pois nestes estados a mente, mais desligada do corpo do que durante a vigília, enxerga melhor, ou ainda porque os deuses se comunicam com os homens durante o sono<sup>205</sup>.

Como já deve ter ficado evidente, o mito de Édipo, com algumas adaptações, serve perfeitamente como ilustração da doutrina estóica sobre o destino. A versão de Sêneca do mito se baseia nas concepções estóicas do “efeito destrutivo do medo” e do destino como “plano de um universo ordenado”<sup>206</sup>. O medo provém da ignorância, e quando Édipo finalmente descobre a verdade sobre si mesmo e a aceita, ele se reconcilia com o destino e recobra, ao menos momentaneamente, antes da última entrada em cena de Jocasta, a serenidade que havia perdido: *quis deus tandem mihi placatus atra nube perfundit caput? quis scelera donat?* (vv. 999-1001), “Que deus, finalmente aplacado quanto a mim, com negra nuvem envolve minha cabeça? Quem meus crimes perdoa?”

Como conseqüência desse medo sempre presente na consciência de Édipo, mesmo quando não havia motivos para tal, ocorre uma transformação significativa no caráter do herói. Ele não é mais o

<sup>203</sup> Segurado e Campos, J.A. “Introdução”, in Sêneca, *op. cit.*, p. XXXVI.

<sup>204</sup> Cf. Edelstein, *op. cit.*, p. 81.

<sup>205</sup> Cf. Sandbach, *op. cit.*, p. 81.

<sup>206</sup> Pratt, *op. cit.*, p. 96.

*tyrannos* seguro e resoluto de Sófocles, pronto a tomar todas as medidas necessárias para salvar Tebas, movido por profunda piedade:

ὦ παῖδες οἰκτροί, γνωτὰ κοῦκ ἄγνωτα μοι  
 προσήλθεθ' ἰμείροντες· εὖ γὰρ οἶδ' ὅτι  
 νοσεῖτε πάντες, καὶ νοσοῦντες, ὡς ἐγὼ  
 οὐκ ἔστιν ὑμῶν ὅστις ἐξ ἴσου νοσεῖ.  
 τὸ μὲν γὰρ ὑμῶν ἄλγος εἰς ἓν ἔρχεται  
 μόνον καθ' αὐτὸν κοῦδέν' ἄλλον, ἢ δ' ἐμῆ  
 ψυχὴ πόλιν τε κάμει καὶ σ' ὁμοῦ στένει. (58-64)

Meninos, ciente e não insciente estou  
 do afã que movimenta este cortejo.  
 Eu reconheço o pan-sofrer; contudo,  
 nenhum sofrente tem meu sofrimento:  
 a cada um tão-somente a dor remonta,  
 a ele e a mais ninguém. Meu peito aperta  
 pela pólis, por mim, por ti também.<sup>207</sup>

O Édipo senequiano, embora tome as mesmas medidas que o Édipo sofocleano para salvar a cidade, manifesta desde o início da peça o receio (não fundado em qualquer evidência real) de que seja ele o culpado pela peste:

*Iam iam aliquid in nos fata moliri parant.  
 nam quid rear quod ista Cadmeae lues  
 infesta genti strage tam late edita  
 mihi parcat uni? cui reseruamur malo?  
 inter ruinas urbis et semper nouis  
 deflenda lacrimis funera ac populi struem  
 incolumis asto — scilicet Phoebi reus.  
 sperare poteris sceleribus tantis dari  
 regnum salubre? fecimus caelum nocens.* (28-36)

Já os fados se preparam para tramar algo contra mim.  
 Pois o que pensar se essa peste hostil ao povo de Cadmo,  
 com desolação tão longe espalhada,  
 só a mim poupa? A que mal estou reservado?  
 Entre as ruínas da cidade, os funerais a lastimar  
 com lágrimas sempre novas e as pilhas de corpos do povo,  
 incólume permaneço — certamente condenado por Febo.  
 Poderias esperar que de tantos crimes te seria dado  
 um reino salubre? Tornei o céu nocivo.

Édipo ainda não tem nenhuma razão para pensar que ele seja o responsável pela ruína da cidade. Podemos encontrar uma possível explicação para isso numa das cartas de Sêneca (*Ep.* 97, 16):

*Multos fortuna liberat poena, metu neminem. Quare nisi quia infixca nobis eius rei auersatio est quam natura damnauit? Ideo numquam fides latendi fit etiam latentibus quia coarguit illos conscientia et ipsos*

<sup>207</sup> Tradução de Trajano Vieira, como em todas as citações do *Édipo rei* neste trabalho.

*sibi ostendit. Proprium autem est nocentium trepidare. Male de nobis actum erat, quod multa scelera legem et uindictam effugiunt et scripta supplicia, nisi illa naturalia et grauia de praesentibus soluerent et in locum patientiae timor cederet.*

A sorte pode evitar a muitos o castigo, mas a ninguém evita o medo. E porquê, senão porque é inata em nós a aversão por qualquer acto condenado pela natureza? Por isto nunca podem confiar no seu esconderijo nem mesmo os que estão bem escondidos, porque a consciência os acusa e os mostra a si mesmos como são. Tremer de medo, aqui está o sinal que distingue os criminosos. Imperfeita seria a espécie humana (pois muitos crimes escapam à Lei, à justiça, às penas estabelecidas) se a natureza não fosse a primeira a exigir desde logo reparação, e se o medo não actuasse como sucedâneo do castigo.

Embora essa explicação não possa ser aplicada sem ressalvas ao caso de Édipo, já que ele não tem consciência de sua culpa, ela serve para ilustrar os efeitos do vício sobre o homem. Mas a ignorância não serve de desculpa para Édipo (como ele mesmo afirma no verso 515), pois o crime praticado deixa marcas impressas na sua alma, o que ajuda a explicar sua insegurança e sentimento de culpa desde a abertura da peça senequiana. Esta concepção quase espiritualista da consciência moral foge um pouco ao materialismo estóico<sup>208</sup>, já que é difícil compreender como a razão humana, que a doutrina estóica concebia como uma emanção da razão universal, portanto como *pneuma*, possa agir como uma espécie de juiz interno sobre ela mesma, ou seja, a consciência age sobre o indivíduo como se fosse um outro, que julga as ações de uma perspectiva exterior, manifestando uma atividade mental de segunda ordem (quando o pensamento toma como objeto o próprio pensamento). Isto implica, em última instância, uma concepção transcendente da consciência, contrária aos dogmas da escola; esse é mais um exemplo do pouco rigor sistemático de Sêneca, que estava mais interessado na análise dos fenômenos psíquicos do que na coerência doutrinária.

Mas permanece o fato de que não há evidências que justifiquem abertamente esse medo, uma vez que Édipo ainda não tem nenhum motivo para crer que o oráculo se cumpriu. A solução me parece estar na identificação entre razão humana e razão universal. O crime praticado por Édipo ao matar seu pai Laio (mesmo sem saber quem era ele) deixa impressões na sua alma (já que para os estóicos a alma era corpórea e podia, dessa forma, ser afetada por eventos exteriores), que se refletem na *anima mundi*, causando assim a revolta da natureza evidenciada pela peste sobrenatural que aflige Tebas, que, por sua vez, desperta em Édipo o sentimento de culpa.

*Non potest honestum esse quod non est liberum; nam quod timet seruit* (Ep. 66, 16), “Não pode haver bem moral onde não há liberdade; medo é sinónimo de escravatura”. O medo condiciona as ações do protagonista, obnubila seu discernimento. Como o próprio Édipo afirma:

---

<sup>208</sup> Cf. Reale, *op. cit.*, vol. IV, p. 77.

*Horrore quatior, fata quo uergant timens,  
trepidumque gemino pectus affectu labat:  
ubi laeta duris mixta in ambiguo iacent,  
incertus animus scire cum cupiat timet.* (206-209)

Sou sacudido pelo horror, temendo para onde se inclina nosso fado,  
meu peito trépido titubeia com um sentimento duplo:  
quando a alegria e as penas jazem confundidas na dúvida,  
o espírito incerto teme saber, embora o deseje.

É o temor provocado pela acusação de Tirésias de que o oráculo se cumprira – *quidquid timebam facere fecisse arguor* (v. 660), “o que eu temia fazer sou acusado de ter feito” – que leva o protagonista a formular a suspeita de conspiração entre o adivinho e Creonte. A própria vitória sobre a Esfinge é reinterpretada, e de ação salvadora passa a ser vista como causa da desgraça: *ille, ille dirus callidi monstri cinis in nos rebellat, illa nunc Thebas lues perempta perdit* (vv. 106-108), “Ela, a terrível cinza do astuto monstro contra nós se rebela, aquela peste destruída por mim agora põe a perder Tebas”.

O Édipo de Sêneca está longe daquela autoconfiança do Édipo de Sófocles. A presença (não evidenciada, a princípio) do oráculo e o medo dela decorrente minam sua segurança. *Curas renouit animus et repetit metus* (v. 764), “Meu espírito revolve as preocupações e retoma os medos” – esta é a tônica do protagonista. Mesmo o objetivo da investigação nas duas peças sofre uma alteração: se em Sófocles ela visa a descobrir a cura para a cidade e, depois, a identidade do herói, em Sêneca ela visa, em última análise, a combater o medo, fruto da ignorância. Édipo desconsidera, na sua busca pela verdade, a advertência de Creonte: *Nescisse cupies nosse quae nimium expetis* (v. 514), “Desejarás ter desconhecido o que procuras em excesso saber”, afirmando que *Iners malorum remedium ignorantia est* (v. 515), “A ignorância é um remédio ineficaz contra os males”. Uma passagem das cartas de Sêneca pode esclarecer esse ponto (*Ep.* 31, 6-8):

*Quid ergo est bonum? rerum scientia. Quid malum est? rerum imperitia (...) Huc et illud accedat, ut perfecta uirtus sit, aequalitas ac tenor uitae per omnia consonans sibi, quod non potest esse nisi rerum scientia contingit et ars per quam humana ac diuina noscantur. Hoc est summum bonum; quod si occupas, incipis deorum socius esse, non supplex.*

Em que consiste o bem? Na ciência. Em que consiste o mal? Na ignorância (...) Resta-me acrescentar que, para a virtude ser perfeita, é preciso que a nossa vida, em todas as circunstâncias, mantenha uma linha de rumo constante e em inteira coerência consigo mesma, o que apenas poderemos conseguir através da ciência, do conhecimento das coisas humanas e divinas. Aqui reside o supremo bem; se atingires este ponto deixarás de ser um suplicante, para te tornares amigo íntimo dos deuses!

A verdade que o herói descobrirá é que é inútil tentarmos nos opor aos ditames do destino, de que ele já fora advertido por Jocasta: *haud est uirile terga fortunae dare* (v. 86), “Não é viril dar as costas à fortuna” e por Creonte: *tibi iam necesse est ferre fortunam tuam* (v. 681), “a ti já é necessário suportar tua fortuna”,

além das exortações do Coro. Também é interessante notar que o acaso, que recebe grande importância no *Édipo rei*, praticamente não tem papel no drama de Sêneca; ele só aparece quando Édipo inquirir o mensageiro coríntio sobre as circunstâncias em que este o encontrou quando criança: *In illa temet nemora quis casus tulit?* (v. 809), “Que acaso te levava àqueles bosques?”; além disso, no *Édipo* senequiano não são tecidas críticas à validade das profecias.

A última ode coral, citada anteriormente, é quase uma definição técnica do destino segundo os estóicos, e podemos encontrar uma formulação quase igual no *De providentia* (V, 7):

*Fata nos ducunt et quantum cuique temporis restat prima nascentium hora disposuit. Causa pendet ex causa, priuata ac publica longus ordo rerum trahit: ideo fortiter omne patiendum est quia non, ut putamus, incidunt cuncta sed ueniunt.*

Os fados nos guiam e quanto tempo resta a cada um a primeira hora de nosso nascimento dispõe. Causa depende de causa, uma longa série de eventos influencia os negócios privados e públicos: portanto tudo deve ser suportado bravamente, pois todas as coisas não acontecem simplesmente, como achamos, mas sucedem de acordo com uma lei fixa.

Uma objeção que se poderia levantar é que o destino, no caso de Édipo, aparece como uma força maligna e tem quase o efeito de uma maldição. Também se poderia questionar se não teria sido melhor se Édipo e Jocasta aceitassem resignadamente os efeitos do destino, como parece pretender Jocasta: *Fati ista culpa est: nemo fit fato nocens* (v. 1019), “O destino é culpado disso: ninguém se torna culpado por causa do destino”. A resposta para estes problemas parece ser que “as ações do mecanismo do destino não devem ser questionadas e que as atitudes de Édipo e Jocasta frente ao destino são mais significantes moralmente do que o que o destino tem reservado para eles”<sup>209</sup>. Ou seja, não cabe a Édipo e a Jocasta (e aos homens em geral) se rebelar contra o destino, mas é seu dever acatá-lo e atribuir o devido valor moral a cada uma de suas conseqüências.

A despeito dessa solução, não podemos deixar de perceber no *Édipo* a atuação de uma providência quase personificada, distante dos postulados imanentistas da doutrina estóica. Em várias passagens da obra de Sêneca podemos perceber essa tendência a personificar o destino, a providência, *deus*. Por todo o *De providentia* transparece um *deus* interessado no desenvolvimento dos homens virtuosos, que age com eles como um professor severo mas benevolente. O *deus* de Sêneca assume traços espirituais e quase pessoais (*Ep.* 41, 1-2):

*Non sunt ad caelum eleuandae manus nec exorandus aedituus ut nos ad aurem simulacri, quasi magis exaudiri possimus, admittat: prope est a te deus, tecum est, intus est. Ita dico, Lucili: sacer intra nos spiritus sedet, malorum bonorumque nostrorum obseruator et custos; hic prout a nobis tractatus est, ita nos ipse tractat. Bonus uero uir sine deo nemo est: an potest aliquis supra fortunam nisi ab illo adiutus*

---

<sup>209</sup> Pratt, *op. cit.*, p. 100s.

*exsurgere? Ille dat consilia magnifica et erecta. In unoquoque uirorum bonorum [quis deus incertum est] habitat deus.*

Não é preciso elevar as mãos ao céu nem pedir ao ministro do culto que nos deixe formular votos ao ouvido da estátua do deus, como se assim nos fosse mais fácil sermos atendidos: a divindade está perto de ti, está contigo, está dentro de ti! É verdade, Lucílio, dentro de nós reside um espírito divino que observa e rege os nossos actos, bons e maus; e conforme for por nós tratado assim próprio ele nos trata. Sem a divindade ninguém pode ser um homem de bem; ou será que alguém pode elevar-se acima da fortuna sem auxílio divino? As decisões grandiosas e justas, é a divindade que as inspira. Em todo o homem de bem,

*qual seja o deus, ignora-se, mas existe um deus!* (Verg., *Aen.*, VIII, 352)

Como ocorre frequentemente, Sêneca não leva às últimas conseqüências essas intuições<sup>210</sup>, e assim não chega a rejeitar os dogmas estóicos. Uma afirmação do coro do *Édipo* deixa entrever a atuação de um deus quase pessoal, punindo algum crime não identificado:

*Non tu tantis causa periclis,  
non haec Labdácidas petunt  
fata, sed ueteres deum  
irae secuntur* (709-712)

Não és tu a causa de tamanhos perigos,  
não aos labdácidas visa  
este fado, mas antigas iras  
dos deuses os perseguem.

Apesar dos problemas apontados, o *Édipo* continua sendo um bom *exemplum* da doutrina estóica sobre a inexorabilidade do destino, sobre a validade das profecias, sobre o efeito deletério do medo e da ignorância, sobre a união simpatética de todo o cosmo, e sobre a atitude conveniente do homem face ao destino.

---

<sup>210</sup> Talvez reflexo ainda de sua devoção juvenil às práticas pitagóricas, cf. Grimal, P. *Sênèque*, p. 8.



### 3. AS IMAGENS

Antes de abordar especificamente a questão do uso das imagens no *Édipo*, convém dizer algo sobre seu emprego nas obras filosóficas do autor, uma vez que a diferença entre o tipo de imagens que aparece nelas e aquelas mais presentes nas tragédias pode fornecer subsídios para uma resposta à eterna pergunta sobre o papel das tragédias na obra senequiana.

Pode parecer contraditório o emprego de imagens e metáforas por parte de Sêneca, sua predileção pela retórica, incompatível com o papel de filósofo estóico, cujo discurso deve abster-se de todo e qualquer apelo às paixões. O próprio Sêneca (*Ep.* 114, 1) critica esse abuso:

*Quare quibusdam temporibus prouenerit corrupti generis oratio quaeris et quomodo in quaedam uitia inclinatio ingeniorum facta sit, ut aliquando inflata explicatio uigeret, aliquando infracta et in morem cantici ducta; quare alias sensus audaces et fidem egressi placuerint, alias abruptae sententiae et suspiciosae, in quibus plus intellegendum esset quam audiendum; quare aliqua aetas fuerit quae translationis iure uteretur inuerecunde.*

Qual a causa que provoca, em certas épocas, a decadência geral do estilo? De que modo sucede que uma certa tendência se forma nos espíritos e os leva à prática de determinados defeitos, umas vezes uma verborreia desmesurada, outras uma linguagem sincopada quase à maneira de canção? Porque é que umas vezes está na moda uma literatura altamente fantasiosa para lá de toda a verosimilhança, e outras a escrita em frases abruptas e com segundo sentido em que temos de subentender mais do que elas dizem? Porque é que nesta ou naquela época se abusa sem restrições do direito à metáfora?

Para entender essa crítica, é preciso analisar mais atentamente alguns de seus detalhes. O seu cerne é a *inflata explicatio*; como se sabe, a *explicatio* é a *narratio* desenvolvida<sup>211</sup>, e o papel da *narratio* é o *docere*<sup>212</sup>, o *delectare* e o *monere* sendo apenas auxiliares. Dessa forma, o discurso perde sua função primeira, que é a de transmitir um ensinamento (*demonstrandae rei causa*<sup>213</sup>), ficando restrito ao *delectare*. Os recursos retóricos que Sêneca enumera são a hipérbole (*sensus audaces et fidem egressi*), as *sententiae* demasiado obscuras (*sententiae ... in quibus plus intellegendum esset quam audiendum*) e as metáforas abusivas (*translationis iure uteretur inuerecunde*). Mas é importante notar que, nesta última passagem, Sêneca também fala do “direito à metáfora”, *translationis iure*. O filósofo, portanto, não recusa totalmente o emprego de recursos retóricos. De fato, numa de suas cartas a Lucílio ele defende o uso de metáforas pelos filósofos (*Ep.* 59, 6):

*Inuenio tamen translationes uerborum ut non temerarias ita quae periculum sui fecerint; inuenio imagines, quibus si quis nos uti uetat et poetis illas solis indicat esse concessas, neminem mihi uidetur ex antiquis*

<sup>211</sup> Cf. Cícero, *Part. orat.*, 31: *narratio est rerum explicatio*.

<sup>212</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>213</sup> *De ben.*, IV, 12, 1.

*legisse, apud quos nondum captabatur plausibilis oratio: illi, qui simpliciter et demonstrandae rei causa eloquebantur, parabolis referti sunt, quas existimo necessarias, non ex eadem causa qua poetis, sed ut imbecillitas nostrae adminicula sint, ut et dicentem et audientem in rem praesentem adducant.*

Encontro em ti, contudo, algumas metáforas que, sem serem audaciosas, são de certo modo atrevidas; encontro símiles – mas proibirem-nos o uso destas figuras a pretexto de que só nos poetas elas são legítimas, significa que se não leram os autores antigos, de uma época ainda não deformada pela obsessão da eloquência. Tais autores, embora falando com simplicidade e com a única preocupação de se fazerem entender, têm um estilo repleto de comparações, que, aliás, reputo necessárias aos filósofos, não pela mesma razão que aos poetas, mas como meio de superar as limitações da linguagem e de permitir, quer ao orador quer ao auditório, a apreensão directa da matéria em causa.

Mas isso ainda não elimina totalmente o problema que se impõe ao filósofo (especialmente ao estóico) ao empregar recursos da retórica, já que se considera que o poder de persuasão desta se fundamenta principalmente nas paixões<sup>214</sup>, condenadas de forma tão absoluta pelo estoicismo. Para eliminar essa incompatibilidade, é preciso refinar a questão da divisão da alma e de suas funções, conforme se pode depreender de algumas passagens da obra de Sêneca.

No *De ira*, I, 8, 3, Sêneca afirma:

*Non enim, ut dixi, separatas ista sedes suas diductasque habent, sed adfectus et ratio in melius peiusque mutatio animi est.*

Pois, como disse, estas não possuem sedes distintas e separadas, mas a paixão e a razão são mutações da alma para o melhor e para o pior.

Paixão e razão são ambas disposições da porção diretora da alma, o *principale* (tradução de *hegemonikon*), a primeira como um estado perverso e doentio, a segunda como sua manifestação sã<sup>215</sup>.

Mais tarde, na carta 92, Sêneca aparentemente se contradiz: *In hoc principali est aliquid irracionale, est et rationale*, “No elemento essencial da alma há uma parte irracional e outra racional” (§ 1); e depois: *Irrationalis pars animi duas habet partes, alteram animosam, ambitiosam, impotentem, positam in adfectionibus, alteram humilem, languidam, uoluptatibus deditam*, “A parte irracional da alma consta de duas partes: uma excitável, ambiciosa, impetuosa, toda entregue às paixões; outra rasteira, indolente, consagrada aos prazeres” (§ 8). O *principale*, a parte diretora da alma, portanto, estaria subdividida numa parte racional e numa irracional, e esta, por sua vez, subdividir-se-ia numa parte *positam in adfectiones* e noutra *uoluptatibus deditam*. A faculdade racional e a irracional da alma seriam distintas, e à segunda somente se refeririam

<sup>214</sup> Cf. Aristóteles, *Rhet.*, 1356a: “Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (trad. Manuel Alexandre Júnior, p. 49).

<sup>215</sup> Cf. Armisen-Marchetti, *op. cit.*, p. 47.

as paixões, numa concepção dualista da alma postulada por Posidônio, aparentemente inspirada em Platão<sup>216</sup>.

Mas um exame mais atento da passagem elimina essa aparente contradição. O problema está no termo *adfectio*, que normalmente é traduzido por “paixão” nessa passagem particular. Sêneca utiliza esse termo outras quatro vezes na sua obra: *non est hoc timor, sed naturalis affectio inexpugnabilis rationi*, “Não se trata de medo, mas de uma impressão, inteiramente natural, sobre a qual a razão não tem poder” (*Ep.* 57, 4); *Vitium esse uoluptatem credimus. Sit sane; ponere tamen illam solemus ad demonstrandam animi hilarem affectionem*, “É crença nossa que todo prazer é um vício. Seja; nem por isso deixamos de empregar o termo ‘prazer’ para denotar uma alegria interior” (*Ep.* 59, 1); *"ceu, cum frigore inhorruimus, tremor sequitur, sic terras quoque spiritus extrinsecus accidens quassat". Quod nullo modo potest fieri. Algere enim debet, ut idem illi accidat quod nobis, quos externa causa in horrorem agit. Accidere autem terrae simile quiddam nostrae affectioni*, “assim como, quando estremecemos de frio, um tremor se segue, assim também um sopro externo sacode a terra, atingindo-a’. Isto não pode de modo algum acontecer. Pois ela deveria sentir frio para que lhe aconteça o mesmo que a nós, a quem uma causa externa faz tremer. Mas sucede à terra algo similar às nossas afeições” (*NQ*, VI, 24, 4); *Vt scias per se expectandam esse grati animi adfectionem*, “Para que saibas que o sentimento da gratidão é algo que se deve desejar por si” (*Ben.* IV, 18, 1).

Em nenhum desses casos *adfectio* designa as paixões – o termo normalmente empregado por Sêneca para designá-las é *adfectus* –, mas apenas uma afeição involuntária da alma, incontrolável pela razão (*naturalis affectio inexpugnabilis rationi*), como o tremor associado ao frio. Essas reações involuntárias, que o homem (mesmo o sábio estóico) partilha com os demais animais, não são imorais (no sentido estóico do termo), mas amorais, não cabe sobre elas julgamento de valor. Elas podem servir de causa antecedente das paixões, mas a causa eficiente reside num julgamento errôneo da parte racional da alma. Esse refinamento da doutrina estóica foi introduzido por Posidônio para resolver o problema de como o *hegemonikon* (ou *principale* na tradução latina) pode passar a funcionar mal, sem a concorrência de causas externas, para dar origem às paixões. A alma comportaria, assim, uma parte irracional inata, o *pathetikon*, onde se situaria a origem das paixões, mas não as paixões em si, que ainda dependeriam de um julgamento errôneo<sup>217</sup>.

Da mesma forma que as *adfectiones*, que poderíamos traduzir por “emoções”<sup>218</sup>, podem afetar a alma, a imaginação pode suscitar reações semelhantes às da realidade (*De ira*, II, 3):

<sup>216</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 47.

<sup>217</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 49.

<sup>218</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 48.

*Hic subit etiam inter ludicra scaenae spectacula et lectiones rerum uetustarum. Saepe Clodio Ciceronem expellenti et Antonio occidenti uidemur irasci. Quis non contra Mari arma, contra Sullae proscriptionem concitatur? Quis non Theodoto et Achillae et ipsi puero non puerile auso facinus infestus est?*

Isto acontece até nos lúdicos espetáculos cênicos e nas leituras de histórias antigas. Frequentemente parecemos encolerizarmo-nos com Clódio a exilar Cícero e com Antônio a assassiná-lo. Quem não se subleva contra as armas de Mário, contra as proscricções de Sila? Quem não hostiliza Teódoto e Aquiles e ao próprio menino que ousou um crime que não é de menino?

É sobre as emoções, não sobre as paixões, que age a imaginação. Da mesma forma se explica a eficácia das *sententiae*, que tocam o espírito sem passar pelo julgamento da razão (*Ep.* 94, 43):

*Quis autem negabit feriri quibusdam praeceptis efficaciter etiam inperitissimos? uelut his breuissimis uocibus, sed multum habentibus ponderis:*

*Nil nimis.*

*Auarus animus nullo satiatur lucro.*

*Ab alio expectes alteri quod feceris.*

*Haec cum ictu quodam audimus, nec ulli licet dubitare aut interrogare 'quare?'; adeo etiam sine ratione ipsa ueritas lucet.*

Quem negará que há preceitos capazes de impressionarem fortemente mesmo as pessoas menos esclarecidas? Como por exemplo estes, tão parcos de palavras quanto ricos de conteúdo:

*“Nada em excesso”.*

*“Alma avara, nenhum lucro a sacia”.*

*“Espera dos outros o que aos outros fizeres”.*

Estas máximas atingem-nos como uma pancada, sem permitirem que duvidemos ou nos perguntemos porquê! Mesmo sem recurso à razão, a sua verdade aparece-nos com transparência.

Portanto, justifica-se o uso de recursos retóricos por parte do filósofo pelo fato de que eles não apelam à paixão – *adfectus* –, mas à emoção – *adfectio* –, na medida em que esta apela às “sementes da virtude” na alma do receptor e, dessa forma, sem se tratar propriamente de virtude, já que não nasce de um julgamento racional, reage ao vício e à virtude e pode dar impulso à vontade para o bem. A retórica tem seu lugar no discurso do filósofo, desde que não seja um fim em si mesma<sup>219</sup>.

As mesmas críticas ao emprego que Sêneca faz de recursos retóricos nas suas obras filosóficas são feitas às suas tragédias, já que, como elas seriam basicamente representações da paixão em suas diferentes manifestações, seriam incompatíveis com a gravidade esperada de um filósofo<sup>220</sup>. A resposta a isso, depois da exposição que precede, é evidente: não há incompatibilidade porque as tragédias não apelam às paixões, mas às emoções, e podem, portanto, fazer brotar as “sementes da virtude” no espectador (*Ep.* 108, 8-9):

<sup>219</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 52.

<sup>220</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 345.

*Facile est auditorem concitare ad cupidinem recti; omnibus enim natura fundamenta dedit semenque uirtutum. Omnes ad omnia ista nati sumus: cum irritator accessit, tunc illa animi bona ueluti sopita excitantur. Non uides quemadmodum theatra consonent quotiens aliqua dicta sunt quae publice adgnoscamus et consensu uera esse testamur?*

*Desunt inopiae multa, auaritiae omnia.*

*In nullum auarus bonus est, in se pessimus.*

*Ad hos uersus ille sordidissimus plaudit et uitii suis fieri conuicium gaudet: quanto magis hoc iudicas euenire cum a philosopho ista dicuntur, cum salutaribus praeceptis uersus inseruntur, efficacius eadem illa demissuri in animum imperitorum?*

Não é difícil levar um auditor ao desejo do bem; a todos nós a natureza deu, em potência, a semente da virtude. Todos nascemos com aptidão para toda espécie de bem; a influência desse bom instigador de consciência desperta as capacidades latentes do espírito para a virtude. Não vês tu como o teatro em peso aplaude sempre que se ouve alguma daquelas máximas que todos unanimemente reconhecemos e aprovamos como verdadeiras?

*“Raras são as posses dos pobres, nulas as dos avaros.*

*O avaro trata mal todos, e a si pior do que ninguém”.*

Até o mais sórdido dos espectadores aplaude ao ouvir estes versos, contente de ver os seus vícios assim condenados. Quanto maior não seria o aplauso se tais máximas fossem proferidas por um filósofo, sobretudo se tão nobres pensamentos fossem moldados em verso de modo a mais eficazmente a ideia ficar gravada no espírito dos não iniciados!

É tentador, depois da leitura dessa passagem, dar razão àqueles que vêm nas tragédias senequianas uma finalidade didática. Os argumentos a favor dessa visão são fortes, mas a análise do emprego de imagens nas obras filosóficas e nas tragédias coloca um problema:

As imagens são mais numerosas na parte mais técnica do tratado; elas se tornam raras nas páginas menos rigorosas (...). Nas partes em que elas abundam, as imagens estão a serviço tanto da progressão lógica como da persuasão (...). Mas, se as imagens da doença, do combate, da navegação, da vida financeira, se as imagens em geral são consideravelmente menos numerosas nas tragédias do que nas obras filosóficas, não seria precisamente porque as tragédias não são nem um meio didático nem uma tentativa de conversão ao estoicismo?<sup>221</sup>

As imagens das tragédias, além de serem menos numerosas do que as das obras filosóficas, são de grupos diferentes: enquanto nestas são mais comuns as imagens pertencentes aos campos da doença e da medicina, do combate, da navegação e tempestade e da vida financeira<sup>222</sup>, nas tragédias prevalecem as imagens do jugo e do freio<sup>223</sup>, das tempestades da alma e do fogo e do frio das paixões<sup>224</sup>. As imagens encontradas nos momentos mais propriamente didáticos das obras filosóficas estão presentes em muito menor número nas tragédias. Isto se explica em parte devido à diferente natureza dessas obras: enquanto nos tratados e cartas Sêneca se atém principalmente a exortar o leitor a tomar o

<sup>221</sup> *Id., ibid.*, p. 349.

<sup>222</sup> *Id., ibid.*, p. 347ss.

<sup>223</sup> No *Édipo* não há qualquer ocorrência dessa imagem em particular, talvez devido ao próprio caráter do protagonista, que não é dominado pelas paixões de forma tão avassaladora como outras personagens senequianas, como Medéia, Atreu, Fedra.

<sup>224</sup> Armisen-Marchetti, *op. cit.*, p. 351ss.

caminho da virtude estóica, nas tragédias ele representa personagens presas de diferentes paixões, e, assim, as imagens empregadas são aquelas que descrevem os movimentos da alma tomada de tais paixões. Outra explicação para a relativa escassez de imagens nas tragédias está na sua própria natureza; enquanto nas obras filosóficas cabe às imagens e metáforas apresentar certo conceito mais diretamente à mente do leitor, nas tragédias essa função é exercida em grande parte pela própria representação cênica. O gosto pelo elemento visual tão característico das obras em prosa encontra seu equivalente nas tragédias, levando Sêneca muitas vezes a representar diretamente cenas que os modelos gregos evitavam, como o suicídio de Jocasta ou o sacrifício dos bois:

O que nas obras filosóficas era confiado às imagens, acha-se aqui satisfeito pela representação cênica. Tragédia expressionista, portanto, em que o elemento figurativo e emocional preenche suficientemente o campo da consciência na ausência de imagens literárias<sup>225</sup>.

A seguir apresento um catálogo das imagens encontradas no *Édipo*:

O caminho	O caminho da vida:  <i>tuta me media uebat</i> <i>uita decurrens uia.</i> (890-1)  <i>omnia secto tramite uadunt</i> (987)
	O caminho da morte:  <i>mater nefanda. mors placet: mortis uia</i> <i>quaeratur. — Agedum, commoda matri manum,</i> (1031-2)
	O caminho da salvação:  <i>si quam salutis Phoebus ostendat uiam.</i> (109)
Os manes como nuvens	<i>exsanguie vulgus: ilico, ut nebulae leues,</i> (598)
Combate contra o infortúnio e a morte	<i>haud est uirile terga Fortunae dare.</i> (86)
A ruína do edifício do Estado	<i>status et cadentis imperi moles labet,</i> (84)  <i>Si te ruentes non satis Thebae mouent,</i> (512)
O peso dos deveres sociais	<i>exuere pondus nec recedentem opprimat:</i> (676)

<sup>225</sup> *Id., ibid.*, p. 365; cf. ainda Pratt, *op. cit.*, p. 161s.

	<p><i>tam <b>grauia</b> regna? (679)</i></p> <p><i>Solutus <b>onere</b> regio regni bonis (687)</i></p>
A morte de Laio como débito a ser pago	<i><b>soluenda</b> non est: illa quae leges ratas (942)</i>
A violência das águas como imagem das paixões	<i>ac mersus alte magnus <b>exundat</b> dolor. (924)</i>
O frio como imagem do medo	<p><i>torpor insedit per artus, <b>frigidus</b> sanguis coit. (224)</i></p> <p><i>noctemque ueram; <b>gelidus</b> in uenis stetit baesitque sanguis. saena prosiluit cohors (585-6)</i></p> <p><i>Et ossa et artus <b>gelidus</b> inuasit tremor: (659)</i></p> <p><i>gemitus et altum murmur, et <b>gelidus</b> uolat (922)</i></p>
O vento como imagem das vicissitudes da Fortuna	<i>ut alta <b>uentos</b> semper excipiunt iuga (8)</i>
A ferocidade do leão como imagem da loucura	<i>qualis per arua Libycus insanit <b>leo</b>, (919)</i>
O tratamento dos males exteriores	<i>Iners malorum <b>remedium</b> ignorantia est. (515)</i>
A agitação das ondas como imagem da alma achacada por males físicos ou morais	<i><b>fluctusque</b> non tot frangit Ionium <b>mare</b>, (603)</i>
A mordida do tempo	<i><b>edax</b> uetustas; illa, iam fessa cadens (536)</i>
A vida humilde como navegação calma	<p><i>Fata si liceat mihi fingere arbitrio meo, temperem Zephyro leui <b>ucla</b>, ne pressae graui spiritu <b>antennae</b> tremant: lenis et modice fluens aura nec uergens latus ducat intrepidam <b>ratem</b>; tuta me media uebat uita decurrens uia. (882-91)</i></p>
Nó	O encadeamento das causas: <i>quae <b>nexa</b> suis currunt causis. (990)</i>
	A dificuldade a resolver: <i>nec Sphinga caecis uerba <b>nectentem</b> modis (92)</i> <i><b>nodosa</b> sortis uerba et implexos dolos (101)</i>
A noite do erro e da dúvida	<i>inuenta thalamis digna <b>nox</b> tandem meis. (977)</i>

Pássaros como imagem dos mortos	<i>nec tanta gelidi Strymonis fugiens minas permutat hiemes <b>ales</b> et caelum secans tepente Nilo pensat Arctos niues, (604-6)</i>
A queda das folhas como imagem da morte	<i>non tot caducas educat <b>frondes</b> Eryx (600)</i>
Os Infernos como prisão	<i>Rupere Erebi <b>claustra</b> profundi (160) Dum nos profundae <b>claustra</b> laxamus Stygis, (401) et obsidentem <b>claustra</b> letalis lacus, (560)</i>
O rochedo como imagem da exposição aos males	<i><b>rupemque saxis</b> uasta dirimentem freta quamuis quieti uerberat fluctus maris, imperia sic excelsa Fortunae obiacent. (9-11)</i>
O mofo como imagem da deterioração da memória	<i>memoria longo lassa sublabens <b>situ</b>. (818)</i>
A altitude como imagem da hierarquia social	<i>iam te <b>minore</b> tutior pones <b>loco</b>. (677) quidquid <b>excessit</b> modum pendet instabili loco. (909-10)</i>
A cegueira das paixões	<i>tum torua Erinys sonuit et <b>caecus</b> Furor (590)</i>

Como se pode ver, é um número relativamente pequeno de imagens para os 1061 versos da peça. Isso não quer absolutamente dizer que o *Édipo*, como qualquer outra das tragédias senequianas, seja visualmente pobre. No catálogo estão listadas apenas as imagens formais, em que a palavra ou expressão designa um referente que não é o seu habitual. Mas, como já foi apontado anteriormente, Sêneca prefere empregar, nas suas tragédias, outros meios para alcançar a riqueza visual de que tanto gosta.

Mas antes de tratar desses outros meios, convém fazer algumas observações sobre certas imagens formais especialmente significativas na obra senequiana. A primeira que merece nossa atenção é a imagem do caminho, a mais freqüente nas obras filosóficas de Sêneca<sup>226</sup>, compreensivelmente, já que o *iter uitae*, o “caminho da vida”, com suas variantes, é o seu principal tema de reflexão. As ocorrências dessa imagem são muito numerosas para serem citadas, mas algumas considerações gerais bastam para deixar claro seu valor. Primeiramente, é um dos temas mais comuns de todo o pensamento antigo, não só do filosófico: a *media uia*, a via média, a vida humilde como a mais segura (vv. 890s.; cf. ainda *H.O.*, 675ss.), variante do *nil nimis*, do nada em excesso. Outro tema bastante comum é a identificação do

<sup>226</sup> Cf. Armisen-Marchetti, *op. cit.*, p. 361.



“caminho da vida” com o “caminho da morte”, paradoxo inerente à condição humana (*cf. Ep.* 12, 10; 22, 3; 24, 22; 29, 9; e muitos outros exemplos).

Outra imagem bastante comum na obra filosófica senequiana é a do combate, principalmente do combate contra a Fortuna (v. 86; *cf.* ainda v. 786: *Vt undique in me saeva Fortuna irruit!*, “Como, de todos os lados, contra mim a cruel Fortuna investe!”), ou seja, contra os acontecimentos exteriores, que o filósofo estoíco tem de aprender a suportar (*cf.* v. 83: *adversa capere*, “suportar as adversidades”; v. 681: *tibi iam necesse est ferre fortunam tuam*, “a ti já é necessário suportar tua Fortuna”). Este é também um tema muito comum em toda a filosofia antiga, desde Platão.

É mais proveitoso analisar os outros meios que Sêneca utiliza para acrescentar riqueza visual às suas tragédias. Um deles é o símile (ou comparação) homérico, que consiste numa comparação longa, de mais de um verso, introduzida por termos comparativos, subordinantes ou por advérbios<sup>227</sup>. Esse é um recurso próprio da poesia, principalmente da épica e da trágica. Os comparantes, nas tragédias de Sêneca, são sempre tirados dos mesmos domínios: “o mar, a vida animal, os espetáculos da natureza, o culto religioso e a mitologia”<sup>228</sup>:

*ut alta uentos semper excipiunt iuga  
rupemque saxcis uasta dirimentem freta  
quamuis quieti uerberat fluctus maris,  
imperia sic excelsa Fortuna obiacent.* (8-11)

Assim como os altos cimos recebem sempre os ventos,  
como os penhascos que com suas rochas dividem as vastas águas  
são vergastados pelas ondas do mar, mesmo calmo,  
assim os altos impérios enfrentam a Fortuna.

*imbrifera qualis implicat uarios sibi  
Iris colores, parte quae magna poli  
curuata picto nuntiat nimbos sinu  
(quis desit illi quine sit dubites color)* (315-8)

qual a chuvosa Íris se mescla em diversas cores  
e, arqueada sobre grande porção do céu,  
com seu arco colorido anuncia borrascas  
(qual cor falte ou qual tenha não podes saber),

*non tot caducas educat frondes Eryx  
nec uere flores Hybla tot medio creat,  
cum examen arto nectitur densum globo,  
fluctusque non tot frangit Ionium mare,  
nec tanta gelidi Strymonis fugiens minas  
permutat hiemes ales et caelum secans  
tepente Nilo pensat Arctos niues,*

<sup>227</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 355.

<sup>228</sup> *Id.*, *ibid.*.

*quot ille populos uatis eduxit sonus. (600-7)*

Não são tantas as folhagens cadentes que produz o Érice,  
nem tantas as flores que no meio da primavera Hibla cria,  
quando denso enxame em nuvem compacta se condensa,  
não são tantas as ondas que quebra o mar Jônio,  
nem tantas as aves que, fugindo das ameaças do gélido Estrimão,  
migram durante o inverno e, cortando o céu,  
trocam as neves árticas pelo tépido Nilo,  
quanto a multidão que ele, com sua voz de vate, conduziu para fora.

*qualis per arua Libycus insanit leo,  
fuluam minaci fronte concutiens iubam; (919-20)*

qual leão líbio que pelos campos se enfurece,  
a fulva juba sacudindo na ameaçadora frente;

*En ecce, rapido saena prosiluit gradu  
Iocasta uacors, qualis attonita et furens  
Cadmea mater abstulit gnato caput  
sensitue raptum. (1004-7)*

Ei-la, com passo rápido precipitou-se enfurecida  
Jocasta, ensandecida, qual a atônita e furiosa  
mãe cadméia que arrancou a cabeça do filho  
e apercebeu-se da presa.

Esse recurso é empregado principalmente para representar cenas que não podem ser mostradas diretamente ou para servir de comentário a algum acontecimento representado. Dessa forma, a especial vulnerabilidade dos reis diante da Fortuna é representada por um símile (vv. 8-11), assim como os manes evocados por Tirésias (vv. 600-7); Manto comenta as variações da chama sacrificial comparando-a ao Arco-Íris (vv. 315-8), e o *furor* de Édipo e de Jocasta depois da descoberta da verdade é comparado à selvageria do leão (vv. 919-20) e das bacantes (vv. 1004-7). Uma característica comum a quase todos os símiles senequianos é o movimento, que muitas vezes resulta em violência. Mesmos aqueles que aparentemente representam elementos estáveis, como montanhas ou rochedos (vv. 8-11), na verdade ilustram a “solidez ameaçada ou a fragilidade das coisas e dos seres”<sup>229</sup>. Os símiles são mais comuns nas falas de mensageiros (vv. 919-20), do coro (1004-7) e de personagens testemunhas (Manto: 315-8; Creonte: 600-7), e aparecem mais freqüentemente nos momentos de maior tensão dramática e emocional, que nas tragédias senequianas muitas vezes coincidem:

São as paixões que, nesse teatro, tomam o lugar da fatalidade trágica: os acontecimentos reagem às emoções, não o contrário. Assim, os episódios de tensão afetiva são uma preparação à ação que se vai encadear: a intensidade psíquica coincide com a intensidade dramática<sup>230</sup>.

<sup>229</sup> *Id., ibid.*, p. 360.

<sup>230</sup> *Id., ibid.*, p. 359.

Mas a força imagética nas tragédias de Sêneca não está só nesses recursos formais. A linguagem das tragédias é fortemente visual e apresenta um caráter dicotômico: controle-descontrole, segurança-insegurança, claro-escuro, limpo-sujo<sup>231</sup>. A linguagem espelha o tema central das tragédias: o embate entre paixão e razão, entre irracional e racional<sup>232</sup>. Um dos sintomas disso é o amplo emprego de termos relacionados ao campo semântico do fogo nas tragédias: 115 ocorrências de *ignis* (14 no *Édipo*); 92 de *flamma* (8 no *Édipo*); 76 de *fax* (4 no *Édipo*)<sup>233</sup>. Na maioria dos casos esses termos estão associados às idéias de violência e de morte<sup>234</sup>, resultantes do caráter irracional das personagens.

No caso particular do *Édipo*, o elemento irracional do protagonista reside no seu medo do destino, e dessa forma abundam na peça referências à sua insegurança<sup>235</sup> (*cf.* 15, 22-7, 31, 34, 71, 76-7, 206-9, 659, 764, 797, 800, 834; esses exemplos são todos tirados de falas do próprio Édipo). A dilaceração resultante desse embate entre razão e paixão não afeta somente os personagens das tragédias senequianas, ela afeta igualmente o mundo físico, através da união simpatética do cosmo<sup>236</sup>. O caráter irracional das personagens, principalmente do protagonista, leva à desintegração da ordem natural: *natura uersa est*, “a natureza está revirada” (v. 371). Várias passagens representam esse estado revolto da natureza: a descrição da peste, que deixa Édipo imune, v. 28-51; a Esfinge, que torna a afligir Tebas depois de morta, v. 92-107; os efeitos grotescos da peste, v. 124-200; a divisão das chamas do sacrifício, v. 314-23; a transformação do vinho em sangue, v. 324; a fumaça que envolve a cabeça de Édipo, v. 325-7; o estado antinatural das entranhas da vítima do sacrifício, v. 353-82; a vinda de monstros dos Infernos, seguidos pelo fantasma de Laio, v. 586-623; os prodígios acontecidos nos primórdios de Tebas, v. 724-44; a punição de Actéon, v. 751-61; Édipo incita deuses e homens a acabar com sua vida monstruosa, v. 868-78; Édipo afirma que a natureza alterou as leis da geração no seu caso e pede punições inéditas, v. 942-7. Segurado e Campos<sup>237</sup> analisa detalhadamente as características da peste conforme é apresentada no prólogo:

- Não existe ar fresco (= vida), mas apenas um calor mórbido (= morte), v. 37ss.
- Os rios estão sem água, v. 41
- As plantas perderam a cor, v. 41

<sup>231</sup> *Cf.* Pratt, *op. cit.*, p. 32.

<sup>232</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>233</sup> *Cf.* Segurado e Campos, “O simbolismo do fogo nas tragédias de Sêneca”, p. 188, n. 7.

<sup>234</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 246.

<sup>235</sup> *Cf.* Segurado e Campos, “Para uma interpretação do *Oedipus* de Sêneca”, p. 226.

<sup>236</sup> *Cf.* o verbete “Simpatia” em Reale, *op. cit.*, vol. V: “Indica em geral a relação recíproca subsistente entre as coisas, pela qual uma age estruturalmente sobre a outra e vice-versa. – a) Os estoicos valeram-se da concepção da simpatia cósmica – ou seja, da concepção segundo a qual as partes agem reciprocamente sobre partes e o todo con-sente consigo mesmo – para garantir a unidade do cosmo e para explicar numerosos fenômenos (...)”.

<sup>237</sup> *Op. cit.*, p. 228s.

- As fontes estão secas, v. 42ss.
- A lua tem uma cor desmaiada, v. 44
- O dia está encoberto, v. 45
- As estrelas não brilham, v. 46
- Um pesado nevoeiro abate-se sobre a terra, v. 47
- As searas morrem, v. 49ss.
- A morte dizima todos sem distinção de idade ou sexo, v. 53
- Os funerais não obedecem ao ritual, v. 56, nem sequer suscitam lágrimas, v. 57ss.
- Os pais enterram os filhos, v. 59ss.
- O fogo (fúnebre) não chega para todos e é objeto de disputa, v. 65
- Os túmulos são indistintos, v. 66
- Falta terra para os túmulos, falta lenha para as piras, v. 68
- Os próprios médicos morrem, v. 70

Essa “unidade orgânica”<sup>238</sup> que liga o indivíduo ao universo é uma das principais características das tragédias de Sêneca e explica em grande parte o gosto do autor pelas cenas de horror, inevitáveis dado o caráter das personagens. De certa forma, pode-se mesmo dizer que as tragédias senequianas são como são por causa desse mesmo fenômeno:

As tragédias de Sêneca, pese embora a todas as influências literárias sofridas e à tonalidade retórica que as envolve, e fosse qual fosse o objectivo imediato do seu Autor (representação cénica ou leitura pública), são acima de tudo uma meditação, uma análise da sociedade contemporânea em desagregação – análise de que vai resultar uma *Weltanschauung* desesperadamente pessimista<sup>239</sup>.

---

<sup>238</sup> Cf. Pratt, *op. cit.*, p. 50.

<sup>239</sup> “O simbolismo ...”, p. 187.

#### 4. A DESCRIÇÃO

Uma das características mais marcantes do teatro senequiano, quando se têm em mente as convenções da tragédia grega, é o extenso uso que nele se faz da descrição (no *Édipo*, por exemplo, cerca de metade da peça é composta de descrições). Vale aqui retomar a definição aristotélica de tragédia: “É a tragédia a representação dum ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções”<sup>240</sup>. Outro trecho da *Poética* explica melhor essa definição:

Com efeito, podem-se às vezes representar pelos mesmos meios os mesmos objetos, seja narrando, quer pela boca dum personagem, como fez Homero, quer na primeira pessoa, sem mudá-la, seja deixando as personagens imitadas tudo fazer, agindo. (...) Assim, dum modo Sófocles é imitador no mesmo sentido de Homero – pois ambos representam seres superiores – de outro, no mesmo sentido de Aristófanes, pois ambos representam pessoas fazendo, agindo.<sup>241</sup>

Conclui-se daí que a principal diferença entre epopéia e tragédia – uma vez que ambas representam seres superiores – é que esta deixa as personagens imitadas agirem na maior parte do tempo, enquanto naquela os feitos são mais comumente narrados, seja pela boca do próprio protagonista, seja pela de um terceiro. Mas quando se lê uma tragédia de Sêneca, nota-se a mistura desses modos de imitação.

Convém, primeiramente, fazer uma ressalva de ordem metodológica: não estou considerando aqui a diferença entre descrição e narração, mas tomo-as em conjunto para as opor ao que se poderia chamar de “modo dramático” (na falta de termo melhor), baseado na definição aristotélica da técnica trágica, em que os eventos são representados “com atores agindo, não narrando”. Normalmente se define descrição como o discurso interessado na impressão sensorial que o mundo provoca em nós; ela apresenta as qualidades de objetos, pessoas, eventos, ações; narração, por outro lado, é o discurso que representa a ação, a sucessão dos eventos no tempo:

A narrativa representa uma seqüência de eventos, a descrição representa um estado de coisas, uma coleção de objetos concretos, ou mesmo um evento se o objetivo não é narrar como o evento se desenrola mas descrevê-lo através de uma análise compreensiva de suas características individuais.<sup>242</sup>

<sup>240</sup> *Poet.*, 1449b; na tradução de Jaime Bruna, *A poética clássica*, p. 24; grifo meu.

<sup>241</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 21.

<sup>242</sup> Heinze, R. *Virgil's epic technique*, p. 311.

A diferença principal entre descrição e narração está, portanto, na sua relação com o tempo. Enquanto na narração é descrita uma seqüência de eventos no tempo, na descrição escolhe-se uma cena congelada no tempo, da qual se descrevem os detalhes. Daí a narração tratar normalmente de ações, e a descrição, de coisas.

É claro que na tragédia grega também se faz uso da descrição (entendida tradicionalmente), mas tentarei demonstrar aqui que não do mesmo modo nem na mesma intensidade que na tragédia senequiana. Para isso, escolhi dois dos motivos mais freqüentes e importantes do teatro de Sêneca, a descrição de lugares e de fenômenos meteorológicos e distúrbios do ambiente.

Um dos objetos de descrição mais típicos é o lugar. A retórica antiga tinha um termo próprio para esse tipo de descrição: *ekphrasis topou*. Os tragediógrafos gregos raramente se valeram desse recurso; as suas descrições de lugar eram geralmente muito breves e serviam apenas para localizar a cena; eram, portanto, um meio convencional de situar o espectador, e não quebravam a ilusão de realidade, a verossimilhança. Embora esse uso da descrição de lugar também ocorra nas tragédias senequianas, não é isso que me interessa aqui. Tratarei apenas das descrições mais extensas e detalhadas, que melhor se enquadram nas características da *ekphrasis topou*.

No *Édipo*, há duas passagens que atendem a esse requisito, ambas servindo de introdução para relatos de Creonte: a primeira, da consulta ao oráculo délfico (225-229); a segunda, da cerimônia de necromancia (530-547). Esta última passagem apresenta todas as características do *locus horridus*<sup>243</sup>: distância da civilização, v. 530<sup>244</sup>; presença de árvores antigas, enfatizando a eternidade do mundo inferior, v. 534s.<sup>245</sup>; uma das árvores sobressaindo-se às outras, v. 542ss.<sup>246</sup>; a escuridão, v. 530, 542s., 545, 549<sup>247</sup>; presença de um rio ou de uma fonte cuja água é impura ou vagarosa, v. 545-547<sup>248</sup>. Veja-se, por exemplo, a passagem equivalente na *Eneida*, a descrição da entrada dos Infernos:

*spelunca alta fuit uastoque immanis biatu,  
scrupea, tuta lacu nigro nemorumque tenebris,  
quam super haud ullae poterant impune uolantes  
tendere iter pennis: talis sese halitus atris  
faucibus effundens supera ad conuexa ferebat.  
[unde locum Grai dixerunt nomine Aornon.]*

<sup>243</sup> Cf. Larson, V.T. *The role of description in senecan tragedy*, p. 88.

<sup>244</sup> Cf. *Od.*, XI, 13ss.; Ovídio, *Met.*, VIII, 788; Valério Flaco, *Arg.*, III, 398ss.

<sup>245</sup> Cf. Vergílio, *Aen.*, II, 626, VI, 282; Lucano, *Bel. civ.*, III, 399; Estácio, *Teb.*, IV, 419s., VI, 93; Valério Flaco, *op. cit.*, I, 774; Sílio Itálico, *Pun.*, X, 532

<sup>246</sup> Cf. Apolônio Ródio, *Arg.*, IV, 1682; Vergílio, *op. cit.*, VI, 283; Ovídio, *op. cit.*, VIII, 743s.

<sup>247</sup> Cf. *Od.*, XI, 15ss.; Vergílio, *op. cit.*, VI, 208, 238, 268-272, 283, VIII, 242, 255, 599; Catulo, LXIII, 3, 32; Ovídio, *op. cit.*, XIV, 122; Lucano, *op. cit.*, III, 400; Estácio, *op. cit.*, IV, 420s., 424s., 427; Valério Flaco, *op. cit.*, I, 774s.; Sílio Itálico, *op. cit.*, XIII, 524

<sup>248</sup> cf. Vergílio, *op. cit.*, VI, 295-297; Ovídio, *op. cit.*, XI, 602-604; Lucano, *op. cit.*, III, 411s.; Sílio Itálico, *op. cit.*, XIII, 562s.

De amplo hiato espelunca alta e lapídea,  
 Fusca selva a munia e lago imano,  
 Sobre o qual transvoar impune as aves  
 Nunca puderam, tal das fauces turvas  
 Odor exala pelo azul convexo;  
 Donde em grego o lugar chamou-se Aórnon.

A descrição, como se vê, é breve e logo dá lugar à narração dos preparativos da Sibila para o rito. Mesmo quando se descrevem os Infernos, pouco adiante, a descrição constantemente se transmuta em narrativa, característica marcante da *Eneida*<sup>249</sup>. Nem mesmo a mais longa das descrições de lugar da *Eneida* (I, 159-167) atinge as dimensões das descrições senequianas. Vejam-se agora os exemplos mais significativos, levando em conta a extensão relativa dos excertos, da descrição de lugares na tragédia grega (tomei os exemplos dos prólogos e das falas de mensageiros, pois são essas as ocasiões próprias para a utilização desse recurso na tragédia grega):

- Ésquilo:

νήσος τις ἔστι πρόσθε Σαλαμῖνος τόπων,  
 βαιά, δύσορμος ναυσίν, ἦν ὁ φιλόχορος  
 Πάν ἐμβατεύει, ποντίας ἀκτῆς ἔπι. (*Persas*, 447-449)

Há uma ilha em frente às paragens de Salamina, pequena, de má ancoragem para as naus, cujas marinhas praias Pã, amante de coros, freqüenta.

Χθονὸς μὲν ἐς τηλουρὸν ἦκομεν πέδον,  
 Σκύθην ἐς οἶμον, ἄβατον εἰς ἐρημίαν. (*Prometeu Acorrentado*, 1s.)

Ao solo dos limites da terra chegamos, à terra dos citas, ao deserto não pisado.

τόνδε πρὸς πέτραις  
 ὑψηλοκρήμνοις (*Ibid.*, 4s.)

para estes rochedos de escarpados precipícios

φάραγγι πρὸς δυσχειμέρω. (*Ibid.*, 15)

a esse precipício açoitado por ventos

- Sófocles:

πύργοι μὲν, οἱ  
 πόλιν στέγουσιν, ὡς ἀπ' ὀμμάτων, πρόσω·  
 χῶρος δ' ὄδ' ἱερός, ὡς ἀπεικάσαι, βρύων  
 δάφνης, ἐλαίας, ἀμπέλου· πυκνόπτεροι δ'  
 εἶσω κατ' αὐτὸν εὐστομοῦσ' ἀηδόνες. (*Édipo em Colono*, 14-18)

---

<sup>249</sup> Cf. Heinze, *op. cit.*, p. 313.

as torres que protegem a cidade, a julgar pela vista, estão distantes. Este lugar é sacro, por certo, vicejante de loureiros, oliveiras, vinhas; rouxinóis de asas cerradas gorjeiam em seu interior.<sup>250</sup>

τὸ γὰρ παλαιὸν Ἄργος οὐπόθεις τόδε,  
τῆς οἰστροπλήγος ἄλσος Ἰνάχου κόρης·  
αὕτη δ', Ὀρέστα, τοῦ λυκοκτόνου θεοῦ  
ἀγορὰ Λύκειος· οὐξ ἀριστερᾶς δ' ὄδε  
Ἥρας ὁ κλεινὸς ναὸς· οἳ δ' ἰκάνομεν,  
φάσκειν Μυκήνας τὰς πολυχρύσους ὄρᾶν  
πολύφθορόν τε δῶμα Πελοπιδῶν τόδε, (*Electra*, 4-10)

Esta é a antiga Argos pela qual ansiavas, recinto da filha de Ínaco, picada pelo moscardo; e esta, Orestes, é a ágora licéia do deus matador de lobos; este, à esquerda, é o famoso templo de Hera; e aonde chegamos, podes ver a dourada Mícnas e a desgraçada casa dos Pelópidas,

ἀκτὴ μὲν ἦδε τῆς περιρρύτου χθονὸς  
Λήμνου, βροτοῖς ἄστιπτος οὐδ' οἰκουμένη, (*Filoctetes*, 1s.)

Esta é a falésia da terra de Lemnos, cercada pelo mar e jamais trilhada ou habitada pelos mortais.<sup>251</sup>

σκοπεῖν θ' ὅπου ἴσ' ἐνταῦθα δίστομος πέτρα  
τοιὰδ', ἴν' ἐν ψύχει μὲν ἡλίου διπλῆ  
πάρεστιν ἐνθάκησις, ἐν θέρει δ' ὕπνον  
δι' ἀμφιτρῆτος αὐλίου πέμπει πνοή·  
βαῖον δ' ἔνερθεν ἐξ ἀριστερᾶς τάχ' ἄν  
ἴδοις ποτὸν κρηναῖον, εἴπερ ἔστι σῶν. (*Ibid.*, 16-21)

e observar onde está a gruta de duas entradas, que permite, no inverno, a dupla entrada solar, e, no verão, através de ambas as aberturas da caverna, a brisa que envia o sono. Um pouco abaixo, à esquerda, talvez possas ver uma nascente d'água, se ela ainda estiver lá.<sup>252</sup>

ἀκτὴ τις ἀμφίκλυστος Εὐβοίας ἄκρον  
Κήναιόν ἐστιν, ἔνθα πατρώω Διὶ  
βωμούς ὀρίζει τεμενίαν τε φυλλάδα· (*Traquínias*, 752ss.)

Há um promontório rodeado de águas na Eubéia, cabo Cenaio, onde ele delimita um altar e um bosque sagrado para o Zeus de seus pais.

- Eurípides:

πάρειμι Δίρκης νάματ' Ἰσμηνοῦ θ' ὕδωρ.  
ὄρῳ δὲ μητρὸς μνήμα τῆς κεραυνίας

<sup>250</sup> Tradução de Cristiane P. Zaniratto.

<sup>251</sup> Tradução de Josiane T. Martinez.

<sup>252</sup> *Id.*



τόδ' ἐγγύς οἴκων καὶ δόμων ἐρείπια  
 τυφόμενα Δίου πυρὸς ἔτι ζῶσαν φλόγα, (*Bacantes*, 5-8)

para estar junto à fonte Dirce e às águas do Ismeno. Vejo o túmulo de minha mãe, a fulminada, perto do palácio, e as ruínas da sua morada, fumegantes com as chamas ainda vivas do fogo de Zeus.

ἦν δ' ἄγκος ἀμφίκρημον, ὕδασι διάβροχον,  
 πεύκαισι συσκιάζον, (*Ibid.*, 1051s.)

Havia um vale cercado de precipícios, banhado de regatos, sombreado por pinheiros,

ἐπεὶ δ' ἔρημον χῶρον εἰσεβάλλομεν,  
 ἀκτὴ τις ἔστι τοῦπέκεινα τῆσδε γῆς  
 πρὸς πόντον ἤδη κειμένη Σαρωνικόν. (*Hipólito*, 1198-1200)

Quando entramos na região deserta, há um litoral para além dessa terra que costeia o que já é o mar Sarônico.

ἦν τις διαρρῶξ κυμάτων πολλῶν σάλῳ  
 κοιλωπὸς ἀγμός, πορφυρευτικάϊ στέγαι. (*Ifigênia em Táurida*, 262s.)

Havia uma escarpa côncava, escavada pelo incessante movimento das ondas, abrigo para os pescadores de púrpura.

Παρνησιάδες δ' ἄβατοι κορυφαὶ (*Íon*, 86)

o cimo inacessível do Parnaso

σμύρνης δ' ἀνύδρου καπνὸς εἰς ὀρόφους  
 Φοίβου πέταται. (*Ibid.*, 89s.)

e da mirra seca o fumo voa até os tetos de Febo.

O uso da descrição de lugares nos prólogos das tragédias gregas e das senequianas não difere muito; sua principal função é situar a cena para o espectador. No *Édipo* não há nenhuma ocorrência desse tipo (tratarei dos efeitos da peste adiante), mas se podem encontrar usos semelhantes da descrição de lugar em outras tragédias de Sêneca: *Troades*, 15-17; *Phaedra*, 1-84; *Agamemnon*, 6-11; *Thyestes*, 107-121. O exemplo da *Phaedra* se destaca pela extensão, enquanto o extraído de *Thyestes* se distingue do uso normal da descrição de lugar nas tragédias gregas por apresentar a natureza com um aspecto sombrio e ameaçador, como que antecipando o desenrolar da peça.

Passarei agora à descrição dos fenômenos meteorológicos e distúrbios do ambiente. O prólogo do *Édipo* abre-se com a descrição de um sombrio nascer do sol (1-5); pouco adiante (37-51), inicia-se a descrição da peste com a enumeração dos seus efeitos sobre a natureza: falta de ventos, calor abrasante, seca, céu obscurecido, névoa pesada, ruína das searas. Nas duas passagens em que Creonte cumpre o

papel de mensageiro, narrando, primeiro, sua consulta ao oráculo délfico e, depois, o ritual de necromancia, há descrições de fenômenos antinaturais: na primeira dessas passagens (227-229), descreve-se a reação do monte Parnaso, do loureiro do templo e da fonte Castália à chegada de Creonte; na segunda (569-585), descreve-se o tumulto da natureza depois da invocação aos manes. Nas demais tragédias senequianas, podem-se citar os seguintes exemplos (extraídos somente dos prólogos e das falas de mensageiros): *Hercules furens*, 6-18, 123s.; *Troades*, 19-21, 170-180, 199-202; *Medea*, 28-31; *Phaedra*, 41-43, 1007-1054; *Agamemnon*, 53-56, 431-578; *Thyestes*, 49-51, 107-121, 696-702; *Hercules Oetaeus*, 67-73, 722-739. Vejam-se agora os exemplos extraídos das tragédias gregas:

- Ésquilo:

ἄστρον κάτοιδα νυκτέρων ὀμήγυριν,  
καὶ τοὺς φέροντας χεῖμα καὶ θέρος βροτοῖς  
λαμπροὺς δυνάστας, ἐμπρέποντας αἰθέρι  
[ἀστέρας, ὅταν φθίνωσιν, ἀντολάς τε τῶν]. (*Agamemnon*, 4-7)

Conheço bem a assembléia dos astros noturnos e aqueles que trazem o inverno e o verão para os mortais, luzidios senhores, distintos no Éter, [astros, quando se põem, e o seu nascimento.]

ὦ χαῖρε λαμπτήρ νυκτός, ἡμερήσιον  
φάος πιφάουσικων (*Ibid.*, 22s.)

Ó salve, archote da noite, luz que brilha como se fora dia

- Sófocles:

ὥς ἡμῖν ἤδη λαμπρὸν ἡλίου σέλας  
ἔῤῥα κινεῖ φθέγματ' ὀρνίθων σαφῆ  
μέλαινά τ' ἄστρον ἐκλέλοιπεν εὐφρόνη. (*Electra*, 17-19)

pois já o radiante brilho do sol desperta o matutino e claro canto das aves e a benévola escuridão dos astros nos deixou.

- Eurípides:

πᾶν δὲ συνεβάκχευ' ὄρος  
καὶ θῆρες, οὐδὲν δ' ἦν ἀκίνητον δρόμω. (*Bacantes*, 726s.)

toda a montanha se animou do furor báquico [com elas] e também as feras, nada ficou no lugar com a correria.

σίγησε δ' αἰθήρ, σῖγα δ' ὕλιμος νάπη  
φύλλ' εἶχε, θηρῶν δ' οὐκ ἂν ἤκουσας βοήν. (*Ibid.*, 1084s.)

Calou-se o Éter, o vale silvestre manteve as folhas em silêncio, e não ouvirias a voz dos animais.

ὦ νύξ μέλαινα, χρυσέων ἄστρον τροφέ, (*Electra*, 54)

Ó noite negra, nutridora dos dourados astros,

νῦν οὖν – ἕως γὰρ λευκὸν ὄμμ' ἀναίρεται – (*Ibid.*, 102)

E agora – pois a aurora ergue sua branca face –

ἔνθεν τις ἠχώ χθόνιος ὡς βροντὴ Διὸς  
βαρὺν βρόμον μεθῆκε, φρικώδη κλύειν· (*Hipólito*, 1201s.)

Lá um ruído ctônio, como o trovão de Zeus, emitiu um profundo estrépito, horrível de ouvir.

### **Ἄγαμέμνων**

τίς ποτ' ἄρ' ἀστήρ ὅδε πορθμεύει;

### **Πρεσβύτης**

Σείριος ἐγγύς τῆς ἑπταπόρου

Πλειάδος ἄσσων ἔτι μεσσήρης. (*Ifigénia em Áulide*, 7-11)

**Agamêmnon** Que astro é esse que cruza o céu?

**Velho** Sírius, que se precipita logo atrás das sete vias das Plêiades, ainda na metade de seu caminho.

### λευκαίνει

τόδε φῶς ἤδη λάμπουσ' ἠὼς

πῦρ τε τεθρίππων τῶν Ἄελιου· (*Ibid.*, 156-158)

Clareia já a aurora, fazendo brilhar o luminoso fogo dos quatro cavalos de Hélios.

ἄρματα μὲν τάδε λαμπρὰ τεθρίππων

Ἥλιος ἤδη λάμπει κατὰ γῆν,

ἄστρα δὲ φεύγει πυρὶ τῶδ' αἰθέρος

ἔς νύχθ' ἱεράν· (*Íon*, 82-85)

Essa carruagem luminosa de quatro cavalos, Hélios, já ilumina a terra, e os astros fogem desse fogo etéreo para a noite sagrada.

Quase todas essas passagens são descrições de fenômenos meteorológicos, cuja função principal é fornecer ao espectador uma noção de tempo, exceto os exemplos tirados das *Bacantes*, que mais se aproximam da prática senequiana, conferindo à natureza um caráter animado. Também é de notar que os exemplos tirados do *Agamêmnon* de Ésquilo não são propriamente descrições formais, pois têm um caráter mais abstrato.

Deve-se notar também uma diferença entre as representações da natureza nos prólogos e nos episódios das tragédias senequianas. Nos prólogos, ela é muitas vezes representada com um caráter

sombrio e ameaçador, mas não ainda abertamente hostil, como em geral ocorre nos episódios. Isso é indicativo da natureza dos prólogos senequianos, que procuram sugerir ao leitor/espectador uma “atmosfera” propícia para a peça, naturalmente sombria. Talvez se possa excetuar o prólogo da *Phaedra*, mas mesmo nele é possível encontrar alguns indícios de que as coisas não andam bem. A natureza, no teatro de Sêneca, é quase um personagem, de tal modo ela reage aos acontecimentos das peças.

Escolhi tratar apenas dos prólogos e das falas de mensageiros, já que é nesses momentos que mais se recorre à descrição, tanto na tragédia grega quanto na senequiana, mas vale fazer menção ao seu emprego em outros momentos das peças. Na primeira ode coral do *Édipo*, que descreve a peste que aflige Tebas, há uma passagem bastante extensa (133-179) em que são descritos os seus efeitos sobre a natureza. Nos coros das tragédias gregas, por outro lado, é muito raro encontrar-se esse tipo de descrição (tanto de lugar quanto de fenômenos meteorológicos ou de distúrbios do ambiente); o exemplo mais elaborado é o do *Rhesus* (527ss.), em que se descreve a chegada da aurora, e, pouco adiante (546ss.), o canto do rouxinol e os bandos de aves no Ida<sup>253</sup>. No segundo ato do *Édipo*, Manto descreve o sacrifício do touro e da novilha para Tírsias (303-383), com especial atenção para o estado antinatural das entranhas; essa passagem é o principal argumento para aqueles que defendem que as tragédias senequianas não foram compostas para encenação, devido às dificuldades técnicas intransponíveis que ela impõe – como, por exemplo, o comportamento da fumaça dos sacrifícios, que se adensa em volta dos olhos de Édipo –, além de ela apresentar-se como uma espécie de comentário da ação, descrevendo uma cena que, em princípio, estaria se desenrolando no palco. Como é de esperar, esse tipo de uso da descrição não se encontra nas tragédias gregas, com a notável exceção do *Prometeu acorrentado*, em que, no final da peça (1080-1090), Prometeu descreve o comportamento da natureza em vista do castigo de Zeus.

Uma comparação mais pontual entre o *Édipo* de Sêneca e o *Édipo rei* de Sófocles pode esclarecer um pouco mais essa diferença no emprego da descrição. Começemos com a peste, que é descrita tão detalhadamente na tragédia senequiana (33-70, 133-201). No *Édipo rei*, ela é pouco mais que mencionada, e não são dados muitos detalhes sobre seus efeitos:

φθίνουσα μὲν κάλυξιν ἐγκάρποις χθονός,  
φθίνουσα δ' ἀγέλαις βουνόμοις τόκοισι τε  
ἀγόνοις γυναικῶν· ἐν δ' ὁ πυρφόρος θεὸς  
σκήψας ἐλαύνει, λοιμὸς ἔχθιστος, πόλιν,  
ὕφ' οὔ κενοῦται δῶμα Καδμεῖον, (25-29)

morre no solo – cálices de frutas;

<sup>253</sup> Cf. Larson, *op. cit.*, p. 43.

morre no gado, morre na agonia  
do aborto. O deus-que-porta-o-fogo esfola  
a pólis – praga amarga –, despovoando  
as moradas cadméias.

O relato de Creonte acerca do oráculo délfico também reforça essa diferença. Como se viu, o Creonte senequiano introduz sua narração com uma descrição do ambiente em torno do oráculo e da reação da natureza à sua chegada; o Creonte sofocleano introduz o seu relato sobre a consulta sem qualquer descrição:

ἐσθλήν· λέγω γὰρ καὶ τὰ δύσφορ', εἰ τύχοι  
κατ' ὀρθὸν ἐξελθόντα, πάντ' ἄν εὐτυχεῖν. (87s.)

Um dito bom: se a adversidade acaso  
corrige o passo, em bem resulta o acaso.

Os seus únicos rodeios dizem respeito à presença dos suplicantes e ao caráter público ou privado do anúncio.

A atuação de Tirésias deixa ainda mais evidente a importância da descrição para Sêneca. Na tragédia senequiana, o adivinho não tem a força profética que o caracteriza na peça sofocleana, como ele próprio afirma: *fata eruantur; si foret uiridis mihi / calidusque sanguis, pectore exciperem deum* (297s.), “desvende-se o fado; se meu sangue fosse jovem e ardente, receberia no peito o deus”. Ele recorre, primeiramente, a um sacrifício e ao exame das entranhas das vítimas, descrito por Manto (303-383), e, tendo este expediente falhado, anuncia a necessidade de invocar a sombra do próprio Laio (390-399), cerimônia ricamente descrita por Creonte (530-658). Nenhum desses elementos pode ser encontrado no *Édipo rei*; na peça grega, Tirésias, depois de muito relutar, por motivos óbvios, enuncia clara e diretamente a interpretação do oráculo:

ἄληθες; ἐννέπω σὲ τῷ κηρύγματι  
ᾧ περ προεῖπας ἐμμένειν, κάφ' ἡμέρας  
τῆς νῦν προσαιδᾶν μήτε τούσδε μήτ' ἐμέ,  
ὡς ὄντι γῆς τῆσδ' ἀνοσίῳ μιάστορι. (350-353)

Verdade? Pois então assume os termos  
do teu comunicado: de hoje em diante,  
não fales mais comigo nem com outrem,  
pois com teu miasma contaminas Tebas!

Uma derradeira comparação pode ser feita entre a última fala do mensageiro das duas peças, em que é narrado o autocegamento de Édipo e, no caso da peça grega, o suicídio de Jocasta. Mesmo a fala do mensageiro sofocleano sendo excepcionalmente descritiva, alguns detalhes da fala correspondente no drama senequiano tornam-na ainda mais vívida. Enquanto o mensageiro sofocleano, para aludir ao

estado de espírito de Édipo, emprega apenas uma palavra: *περιπολοῦντ'* (1254), “no vai-e-vem”, o mensageiro senequiano descreve detalhadamente sua aparência:

*qualis per arua Libycus insanit leo,  
fuluam minaci fronte concutiens iubam;  
uultus furore toruus atque oculi truces,  
gemitus et altum murmur, et gelidus uolat  
sudor per artus, spumat et uoluit minas  
ac mersus alte magnus exundat dolor.* (919-924)

qual leão líbio que pelos campos se enfurece,  
a fulva juba sacudindo na ameaçadora frente;  
o semblante terrível pelo furor e os olhos ameaçadores,  
gemido e alto murmúrio, e gélido suor  
escorre pelos membros, espuma e revolve ameaças,  
e grande dor, profundamente imersa, extravasa.

A descrição do furar dos olhos segue a mesma nota. Mesmo ela sendo inusualmente descritiva em Sófocles:

τοιαῦτ' ἐφυμνῶν πολλάκις τε κούχ ἅπαξ  
ἦρασσ' ἐπαίρων βλέφαρα. φοίνια δ' ὀμοῦ  
γλῆναι γένει' ἔτελλον, οὐδ' ἀνίεσαν  
φόνου μυδώσας σταγόνας, ἀλλ' ὀμοῦ μέλας  
ὄμβρος χαλάζης αἵματοῦς ἐτέγγετο. (1275-1279)

Um hino funerário! E, abrindo as pálpebras,  
golpeava repetidamente os olhos.  
Pupilas rubras banham sua barba.  
Não era um gotejar sangüíneo, mas  
um chover de granizos-melanina.

a descrição do mensageiro senequiano (958-979) supera-a em detalhamento, beirando os limites do grotesco.

Resta analisar a função da descrição no teatro de Sêneca. Na tragédia grega, a descrição era empregada sobretudo para contornar dificuldades técnicas, fazendo parte da convenção do gênero<sup>254</sup>. Mas o seu uso era em geral breve e restrito, a maior parte da ação era reservada aos atores. As tragédias senequianas são relativamente estáticas, com longas descrições interrompendo o curso da ação. Pode-se descartar como razão disso a incompetência do autor em seguir os cânones do gênero: Sêneca era habilidoso o suficiente para fazer isso se o desejasse.

O motivo do uso da descrição por parte de Sêneca pode ser a função de suas peças. Se, como procurei mostrar no capítulo anterior, as tragédias de Sêneca não pretendiam ensinar pontos

<sup>254</sup> *Id., ibid.*, p. 9.

específicos da doutrina estoíca, não se pode negar a sua função parenética, moralizante. Para tanto, seria útil uma presença autoral mais forte do que a conferida pelo modo dramático tradicional, em que o espectador é posto diante de uma ação encenada por atores agindo, ficando as conclusões em grande parte sob sua responsabilidade. Com o uso da descrição e da narração, o autor pode dirigir mais eficientemente a interpretação do espectador para as conclusões desejadas<sup>255</sup>.

Dessa forma, a peste, por exemplo, que é somente mencionada no *Édipo rei*, recebe um extenso tratamento em dois momentos no início da peça senequiana (no prólogo do protagonista e na primeira ode coral), com especial atenção para seu caráter sobrenatural, visando a estabelecer o clima de horror que percorre todo o drama. Do mesmo modo, as cenas do sacrifício e da necromancia, detalhadamente descritas, reforçam essa sensação. Assim, o espectador ou leitor é levado a presenciar com horror sempre crescente o desenrolar da investigação, e é praticamente impelido à conclusão de que a resistência ao *fatum* é inútil e pode resultar em catástrofe. Na peça sofocleana, o espectador se condói com o destino do protagonista, mas no *Édipo* de Sêneca há pouco lugar para a compaixão, devido em grande parte ao efeito que as lúgubres descrições têm sobre o espectador. O comportamento de Édipo é posto no mesmo nível das alterações da natureza e é julgado sob o prisma de horror que elas impõem.

As descrições têm também influência no efeito dramático produzido pela peça. A tensão gerada por elas percorre todo o drama, desde seu início; não há, dessa forma, o *crescendo* dramático conduzido pelo desenrolar da investigação no *Édipo rei*, que culmina no momento da revelação da verdade. O impacto gerado por esse momento tem muito menos força no *Édipo* senequiano, devido principalmente ao horror que acompanha a peça desde os primeiros versos. O efeito moralizante e parenético que resulta daí é muito forte, pois cada ação dos personagens é interpretada levando em conta a atmosfera horrenda que as cerca. As alterações na ordem da natureza são signos do comportamento irracional – portanto, não natural – de Édipo.

---

<sup>255</sup> *Id., ibid.*, p. 55.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLLODORUS. *The library*. Trad. J. G. Frazer. Cambridge, Mass.; London: Harvard University, 1921. 2v. (The Loeb Classical Library; 121-122)
- APOLLONIUS RHODIUS. *Argonautica*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de H. Frankel. Oxford: Oxford University, c1961.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. M. Alexandre Jr. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1998.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad. J. Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ARMISEN-MARCHETTI, M. *Sapientiae facies: étude sur les images de Sénèque*. Paris: Belles Lettres, 1989.
- BURKERT, W. *Origini selvagge: sacrificio e mito nella Grecia arcaica*. Trad. M. R. Falivene. Bari: Laterza, 1992.
- CATULLE. *Poésias*. Texto estabelecido e traduzido por G. Lafaye. Paris: Belles Lettres, 1984.
- CICERO. *Rhetorica*. Vol. II. Estabelecimento do texto e anotações críticas de A. S. Wilkins. Oxford: Oxford University, 1903.
- CICERON. *Tusculanes*. Texto estabelecido por G. Fohlen e traduzido por J. Humbert. Paris: Belles Lettres, 1931. 2v.
- CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Trad. J. B. Solodow. Baltimore; London: Johns Hopkins University, 1994.
- DODDS, E. R. "On misunderstanding the *Oedipus rex*", in *Greece and Rome* 13, n. 1, abr. 1966. Republicado em BLOOM, H. (org.). *Modern critical interpretations: Oedipus rex*. New York: Chelsea House, 1988. pp. 35-47.
- EDELSTEIN, L. *The meaning of stoicism*. Cambridge, Mass.: Harvard University, 1980.
- ESCHYLE. *Eschyle*. Texto estabelecido e traduzido por P. Mazon. Paris: Belles Lettres, 1983-84. 2v.
- EURIPIDES. *Fabulae*. Ed. J. Diggle. New York: Oxford University, 1981-1994. 3v.
- GHIRA, D. "Il secondo stasimo dell'*Edipo re* (863-910)" in *Maia: rivista di letterature classiche*, fascículo III, ano LIV, set.-dez. 2002. pp. 531-541.
- HEINZE, R. *Virgil's epic technique*. Trad. H. e D. Harvey e F. Robertson. London: Bristol Classical Press, 1993.
- HERODOTE. *Histoires*. Texto estabelecido e traduzido por Ph.-E. Legrand. Paris: Belles Lettres, 1932-. 9v.

- HOMERE. *Hymnes*. Texto estabelecido e traduzido por J. Humbert. Paris: Belles Lettres, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Iliade*. Texto estabelecido e traduzido por P. Mazon. Paris: Belles Lettres, 1995-00. 4v.
- \_\_\_\_\_. *L'odissée: poésie homérique*. Texto estabelecido e traduzido por V. Berard. Paris: Belles Lettres, 1995-99. 3v.
- HORACE. *Opera*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de E. Wickham. New York: Oxford University, 1901.
- KITTO, H. D. F. *Greek tragedy*. London: Routledge, 1995.
- KNOX, B. *Édipo em Tebas*. Trad. M. Goldsztyrn. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LARSON, V. T. *The role of description in Senecan tragedy*. Frankfurt: Peter Lang, 1994.
- LIVIVS ANDRONICUS; NAEVIUS; PACUVIUS; ACCIUS. *Remains of old latin. Vol. II*. Ed. e trad. E. H. Warmington. Cambridge, Mass.: Harvard University; London: William Heinemann, 1982. (The Loeb Classical Library; 314)
- LUCANE. *La guerre civile (la pharsale)*. Texto estabelecido e traduzido por A. Bourguery e M. Ponchont. Paris: Belles Lettres, 1993-1997. 2v.
- LUCRECE. *De la nature*. Texto estabelecido e traduzido por A. Ernout. Paris: Belles Lettres, 1924. 2v.
- MARSHALL, F. *Édipo tirano: a tragédia do saber*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.
- MARTINEZ, J. T. *Filoctetes, de Sófocles: introdução, tradução e notas*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2003.
- OVIDE. *L'art d'aimer*. Texto estabelecido e traduzido por H. Bornecque. Paris: Belles Lettres, 1929.
- \_\_\_\_\_. *Les fastes*. Texto estabelecido e traduzido por R. Schilling. Paris: Belles Lettres, 1993. 2v.
- \_\_\_\_\_. *Les métamorphoses*. Texto estabelecido e traduzido por G. Lahaye. Paris: Belles Lettres, 1928-00. 3v.
- \_\_\_\_\_. *Tristes*. Texto estabelecido e traduzido por J. Andre. Paris: Belles Lettres, c1987.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Trad. W. H. S. Jones. Cambridge, Mass.; London: Harvard University, 1918-1955. 5v. (The Loeb Classical Library; 93, 188, 272, 297-298)
- PRATT, N. T. *Dramatic suspense in Seneca and in his Greek precursors*. Diss. Princeton (1935), Princeton, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Seneca's drama*. Chapel Hill: The University of North Carolina, 1993.

- PROPERCE. *Elégies*. Texto estabelecido e traduzido por D. Paganelli. Paris: Belles Lettres, 1929.
- PUCCI, P. *Oedipus and the fabrication of the father*. Baltimore: The Johns Hopkins University, 1992.
- REALE, G. *História da filosofia antiga*. Vol. III, IV e V. Trad. M. Perine. São Paulo: Loyola, 1998.
- REINHARDT, K. *Sophocle*. Trad. E. Martineau. Paris: Minuit, 1971.
- RODRÍGUEZ, M. S. (ed.). *Antología de los primeros estoicos griegos*. Madri: Alkal, 1991.
- ROSENMEYER, T. G. *Senecan drama and stoic cosmology*. Berkeley / Los Angeles: University of California, 1989.
- SANDBACH, F. H. *The stoics*. Indianapolis: Hackett, 1989.
- SCHLEIERMACHER, F. “Sobre os diferentes métodos de tradução”, trad. M. von Mühlen Poll, in HEIDERMANN, W. (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, 2001.
- SEGAL, C. *Sophocles’ tragic world: divinity, nature, society*. Cambridge, Mass.: Harvard University, 1995.
- SEGURADO E CAMPOS, J. A. “Para uma interpretação do *Oedipus* de Séneca: o prólogo” in *Euphrosyne*, XII, 1984. pp. 223-232.
- \_\_\_\_\_. “O simbolismo do fogo nas tragédias de Séneca” in *Euphrosyne*, V, 1972. pp. 185-247.
- SÊNeca. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- SENECA, L. A. *Ad Lucilium epistulae morales*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de L. D. Reynolds. Oxford: Oxford University, 1965. 2v.
- \_\_\_\_\_. *Lucius Annaeus Seneca Oedipus*. Introdução, texto, comentário e tradução de K. Töchterle. Heidelberg: C. Winter, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Seneca*. Trad. J. W. Basore et al. Cambridge, Mass.: Harvard University; London: William Heinemann, 1917-87. 10v. (The Loeb Classical Library; 214, 254, 310, 75-78, 450, 62, 457)
- \_\_\_\_\_. *Tragoediae*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de O. Zwielerlein. Oxford: Oxford University, 1986.
- SENEQUE. *Operum, moralium concordantia*. Ed. P. Grimal. Paris : Univ. de France, 1965-76. 7v.
- \_\_\_\_\_. *Questions naturelles*. Texto estabelecido e traduzido por P. Oltramare. Paris: Belles Lettres, 1929. 2v.
- \_\_\_\_\_. *Tragédies*. Texto estabelecido e traduzido por L. Herrmann. Paris: Belles Lettres, 1982. 2v.

- SILIUS ITALICUS. *Punica*. Trad. J. D. Duff. Cambridge, Mass. : Harvard University ; London : William Heinemann, 1934. 2v. (The Loeb Classical Library; 277-278)
- SMITH, W. (ed.). *Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Vol. II e III. London: Walton and Maberly / John Murray, 1859.
- SÓFOCLES. *Édipo rei*. Trad. T. Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SOPHOCLES. *Fabulae*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson. Oxford: Oxford University, 1990.
- STACE. *Thébaïde*. Texto estabelecido e traduzido por R. Lesueur. Paris: Belles Lettres, 1990. 3v.
- STRABO. *Géographie*. Texto estabelecido e traduzido por L. e R. Baladie. Paris: Belles Lettres, 1966. 9v.
- TACITE. *Annales*. Texto estabelecido e traduzido por H. Goelzer. Paris: Belles Lettres, 1938. 4v.
- THUCYDIDIS. *Historiae*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de H. Stuart Jones; aparato crítico corrigido e ampliado por J. Enoch Powell. Oxford: Oxford University, 1987-1991. 2v.
- VALERIUS FLACCUS. *Argonautica*. Trad. J. H. Mozley. Cambridge, Mass.; London: Harvard University, 1936.
- VIRGÍLIO. *A eneida*. Tradução de M. Odorico Mendes. São Paulo: Atenas, 1958.
- VIRGIL. *Opera*. Estabelecimento do texto e anotações críticas de R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University, 1969.
- VERNANT, J. P. & VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na grécia antiga*. Vv. trads. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ZANIRATTO, C. P. *Tradução, comentário e notas de Édipo em Colono de Sófocles*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2003.